



VEPOP-SUS

Este livro está sendo publicado com apoio do Projeto de Pesquisa e Extensão VEPOP-SUS – Vivências de Extensão em Educação Popular e Saúde no SUS.

Esse Projeto é uma iniciativa de apoio e fomento às experiências brasileiras de extensão universitária na linha da Educação Popular em Saúde, financiado pelo Ministério da Saúde a partir da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS (PNEPS-SUS).

Atua a partir de pesquisadores e consultores ancorados na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Uma de suas frentes de atuação é o apoio ao desenvolvimento e divulgação de publicações relevantes para o aperfeiçoamento da extensão universitária.

Com o Projeto PalhaSUS, tive o privilégio de conviver com processos educacionais e vivenciais, diante dos quais aprendi que, na formação em saúde, tão importante quanto aprender a fazer, é central aprender a ser e aprender a conviver com o outro e com a outra. Com base nessa perspectiva, a experiência do PalhaSUS ensina que o debate em torno da formação universitária em saúde precisa contemplar procedimentos que sejam capazes de aprimorar as relações humanas, na perspectiva de uma atitude amorosa, dialógica, solidária e democrática no que tange ao nosso protagonismo cotidiano.

Em cada vivência com o PalhaSUS, fui estimulado a me encontrar comigo mesmo e, nesse processo, repensar minha postura com as pessoas, o meu tocar, o meu acolher, o meu relacionamento com minhas comunidades de trabalho e de inserção pessoal. Aprendi a centralidade do brincar; de respeitar e incentivar os gostos artísticos, culturais e afetivos que fui construindo ao longo da minha vida.

Com o nascimento do meu Palhaço Cuidador, o Tonto, senti-me um educador e um ator social pleno, como nunca me senti em qualquer experiência educativa popular. Pude desvelar processos de atuação, sendo quem eu sou — profunda, intensa e plenamente. Desvendi trilhas pelas quais foi possível ir ao encontro das pessoas, com humor, amor, carinho, compromisso e fraternidade.

Aprendi a engajar-me nos processos formativos em contextos emancipatórios, sendo um humano por inteiro e promovendo por inteiro o humano no outro e na outra.



Pedro José Santos Carneiro Cruz
Professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Ministério da Saúde | SGEP | SGTES



EDUCAÇÃO POPULAR E FORMAÇÃO EM SAÚDE NA PERSPECTIVA DO PALHAÇO CUIDADOR

Estudo com base em um Projeto De Extensão

EDUCAÇÃO POPULAR E FORMAÇÃO EM SAÚDE NA PERSPECTIVA DO PALHAÇO CUIDADOR: ESTUDO COM BASE EM UM PROJETO DE EXTENSÃO

Aldenildo A. de Moraes F. Costeira



O “não”, para quem o recebe, geralmente remete a uma pergunta: “por que não?”. É algo que observamos muito por parte das crianças quando os pais lhes dizem não. O que aprendi de mais forte na Educação Popular durante minha caminhada até a oportunidade de lançar este livro é que, se o “não” não puder ser acompanhado de um “por que não?”, não teremos uma situação de educação não opressora.

Essa obra, fruto da minha dissertação de mestrado em Educação pelo PPGE/UFPB, é uma prova de que o “por que não?” é possível, até quando quem diz não é você próprio, ou melhor, eu mesmo. Eu dizia que não conseguiria realizar um mestrado. Então, alguém perguntava “por que não?”. Eu respondia: “porque gostaria de pesquisar algo com o qual estou diretamente envolvido, e meu distanciamento científico seria o mínimo”. Sendo assim, pensava que não.

Nesse contexto, apoiado pela minha orientadora, a Professora Elisa Gonsalves, e pelos coorientadores, Professores Luiz Gonzaga e Paulo Bareicha, aos quais sou muito grato, recebi muitos “sim”, “não”, “por que não?” e estímulos para prosseguir. Assim, agora só me resta concluir: por que não ofertar essa obra construída coletivamente à comunidade acadêmica, bem como ao público geral?

**EDUCAÇÃO POPULAR E
FORMAÇÃO EM SAÚDE
NA PERSPECTIVA DO
PALHAÇO CUIDADOR**

Estudo com base em um
Projeto de Extensão

EDUCAÇÃO POPULAR E FORMAÇÃO EM SAÚDE NA PERSPECTIVA DO PALHAÇO CUIDADOR

Estudo com base em um
Projeto de Extensão

Aldenildo Araujo de Moraes Fernandes Costeira

Editora do CCTA
2018



REITORA
MARGARETH DE FÁTIMA FORMIGA DINIZ
VICE-REITORA
BERNARDINA MARIA JUVENAL FREIRE DE OLIVEIRA



Diretor do CCTA
JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES

Vice-Diretor
ELI-ERI LUIZ DE MOURA



Conselho Editorial
CARLOS JOSÉ CARTAXO
GABRIEL BECHARA FILHO
HILDEBERTO BARBOSA DE ARAÚJO
JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES
MARCÍLIO FAGNER ONOFRE

Editor
JOSÉ DAVID CAMPOS FERNANDES
Secretário do Conselho Editorial

PAULO VIEIRA
Laboratório de Jornalismo e Editoração

Coordenador
PEDRO NUNES FILHO

Diagramação
AMANDA PONTES

Criação da capa
ANDERSON RIO BRANCO DE MENEZES

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

C839e Costeira, Aldenildo Araújo de Moraes Fernandes.
Educação popular e formação em saúde na perspectiva do
palhaço cuidador: estudo com base em um projeto de extensão
/ Aldenildo Araújo de Moraes Fernandes Costeira. - João
Pessoa: Editora do CCTA, 2018.
272 p. : il. -

ISBN: 978-85-9559-078-6

1. Educação Popular. 2. Palhaço Cuidador. 3. Formação
em Saúde. 4. Ensino – Extensão. I. Título.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 37.018.8



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS MÉDICAS
DEPARTAMENTO DE PROMOÇÃO DA SAÚDE

PROJETO DE PESQUISA E EXTENSÃO VEPOP-SUS
VIVÊNCIAS DE EXTENSÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR E SAÚDE
NO SUS

EQUIPE

Coordenação

Pedro José Santos Carneiro Cruz

Pesquisadores(as)

Ernande Valentin do Prado

Eymard Mourão Vasconcelos

Adriana Maria Macêdo de Almeida Tófoli

Daniela Gomes de Brito Carneiro

Darlle Soares Sarmento

Luana Jesus de Almeida Costa

Islany Costa Alencar

Luciana Maria Pereira de Sousa

Bruno Oliveira de Botelho

Emmanuel Fernandes Falcão

Dedico esse trabalho a meu pai Manoel Costeira, (in memoriam), pois, se não acreditasse em minha lucidez certamente não estaria escrevendo essas palavras.

A minha mãe Geny Costeira, por todo cuidado e carinho que pôde me ofertar. Aos meus irmãos, Alfredo e Adriana, que em nossas brincadeiras de infância alimentaram minha semente de palhaço. A minha esposa, companheira, cocriadora de muitas realizações, Janine Azevedo Nascimento. As minhas filhas Jessica Azevedo Costeira e Jade Azevedo Costeira, cujas presenças significam o Amor de Deus em nossas vidas. A todos os amigos de todos os tempos. E a todos os palhaços que desde os primórdios até hoje em dia só nos trazem alegria.



O Projeto de Pesquisa e Extensão VEPOP-SUS – Vivências de Extensão em Educação Popular e Saúde no SUS - é uma iniciativa de apoio e fomento às experiências de Extensão Universitária na linha da Educação Popular em Saúde, de maneira integrada com os espaços e sujeitos do Sistema Único de Saúde (SUS), bem como com os grupos, movimentos e iniciativas de saúde do campo popular no Brasil.

Este projeto constitui ação apoiada pela Política Nacional de Educação Popular em Saúde no SUS (PNEPS-SUS) com apoio do Ministério da Saúde, por meio da Secretaria de Gestão do Trabalho e Educação na Saúde (SGTES) e colaboração da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa (SGEP).

Em sua frente nacional vem atuando a partir de uma equipe operacional de pesquisadores e consultores ancorada na UFPB, com ações de articulação e integração entre as diversas iniciativas e experiências de extensão em Educação Popular e Saúde no país. Toda gestão se dá através de eventos, oficinas, encontros, difusão de informações, compartilhamento de publicações e materiais didáticos no campo da Educação Popular e do SUS. Pela promoção regular do Estágio Nacional de Extensão em Comunidades (ENEC) há uma oportunidade de vivências e experiências de estudantes de graduação de todo o país em práticas de Extensão orientadas pela Educação Popular nos espaços do SUS.

Uma de suas frentes de atuação é o apoio ao desenvolvimento de publicações em andamento e republicações de obras relevantes

no âmbito da Extensão Popular, da Educação Popular e da Formação em Saúde, assim como a divulgação de produtos referentes a pesquisas realizadas neste campo e de reflexões sobre estas práticas, no sentido de incentivar e aprimorar o registro, a pesquisa e a sistematização de experiências nas diferentes iniciativas em nível nacional. Os livros editorados, publicados e/ou impressos pela Coleção VEPOP-SUS podem ser encontrados no Portal ISUU: <<https://issuu.com/vepopsus>>

Por meio do VEPOP-SUS, espera-se estimular em todo o país a Educação Popular como expressão da construção de caminhos e novas práticas de saúde na formação dos profissionais, protagonizando o campo popular e os serviços públicos de saúde.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	15
CAPÍTULO 1 - VAI COMEÇAR O ESPETÁCULO	19
CAPÍTULO 2 - TRAJETÓRIA DE VIDA E O ENCONTRO COM O PALHAÇO CUIDADOR - SUJEITO DO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO	31
CAPÍTULO 3 - PALHAÇARIA, ARTE MILENAR – EIS QUE SURGE O PALHAÇO CUIDADOR, UM NOVO PAPEL SOCIAL	75
CAPÍTULO 4 - PALHAÇO CUIDADOR – UM CURINGA COM VÁRIAS POSSIBILIDADES	139
CAPÍTULO 5 - ARMANDO O CIRCO EM DIVERSAS COMUNIDADES	199
CAPÍTULO 6 - ANTES QUE A LONA FURE OU QUE O CIRCO PEGUE FOGO	225
CAPÍTULO 7 - FECHAM-SE AS CORTINAS, MAS O ESPETÁCULO NÃO PODE PARAR	255
REFERÊNCIAS	259
APÊNDICES	265
AGRADECIMENTOS	267
COLEÇÃO VEPOP-SUS	269

PREFÁCIO

Há alguns anos tive o prazer de conhecer Aldenildo em um Congresso de Psicodrama, e conversamos a respeito da palavra “sociatria”. A mesma não se encontra em dicionários. Foi criada na década de 60 por Jacob Levi Moreno, um psiquiatra que se interessava muito em promover atendimentos humanizados, que fizessem com que as pessoas se reunissem em grupos, discutissem seus problemas, fizessem escolhas e criassem soluções. Sociatria é um neologismo, uma palavra nova. Ela deriva de outras duas palavras em inglês, *social* e *psychiatry*: “sociatry”. Ou seja, algo como “psiquiatria social”, mas com a pretensão de ser uma nova psiquiatria e uma nova sociologia, como dois lados de uma mesma moeda. E assim, o autor desenvolveu o que denominou “métodos sociátricos”, que promovem atenção e cuidado em saúde através de intervenções terapêuticas no social.

Esse foi um dos autores mais citados no livro “EDUCAÇÃO POPULAR E FORMAÇÃO EM SAÚDE NA PERSPECTIVA DO PALHAÇO CUIDADOR: ESTUDO COM BASE EM UM PROJETO DE EXTENSÃO”. Mas a história dos neologismos perpassa todo o trabalho. Os resultados apresentados relacionam-se com a avaliação qualitativa dos alcances do Projeto de Extensão desenvolvido na Universidade de Paraíba desde 2010 no contexto da formação em saúde. O projeto chama-se PalhaSUS. Isso mesmo, nada de cedilha. O neologismo também objetiva diretamente a aproximação do Palhaço Cuidador com o Sistema Único de Saúde (SUS), a tal ponto que seja identificado como um membro nato da equipe de profissionais que se dedica à promoção de saúde no hospital público.

A ideia de palhaços em hospitais tem forte inspiração no exemplo de Patch Adams. Posteriormente, Paul Binder e Michael

Christensen fundaram, em 1977, o Big Apple Circus e criaram, em 1986, uma linha de pesquisa e ação a que denominaram “clown care”, formando palhaços que se especializaram em trabalhar em hospitais, especialmente em UTI e com vítimas de câncer. Após realizar lá uma formação como palhaço, Welington Nogueira fundou os “Doutores da Alegria” aqui no Brasil, em 1991. A partir de então, a arte da palhaçaria difundiu-se por todo o país, tendo ou não a formação e a supervisão dos grupos originais. O contexto do surgimento do PalhaSUS na Universidade Federal da Paraíba, imbuído dessas referências, nasce como uma iniciativa criativa de humanização de espaços de saúde, como é bem descrita por Aldenildo Costeira.

Em julho de 2010, é realizada a primeira “Oficina do Riso da UFPB”, já inscrevendo em sua constituição as marcas da multirreferencialidade e da interdisciplinaridade. Naquela ocasião, um dos participantes utilizou o nome PalhaSUS ao se referir aos participantes. Já em 2011, o grupo PalhaSUS foi instituído como Projeto de Extensão na UFPB e organizou-se em torno de cenários hospitalares públicos em João Pessoa. Atualmente, o próprio espaço de formação possui a vocação “cuidadora”, atentando para as idiossincrasias dos participantes em suas vicissitudes e limitações. Cuidar de si mesmo e do outro, prevenindo e enfrentando coletivamente situações estressantes, passou a compor o elenco de atividades oferecidas na Universidade. Rir (e aprender a rir de si mesmo), se não é “o melhor remédio”, é a melhor ação preventiva à labuta acadêmica cotidiana de ler, estudar, passar em provas e praticar.

Como se diz em latim, *librorum librorum generate* (livros geram livros), este livro é resultado da leitura atenta de diferentes outros livros e, principalmente, da experiência do Projeto PalhaSUS em João Pessoa/PB. Mais do que isso, é afirmação da presença do Palhaço Cuidador no contexto hospitalar. Além

de Moreno, o criador da sociatria, já citado, são referências o educador Paulo Freire, cuja presença em João Pessoa criou o Núcleo de Formação em Educação Popular vigente até hoje, e Nise da Silveira que, trabalhando no Rio de Janeiro, promoveu a humanização do atendimento psiquiátrico introduzindo a arte e o afeto como componentes do tratamento.

A palhaçaria defendida no livro impõe uma pedagogia popular do riso, do diálogo e da promoção da alegria, do bem-estar e da saúde coletiva. Esta relação entre arte e educação popular em saúde funcionou, como ressalta o livro, como ferramenta vivencial no processo de formação dos participantes, tanto como agentes transformadores da saúde pública, quanto como cidadãos que aprendem a cuidar uns dos outros para construir um mundo melhor.

A formação de agentes sociais de saúde, a partir de uma perspectiva lúdica, participante e engajada, permite a reflexão a respeito de seu ser-no-mundo, de nosso coletivo existencial e das iniciativas que podemos criar para enfrentar situações de sofrimento e dar um sentido de continuidade à vida. A pedagogia do palhaço oferece território para atuação não apenas no hospital, mas em todas as áreas sociais. De um modo ou de outro, sem a pretensão de se tornar um método sociátrico, a atuação do Palhaço Cuidador funda-se nos conceitos de criatividade e espontaneidade, de arte e leveza, de compromisso social e diálogo, integrando de forma convincente os referenciais adotados.

A quem se interessa por educação, por saúde, por sociatria, pela arte da palhaçaria... boa leitura.

Paulo Bareicha, março de 2018.

CAPÍTULO 1

VAI COMEÇAR O ESPETÁCULO

Esta pesquisa apresenta a sistematização de uma experiência de Educação Popular na formação universitária de profissionais de saúde, tendo como foco os aspectos pedagógicos construídos pelo Projeto de Extensão “PalhaSUS” da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no qual se privilegia a formação na perspectiva do “Palhaço Cuidador”. Parte-se da hipótese de que essa abordagem é importante no contexto das práticas de Educação Popular na Universidade, o que é ainda pouco explorado no conjunto das experiências vigentes e, timidamente, elaborado do ponto de vista acadêmico. Sendo assim, surge a necessidade de explorar aspectos, tais como: Qual o significado pedagógico da Educação Popular para a formação de profissionais de saúde na perspectiva dos palhaços cuidadores? Que mudanças no futuro profissional de saúde esse palhaço cuidador possibilita no sentido da construção de uma prática de Educação Popular? Que relação de cuidado estabelece com as pessoas que interagem? Buscou-se estudar estas questões a partir da experiência do PalhaSUS, visando contribuir na produção de conhecimentos sobre processos educacionais em saúde veementemente articulados com a humanização do cuidado, a participação cidadã e a construção de bases para uma ética e pedagogia da alegria.

1.1 MOTIVAÇÕES PARA O ESTUDO – ABREM-SE AS CORTINAS

O presente estudo nasce de uma trajetória cujo ponto de partida teve a UFPB como cenário, onde cursei Medicina e atuei no movimento estudantil, conhecendo iniciativas de extensão e trabalhos sociais acadêmicos vinculados a comunidades populares. Em 1991, este caminho prosseguiu com a residência em Medicina Preventiva e Social, na mesma instituição, onde pude aprimorar minha formação na busca de uma medicina integral, equânime e participativa, na medida em que adicionava novas inquietações e desafios em minha construção enquanto sujeito. Após a residência, tive a oportunidade de participar da construção da atenção básica à saúde no município de Quixadá - CE, estruturando o sistema municipal de saúde, tendo como ferramenta importante o Programa Saúde da Família (PSF), recém-criado pelo Ministério da Saúde.

Nessa minha incursão profissional no Ceará, inicialmente, em Quixadá e depois em Sobral, experimentei um ambiente de ideias inovadoras no contexto do trabalho, onde eram fomentadas práticas ditas alternativas (hoje denominadas complementares e integrativas), como fitoterapia, ações de Educação Popular, homeopatia, arte e saúde, as quais eram introduzidas nos fazeres das equipes.

Foi aí que me aproximei do teatro de rua, envolvendo-me com uma proposta de educação em saúde através desta ferramenta que possibilitou a participação de profissionais e pessoas da comunidade na construção de espetáculos e desenvolvimento de atividades como o Teatro Fórum nas ações de Educação Popular em saúde, com vistas à promoção de saúde. A partir daí e em outras experiências de trabalho,

continuei desenvolvendo este caminho com o teatro e com outras linguagens artísticas, mantendo o foco no setor da saúde.

Dialogando com o ator, diretor e palhaço popular Antônio Honorato, na Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia em Sobral - CE, surgiu uma reflexão sobre a figura do palhaço e seu potencial nos aspectos da humanização, em hospitais e outros serviços de saúde. Impactados pelo filme “*Patch Adams: O amor é contagioso*”, sobre o Palhaço Hunter, “Patch” Adams, essa reflexão nos levou a criar uma oficina de formação de palhaços, cujo público era formado por profissionais de saúde, na sua maioria vinculados ao Programa Saúde da Família (PSF).

Além de Hunter, “Patch” Adams, recebemos também a inspiração do trabalho dos Doutores da Alegria, grupo que foi criado no Brasil por Wellington Nogueira a partir da experiência com o ator americano Michael Christensen que, na década de 1980, foi um dos primeiros a levar de forma organizada e estruturada a arte do circo para os hospitais.

Esse foi o primeiro trabalho sistemático que realizamos com o foco na humanização do cuidado, o qual denominamos Oficina da Terapia do Riso. Em julho de 2004 no município de Sobral – CE, a primeira edição contou com a participação de trinta e dois profissionais de saúde, entre agentes comunitários de saúde, cirurgiões-dentistas, enfermeiros, fisioterapeutas e médicos, os quais foram selecionados no interior das equipes do Programa Saúde da Família do referido município.

A partir daí houve mais três edições no estado do Ceará, sendo uma com estudantes de medicina do *campus* de Sobral da Universidade Federal do Ceará, e uma em Fortaleza, para profissionais do Programa Saúde da Família.

Ao longo de cinco dias, os participantes passam por vários momentos na oficina, desde a constituição do grupo,

passando pelos aspectos de construção do papel e culminando com o nascimento dos palhaços. É utilizada uma metodologia que dá conta de três objetivos: trabalhar o arquétipo da criança interior e sua espontaneidade; desenvolver os aspectos cênicos e cômicos do palhaço; e, atuar no processo de humanização nos espaços de promoção e cuidados da saúde.

A partir de 2010, como docente no Departamento de Promoção da Saúde (DPS) do Centro de Ciências Médicas (CCM) da UFPB, propus a Oficina do Riso como ferramenta para prevenção de sofrimento psíquico e promoção de saúde mental aos estudantes de medicina da UFPB, atendendo também à necessidade de desenvolvimento de caminhos de cuidado na direção da humanização.

Atualmente, após a realização de seis oficinas na UFPB, com ampliação inicial para estudantes de outros cursos da área de saúde e de ciências humanas que atuam no setor saúde, e posteriormente para todos os cursos do *campus* I, temos um projeto de extensão chamado PalhaSUS, o qual envolve tais estudantes. Os palhaços egressos das oficinas atuam em cenários de práticas como o Hospital Universitário/UFPB, Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, Hospital Padre Zé, Hospital São Vicente de Paulo e Abrigo de idosos Vila Vicentina.

Os estudantes envolvidos com a oficina e com o projeto de extensão PalhaSUS têm avaliado sua importância nos aspectos da formação pessoal, caracterizando a própria oficina como um espaço de cuidado frente a situações estressantes na graduação, e o cultivo do papel do palhaço cuidador como uma ferramenta de manutenção desse autocuidado. Referem-se também, com a atuação do palhaço, os aspectos de melhoria na resposta do paciente ao tratamento estabelecido, e no desenvolvimento de sua relação de futuro profissional, facilitando a comunicação com os mesmos.

Nesse contexto, o estudo pretende, a partir da descrição sistemática do surgimento e do desenvolvimento do projeto de extensão, agregar novas reflexões no campo teórico da Educação Popular aplicada à formação universitária em saúde, na perspectiva dos estudos de Vasconcelos e Cruz (2011), Fleuri e Costa (2005), Melo Neto (2006). Nessa direção, o estudo buscou aprofundar um debate ainda tímido neste campo teórico, qual seja a utilização de caminhos metodológicos de cuidado em saúde orientados pela “palhaçaria”, na perspectiva da arte e da criatividade em cultura popular.

Busca-se, então, produzir conhecimentos que possam alimentar o debate em torno de caminhos para a Educação Popular, ao desenvolver nos estudantes em formação, habilidades artísticas e de comunicação relacionados ao atuar do palhaço e o favorecimento das relações humanas, na perspectiva de Masetti (2003) e Adams (2002). Busca-se ainda, possibilitar que a Educação Popular oportunize o desvelar de caminhos de formação em saúde pautados pelo cuidado humanizado, com a adoção de uma ética da alegria, na esteira das reflexões teóricas de Winnicott (1975).

O objetivo principal deste estudo é compreender os significados pedagógicos da abordagem do Palhaço Cuidador para a formação universitária a partir de uma experiência em Educação Popular. Tem como objetivos específicos: Contextualizar o processo histórico de origem e desenvolvimento metodológico da proposta de formação do Palhaço Cuidador; Explicitar as bases metodológicas da oficina de formação de Palhaços Cuidadores; Situar a origem e construção das Oficinas do Riso e do Projeto de Extensão PalhaSUS; Averiguar os elementos pedagógicos na ação do Palhaço Cuidador; e Identificar a percepção dos participantes e ex-participantes

do projeto de extensão PalhaSUS quanto aos significados do Palhaço Cuidador em sua formação.

Com a realização desta pesquisa, buscou-se contribuir na reflexão de como projetos de extensão popular, com foco de atuação nos espaços de cuidado e formação da saúde, influenciam na formação dos futuros profissionais. Trazendo a categoria recente do Palhaço Cuidador, busca também colaborar com a reflexão da prática deste novo papel social para os diversos profissionais e voluntários que têm desenvolvido ações de palhaçaria em espaços de cuidado e ambientes educacionais. Por fim, espera-se, para o próprio projeto de extensão PalhaSUS, que os resultados desta pesquisa contribuam com o aperfeiçoamento de suas futuras ações.

O primeiro capítulo deste trabalho consta das notas introdutórias, trazendo a apresentação dos objetivos do estudo, bem como das motivações para sua realização, e do percurso metodológico seguido. No segundo capítulo faço um resgate da história originária do PalhaSUS, ressaltando o contexto histórico de surgimento da Oficina do riso e do projeto de extensão, em consonância com a minha trajetória e com o protagonismo dos primeiros integrantes. O terceiro capítulo traz a arte milenar da palhaçaria e entra na sua interface específica com o cuidado, caracterizando o Palhaço Cuidador como um papel social concebido e desenvolvido no grupo PalhaSUS, a partir da Oficina do Riso, como evento de iniciação. Este papel social é explorado, no quarto capítulo, a partir de seus atributos relativos às dimensões do cuidado e da educação, numa perspectiva emancipatória e libertadora. O quinto capítulo traz as dimensões da estrutura organizadora e do funcionamento do projeto de extensão PalhaSUS, discutindo suas possibilidades de atuação. Em seguida, o sexto capítulo contempla os desafios e contradições enfrentadas, na perspectiva dos seus participantes.

O capítulo conclusivo apresenta os elementos observados, analisados e constituintes de uma reflexão sobre o projeto de extensão em estudo e que possam ser comunicados para outras experiências contribuindo em apropriações dos saberes produzidos.

1.2 PERCURSO METODOLÓGICO – BASTIDORES DO ESPETÁCULO

A presente obra foi construída com base em Dissertação de Mestrado construída e defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). O estudo no contexto da dissertação em questão foi desenvolvido com uma metodologia qualitativa em função da natureza do objeto estudado, a qual abrange o universo das relações humanas. Para tanto utilizamos a proposta metodológica conhecida como sistematização de experiência, definida como:

A interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionaram entre si e porque o fizeram desse modo. (HOLLIDAY, 2006 p.24).

Durante a execução dos procedimentos da pesquisa, em consonância com os seus objetivos, que se caracterizaram pela necessidade premente de contar a história do projeto, esse processo de natureza qualitativa, constituiu-se de uma memória educativa de Aldenildo – o palhaço Al. Como afirma Almeida:

No horizonte destas questões e na centralidade deste trabalho colocou-se a memória educativa do professor, pensada como um dos instrumentos mais valiosos e estimulantes de pesquisa, lugar de expressão da subjetividade na formação de sua identidade como educador; um material riquíssimo do qual, como sujeito histórico, só ele possui os registros. Identidade entendida como um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão, reconhecendo seus laços com a história de vida do sujeito e vicissitudes enfrentadas nas complexas relações entre objetividade e subjetividade em sua formação. (ALMEIDA, 2002).

Ampliar a compreensão sobre o PalhaSUS para pensar a continuidade das suas ações, e por observar a minha implicação com esta realidade, bem como a participação dos integrantes do projeto nas avaliações e tomadas de decisão. Passei a caracterizar este trabalho como uma pesquisa-ação. Ou seja, o processo caracterizado por uma sistematização de experiência passa a ter envolvimento dos bolsistas extensionistas e do colegiado gestor, composto por todos os membros ativos do projeto, tanto numa contribuição importante ao processo de análise da pesquisa, como na reflexão das decisões que precisavam ser tomadas pelo projeto no curso da investigação.

Esse entendimento e necessidade de ação se deram mediante às reflexões feitas a partir dos conteúdos emergidos pelo grupo focal, bem como pela investigação documental cujos relatórios de reuniões, possibilitou a análise de entendimentos de diversos protagonistas do projeto em diversas fases. O produto coletivo da pesquisa trata-se de contar a história do projeto, refletir e explicitar seus atos, consequências e resultados.

A pesquisa-ação caracteriza-se como:

[...] um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (Thiollent, 1986, p.14).

O campo da pesquisa constituiu o projeto de extensão denominado PalhaSUS, cuja origem e desenvolvimento tem ligação direta com a minha prática docente na Universidade Federal da Paraíba, e conta com a coconstrução direta dos estudantes participantes, pois, estes influenciam nos espaços de decisão dos rumos a serem tomados.

Este projeto é coordenado por mim, que sou professor do Departamento de Promoção da Saúde do Centro de Ciências Médicas e por uma médica palhaça cuidadora, e está aberto à participação de estudantes do *campus* I da Universidade Federal da Paraíba.

Desde sua origem, no ano de 2010, o PalhaSUS conta com uma média de 30 participantes ativos. Atualmente, seus membros atuam como Palhaços Cuidadores em cinco cenários de prática, sendo eles: O Hospital Universitário Lauro Wanderley (Alas A e B da Clínica Médica e Enfermaria Pediátrica), Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, Hospital Padre Zé, Casa de Acolhida Vila Vicentina e Hospital São Vicente de Paulo (enfermarias do Projeto Semente de Mostarda, enfermarias de cirurgia vascular e Clínica de Hemodiálise).

Particularmente no que tange à pesquisa que mobilizou informações e reflexões para tessitura deste livro, cabe ressaltar que os sujeitos da pesquisa foram todos os participantes ativos do projeto, no momento de sua realização, bem como antigos

participantes de suas diversas fases que foram certificados, ou seja, que atingiram 75%.

Cumpre destacar que a pesquisa englobou quatro frentes, sendo elas: revisão bibliográfica, pesquisa documental, grupo focal e formulário de registro. Porém, no percurso, encontramos dificuldade de inserir o formulário de registro em função das características da atuação nos cenários e do tempo previsto para coleta dessas informações na pesquisa.

A revisão bibliográfica englobou a pesquisa dos trabalhos produzidos no campo da arte, educação e saúde com foco na Educação Popular em saúde e ações de palhaçaria e palhaço cuidador. Esta foi realizada nas principais bases de dados bibliográficas, dando conta das questões norteadoras do processo de sistematização dessa experiência a partir dos objetivos estabelecidos. Foram encontrados 37 artigos, tendo como abordagem inicial a leitura dos resumos de todos eles. A partir daí priorizou-se a leitura de 12 artigos completos, considerando o critério de aproximação destes trabalhos com o tema da pesquisa, equacionando-se aqueles que se repetiam e esgotavam-se por não acrescentar novos elementos e os que traziam elementos novos para o tema.

Considerando a existência do Projeto de Extensão PalhaSUS desde agosto de 2010, foi procedida uma reconstituição histórica através da pesquisa documental, buscando acessar informações registradas em: relatórios de reuniões, produção científica, vídeos, informações em *sites* e redes sociais.

Articulado a este processo, foi montado um grupo focal com o objetivo de situar as interfaces e diálogos entre o Palhaço Cuidador e a Educação Popular, perspectiva fundante do projeto, e para reconstituir a memória da sua construção e desenvolvimento, o que possibilitou, a partir da oralidade, o resgate de situações ocorridas, porém, não registradas, bem

como evocou discussão de questões pertinentes aos objetivos dessa pesquisa. O grupo teve dois encontros gravados em áudio e vídeo, o primeiro de 120 minutos e o segundo de 150 minutos, os quais contamos com a participação de treze integrantes do projeto PalhaSUS, de diversas fases, e com representatividade dos diversos cenários de atuação, levando em consideração o envolvimento e a disponibilidade em participar da pesquisa.

Concluído o trabalho do grupo focal, realizei a transcrição do áudio das gravações e, em seguida, a revisão da mesma, mediante os registros em vídeo.

Concluído o trabalho de transcrição, foi realizado o ordenamento e numeração dos parágrafos, bem como a classificação das informações produzidas nessa etapa.

Em todo o material, foram preservadas as identidades dos participantes, sendo seus nomes substituídos pela letra P seguida de numeração consecutiva de um a treze.

CAPÍTULO 2

TRAJETÓRIA DE VIDA E O ENCONTRO COM O PALHAÇO CUIDADOR - SUJEITO DO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

Como pesquisador deste estudo, estou intimamente implicado de maneira dupla. Primeiro por estar estudando uma experiência de um projeto de extensão pautado no cuidado e na Educação Popular, em que estou envolvido na sua criação, seu desenvolvimento e processo de coordenação. Segundo, por que o Palhaço Cuidador a que estarei me reportando é fruto de minha trajetória de vida e profissional, o qual, ao me aproximar com a arte e a palhaçaria e, através do encontro com outros sujeitos, proporcionou a criação da oficina do riso e o surgimento deste palhaço, cujas características estão imbricadas com esta formação e o desenvolvimento pós-oficina.

Esta implicação, dentro de uma perspectiva investigativa pós-moderna, pode ser reconhecida e reforçada, desde que atente aos rigores, ampliando o olhar que inclui o pesquisador inserido na realidade. Gonsalves aponta esta questão:

No processo de investigação científica, não estamos mais a falar do outro. Estamos discorrendo, também, sobre nós mesmos, pesquisadores e pesquisadoras, já que colocar o outro no nosso campo visual tem o significado de uma auto-reflexão sobre a nossa imagem, com base naquela construída pelo outro. Esse aspecto precisa ser melhor evidenciado. (GONSALVES, 2004, p.76).

Este Palhaço Cuidador tem uma identidade própria, fruto desta trajetória histórica e do encontro dos cocriadores, e das relações entre as pessoas que vão construindo o projeto cotidianamente.

Neste sentido, trago o paralelo do surgimento desta identidade com a teoria de Jacob Levy Moreno (2006), médico, psiquiatra, criador do psicodrama, relativa ao desenvolvimento da psique da humana.

Este palhaço, então, tem uma matriz de identidade na historicidade em que eu e os outros cocriadores estamos presentes. Termo aqui referenciado de J. L. Moreno que quer dizer:

Essa coexistência, co-ação e co-existência que, na fase primária, exemplificam a relação do bebê com as pessoas e as coisas à sua volta, são características da *matriz de identidade*. Essa matriz de identidade lança os alicerces do primeiro processo emocional da criança. (MORENO, 2006, p. 112).

De tal forma que os elementos de desenvolvimento do Palhaço Cuidador e do projeto de extensão PalhaSUS, ainda dentro do conceito de matriz de identidade, constitui a placenta social deste palhaço.

A matriz de identidade é a placenta social da criança, o *locus* em que ela mergulha suas raízes. Proporciona ao bebê humano segurança, orientação e guia. O mundo em torno dele é denominado o primeiro universo, porquanto possui muitas características que o distinguem do outro, o segundo universo. A matriz de identidade dissolve-se gradualmente, à medida que

a criança vai ganhando em autonomia – isto é, desenvolve-se um certo grau de auto-arranque numa função após outra, tais como a alimentação, a eliminação, a capacidade de agarrar coisas e a locomoção; começa a declinar a sua dependência dos egos auxiliares. Primeiro universo termina quando a experiência infantil de um mundo em que tudo é real começa se decompondo em fantasia e realidade. Desenvolve-se rapidamente a construção de imagens e começa tomando forma a diferenciação entre coisas reais e coisas imaginadas. (MORENO, 2006, pp. 114-115).

Placenta social essa que traduz características próprias a esse palhaço e conseqüentemente uma singularidade em relação aos diversos tipos de palhaços existentes.

2.1 BRINCADEIRAS DE INFÂNCIA E JUVENTUDE EM CENÁRIO DE DESEJO DE MUDANÇAS

Durante a infância, apesar de ser uma criança tímida, havia momentos em que me soltava em brincadeiras alegres com familiares, dizendo coisas engraçadas, fazendo “presepadas”, e em função disto, muitas vezes, ouvia por parte de alguns a frase, “este menino é um palhaço”. Nunca imaginaria, até um determinado momento da minha vida, que realmente um dia eu me tornaria um palhaço. Mais ainda, que este palhaço seria desenvolvido a partir de uma perspectiva de uma formação criada e planejada com minha participação ativa, cujo envolvimento inicial seria em ministrar esta formação, mas, que no curso desta formação, este palhaço fosse nascendo dentro de mim.

Antes de contar um pouco deste momento, gostaria de trazer o contexto de minha formação acadêmica e profissional, que teve como partida o cenário da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), onde cursei Medicina e atuei no movimento estudantil, conhecendo e participando de iniciativas de extensão e trabalhos sociais acadêmicos vinculados a comunidades populares.

A escolha do curso de medicina se deu numa sequência de interesse por profissões que gosto de narrar da seguinte forma. Quando criança, em mais tenra idade, tinha visto um lindo carro de bombeiros cruzando uma rua do centro da cidade de João Pessoa-PB e pensei: quero ser bombeiro para salvar vidas. Falei ao meu pai e ele sorriu. Mais à frente, ao ganhar um radinho de pilha destes portáteis, uma novidade na época, ele caiu no chão, apartando-se em alguns componentes. Após ter conseguido consertá-lo, pensei então, “quero ser engenheiro eletrônico”. Passaram-se mais alguns anos, e por ocasião das solenidades de formatura do meu irmão no curso de Agronomia, visitei o *campus* universitário de Areia-PB, e observando pedras no canteiro, tipo seixos, coletei algumas unidades e concluí: “vou ser geólogo”. Por último, já no 2º. grau, ensino médio de hoje, resolvi colecionar uma enciclopédia que era vendida nas bancas, fascículos semanais, chamada medicina e saúde, a qual me proporcionou uma leitura empolgante e talvez tenha determinado a escolha pela medicina, mais uma vez, colocando-me como um possível salvador de vidas.

Prestei no vestibular no final de 1982, como era chamado o processo seletivo à época, logrando êxito. Começava, assim, mais uma etapa importante da minha vida. Lembrando a primeira aula, cheguei ao bloco da anatomia percorrendo o “corredor da morte”, onde talvez de forma mais concreta me colocava frente a frente com ela, caracterizada pelos ossos e

esqueletos e o odor de formol. Estava assim diante de um curso com muitas “cadeiras”, com muitas informações, e partindo o homem, segmentando o corpo em sistemas, em estruturas, tecidos e células, tudo bem compartimentalizado, o saber. Esta realidade já me fazia questionar: por que o conhecimento tem que se dar desta forma? Tanta memorização, que com o tempo uma parte significativa é esquecida; por que não se trabalha o conhecimento de forma mais construtiva? Questionamentos que perduram até hoje, pois, apesar de avanços na estrutura curricular, o curso médico continua com estes mesmos dilemas, pelo menos na realidade em que estou envolvido como docente.

Recordo-me, neste período, de minha vida acadêmica no movimento estudantil, em que nos organizávamos nas lutas pela melhoria da qualidade da educação e do ensino médico. Ao mesmo tempo o movimento enfrentava a ditadura militar pressionando pelo seu fim. Mesmo que a repressão tivesse diminuído, os processos autoritários e repressivos continuavam tentando coibir a organização do movimento.

À época, esta não era a única preocupação que me incomodava, mas o fato da elitização do curso médico. Havia muitos colegas, filhos de médicos, já futuros especialistas, e uma universidade distanciada da comunidade. A preocupação do movimento estudantil e docente era com as ameaças de privatização da universidade, de uma universidade estruturada nos moldes do famoso projeto MEC-USAID. Todas essas questões e o fato de começar a entender que vivíamos uma ditadura militar, fez com que o “vírus” que me contaminou no primeiro grau voltasse à atividade. Pois minha primeira participação, de forma organizada foi no Centro Cívico do Colégio Estadual Pedro Augusto Porto Caminha (antigo ABC), quando apesar da ditadura militar, período no qual eu não tinha muita clareza do que estava acontecendo no Brasil, juntamente com alguns colegas,

conseguimos ganhar uma eleição com a chapa chamada “Partido do Amanhã Livre”, que considero o momento da contaminação com este vírus da militância política, que vai marcar diversos momentos da minha vida.

Nesta época o Centro Acadêmico de Medicina era controlado por militantes de práticas individualistas cujo principal interesse era apoiar um coordenador corrupto que beneficiava estudantes influentes, filhos de médicos ou políticos importantes da Paraíba, com matrículas em choque de horário e sem obedecer aos pré-requisitos das disciplinas. Isto levou um grupo de estudantes, e eu estava no meio, a lutar pela direção do centro acadêmico, com um discurso de moralização e de construção de um curso voltado ao interesse da comunidade. Conseguimos ganhar as eleições. A partir daí foram muitas lutas e muitas conquistas. Pressionamos, e fomos o primeiro curso da Universidade a fazer eleições diretas para coordenador. Lutamos contra o governo Figueiredo e suas investidas contra a Universidade.

Fazíamos um ou outro movimento importante dentro do movimento estudantil dos cursos de saúde, iniciado pelo centro acadêmico de medicina, onde militei com um grupo de colegas inconformados com o papel do ensino médico distanciado das necessidades da maioria da população. Tratava-se da tentativa de construir uma ação de extensão dentro de uma comunidade da periferia de João Pessoa conhecida como Favela do Bairro dos Ipês.

Víamos à realidade da pobreza, da dominação e manipulação de uma política assistencialista e populista do governo estadual da época, e a ausência de uma política pública de saúde, já que só as pessoas que eram formalmente empregadas tinham acesso aos serviços públicos através do antigo INAMPS (Instituto Nacional de Previdência Social).

Estudantes de diversos cursos, juntamente com recém-formados oriundos do movimento estudantil criavam nessa época o Núcleo de Atuação Comunitária, apoiados por alguns professores que se aproximaram pela potência desta ação, como o Professor Eymard Mourão Vasconcelos, que nos trazia os conteúdos da Educação Popular, e a Professora Rinalda Oliveira, do curso de fitoterapia.

Esta era a nossa ação fomentada pela nossa perplexidade diante de uma realidade, gênese de adoecimento e mortes evitáveis, de um governo militar distanciado dos interesses populares, e de um ensino público superior distante desta realidade, com uma formação extremamente especialista e um hospital escola descomprometido com a população. Parte considerável de seus docentes e profissionais tinham outros interesses, no sentido de favorecer seus empreendimentos na cidade, e, portanto, vendo um pleno funcionamento do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW) como uma ameaça aos seus interesses privados.

Nossa leitura desta realidade perpassava também, já nesta época, pela preocupação com a formação médica, inclusive que pudesse levar a refletir uma reforma curricular a partir deste embrião de extensão universitária, no exercício de uma prática de Educação Popular, marcada pela aproximação e diálogo do saber científico com o saber popular.

Nesta ação de extensão, um processo ainda marginal na Universidade, íamos em busca de compreender as dinâmicas da vida da população excluída, seus modos de vida, sua organização, seu processo saúde-doença, e buscar uma ação prática para, juntos com as pessoas da comunidade, contribuir em mudanças ou uma ampliação de nossas consciências.

As leituras marxistas, anarquistas, freirianas, existencialistas, presentes em diversas correntes, moviam nossas reuniões e rodas de conversas.

No entanto, havia muitas vezes uma estreiteza em nossa atuação, pois, a luta ficava restrita à disputa de dois campos, de duas trincheiras bem definidas, esquerda *versus* direita, socialismo *versus* capitalismo, e acreditávamos que era necessário fazer uma transformação profunda e, muitas vezes, acreditávamos que passaria pela luta armada.

E neste cenário, eu ia dando conta das exigências formais da graduação e de uma militância caracterizada por uma formação alternativa e de busca por uma intervenção na realidade. Isto dava sentido a nossas práticas.

2.2 DESBRAVANDO NOVOS TERRITÓRIOS - UM NÔMADE AO ENCONTRO COM A ARTE

Em 1991, este caminho prosseguiu com a residência em Medicina Preventiva e Social, na mesma instituição, onde pude aprimorar minha formação na busca de uma medicina integral, equânime e participativa, na medida em que adicionava novas inquietações e desafios em minha construção enquanto sujeito. Após a residência, tive a oportunidade de participar da construção da atenção básica à saúde no município de Quixadá - CE, estruturando o sistema municipal de saúde, tendo como ferramenta importante o Programa Saúde da Família (PSF), recém-criado pelo Ministério da Saúde.

Nessa minha incursão profissional no Ceará, inicialmente, em Quixadá e depois em Sobral, experimentei um ambiente de ideias inovadoras no contexto do trabalho, no qual se fomentavam práticas ditas alternativas (hoje denominadas complementares ou integrativas) como fitoterapia, ações de

Educação Popular, homeopatia, arte e saúde, as quais eram introduzidas nos fazeres das equipes.

Nessa vivência em Quixadá, tive a aproximação com o teatro, mais especificamente o Teatro de Rua, uma vez que na equipe tinha uma médica atriz, Vera Dantas e seu marido, na época, ator e diretor de teatro Hélio Júnior, e através da amizade com eles fomos eu e Janine Nascimento, minha esposa e médica, nos aproximando do Teatro e iniciando nossas primeiras intervenções artísticas. Particpei do espetáculo de rua “Em Cima da Bucha”, que contava a história do município de Quixadá-CE e da implantação do SUS (Sistema Único de Saúde) neste município, onde fiz o papel do Velho Cedro (primeiro açude público do Nordeste construído, ainda na época do império, próximo a um monólito em forma de galinha choca). Particpei ainda de uma peça que contava a história da implantação do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial) e da rede de Saúde Mental do município. Além disso, nas terças-feiras, ao longo de vários meses, organizava e participava de um Sarau Poético no bar Quixabar, onde, em ambiente de boemia, e com o mote “o que é que eu vim fazer em Quixadá”, eu declamava, em improvisos, poesias que tratavam de situações do cotidiano da minha vida, do trabalho e da cidade, junto com tantos outros participantes.

Esta experiência ia aquecendo em mim um lado artístico que, até então, era desconhecido. A aprendizagem oriunda desta prática enriquecia o nosso trabalho de promoção e educação em saúde. Utilizando-nos do teatro, tratávamos de assuntos de interesse da saúde pública da população.

Estes momentos são tão significativos e importantes para nossa prática, minha e de minha esposa, que vão nos acompanhando em novos espaços de trabalho. Com a nossa saída de Quixadá, em função da mudança da gestão municipal, tendo sido dispensada a maioria dos profissionais que era

contratada como prestadores de serviço, fomos morar na Bahia, no município de Curaçá.

O prefeito deste município, eleito em 1995 e que conheceu a experiência de estruturação do sistema de saúde de Quixadá, fez o convite para um grupo de médicos e enfermeiras ir colaborar com a implantação do sistema local de saúde.

Ao mesmo tempo em que exercíamos atividades assistenciais e administrativas, pois, assumi a direção do hospital municipal e, juntamente com esta equipe montada, municipalizamos e estruturamos as bases para a implantação do Programa Saúde da Família, utilizávamos do teatro de rua e técnicas de teatro fórum, influenciados por Augusto Boal, para tratar com a população, num processo de diálogo sobre as mudanças na concepção de saúde que a nossa equipe almejava implementar.

Muito embora tenhamos conseguido tantos avanços nesta intervenção, a partir do nosso trabalho de consultoria, havia alguns problemas de relacionamento com a secretaria de saúde, que por vários momentos assumia uma postura conservadora, tal como: retardar o processo de municipalização dos serviços vinculados à Fundação Nacional de Saúde; retardar o processo de implantação do PSF; ter uma postura clientelista com a população e reforçar posturas corporativistas dos servidores da saúde.

Resolvemos diante desta realidade, da distância que era maior de João Pessoa, moradia de nossos familiares, e da periculosidade da região, conhecida como “o polígono da maconha”, procurar outro local para trabalharmos.

2.3 DO PRIMEIRO PICADEIRO À CRIAÇÃO DA OFICINA DO RISO - EIS QUE NASCE O PALHAÇO AL

O amigo Luiz Odorico Monteiro de Andrade, secretário de saúde de Sobral em 1998, sabendo que estávamos procurando um município no Ceará para trabalhar, acabou nos convidando para compor a equipe do PSF do referido município. Aceitamos o convite. Trabalhar e participar do processo de organização do SUS em um município de maior porte era uma nova realidade. Ocupei a vaga de médico de uma das três equipes do Programa Saúde da Família da Área Descentralizada de Saúde (ADS) no Bairro Sinhá Sabóia.

Atuei alguns anos como médico desta área. Depois, com a implantação da Residência Multiprofissional em Saúde da Família, esta com a participação de médicos, atuei como preceptor e, posteriormente, assumi a coordenação do PSF por quase um ano.

No período que atuava como médico no Bairro Sinhá Sabóia, organizamos uma atividade que foi considerada muito rica e participativa, empreendida tanto pelos profissionais de saúde e de outros setores, como pela população. A partir de um processo de planejamento, com várias reuniões precedendo o evento e com a participação dos vários segmentos envolvidos, realizamos a primeira Semana de Arte e Saúde do referido bairro, repleta de atividades de promoção e prevenção de saúde, através de estandes montados, com: exposição de produtos e trabalhos manuais feitos por pessoas da comunidade; oferta de serviços de promoção de saúde; e, presença de órgãos de prestação de serviços públicos que fazem interface com a saúde. Estas atividades fixas eram permeadas por uma programação artístico-cultural com peças de teatro, apresentação de grupos de dança, lutas marciais, capoeira etc.

Como um dos idealizadores e organizadores do evento, dei a ideia de termos um espaço central em forma de picadeiro e, ao longo da semana, exerci a função de mestre de cerimônia, onde me vestiria de palhaço pela primeira vez.

Atuei, ainda, nesse período, com alguns atores locais e profissionais de saúde, em uma peça que tratava da história do nascimento do Sistema Único de Saúde. Tempos depois compus o grupo de teatro Astral, constituído por trabalhadores e trabalhadoras do sexo e alguns profissionais de saúde, os quais encenavam um espetáculo levando a reflexão sobre como prevenir as doenças sexualmente transmissíveis. Meu lado artístico era cada vez mais trabalhado, neste meio, a partir das artes cênicas.

Depois de um tempo como preceptor da Residência de Saúde da Família de Sobral, onde realizávamos um processo de acompanhamento do trabalho das equipes de saúde da família, de forma participativa e problematizadora, fui convidado a assumir a Coordenação de Saúde do município, que era a estrutura que gerenciava estas equipes. Experimentava mais uma vez o trabalho de gestão com seus desafios, contradições, avanços e retrocessos. Tendo dificuldade de exercer este papel. Muitas vezes me via em situações difíceis.

No segundo semestre de 2003, num momento de contrariedade no trabalho, quando alguém me “passou na cara” que podia, através do poder, ultrapassar instâncias de diálogo, eu senti um desconforto forte no peito. Daí resolvi deixar a coordenação do PSF, e me dar o direito de escolher o que fazer: voltar a clinicar no PSF, atuar novamente como preceptor ou me vincular a um trabalho de arte-educação.

Optei pela última alternativa, tendo me vinculado ao projeto Circo Saúde Alegria, que atuava em um bairro popular de Sobral, Paraíso das Flores, com crianças e adolescentes,

participantes do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de rua. Então, percebi o quanto é espontânea a significação das coisas pela criança, mesmo em situação de vulnerabilidade. Trabalhar com arte de circo e teatro de rua, com essas crianças, permitiu-me perceber a ressignificação que elas constroem para suas vidas.

Nesse período, conheci artistas e arte-educadores como Galdêncio Siqueira, Honorato Filho, Martônio Holanda, William Rodrigues, Zeca Gonçalves, e juntamente com esses e alguns meninos do Circo Saúde Alegria, Elir Duarte, Emanuel, Bruno e Camila, com minha esposa, médica e atriz de teatro de rua, Janine Nascimento, a educadora física Roselane Lomeo e a Psicóloga Rejane Amaral, da área da dança, gestamos e promovemos o Curso de Teatro de Rua e Saúde. Este curso envolveu cerca de dez comunidades, com a participação de seus moradores e de profissionais de saúde, desenvolvendo potencialidades artísticas para o desempenho de ações de promoção da saúde através da linguagem da arte popular, representando cenas do cotidiano de vida das pessoas, na busca da melhoria da qualidade de vida de todos.

Foi aí que me aproximei de uma proposta de educação em saúde através do teatro de rua, como ferramenta que possibilitou a participação de profissionais e pessoas da comunidade na construção de espetáculos e desenvolvimento de atividades como o teatro fórum nas ações de Educação Popular em saúde, com vistas à promoção de saúde. A partir daí, e em outras experiências de trabalho, continuei desenvolvendo este caminho com o teatro e outras linguagens artísticas, com foco no setor saúde.

Dialogando com o ator, diretor e palhaço popular Antônio Honorato, na Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia em Sobral-CE, surgiu uma reflexão sobre a figura

do palhaço e seu potencial nos aspectos da humanização, em hospitais e outros serviços de saúde. Impactados pelo filme sobre o Palhaço Hunter “Patch” Adams, essa reflexão nos levou a criar uma oficina de formação de palhaços, cujo público era os profissionais de saúde.

Além de Hunter “Patch” Adams, recebemos também a inspiração do trabalho dos Doutores da Alegria, que foi criado no Brasil por Wellington Nogueira a partir da experiência com o ator americano Michael Christensen que, na década de 1980, foi um dos primeiros a levar a arte do circo para os hospitais.

Em 2004, em parceria com o Palhaço e Ator Honorato Filho e Janine Azevedo do Nascimento, em um sábado chuvoso, com raios e trovões, criamos a Oficina da Terapia do Riso, nome dado inicialmente a esta oficina singular, que usando meditação, técnicas de grupo e de formação de ator, em 40 horas, permitia que profissionais de saúde, ao mobilizar a sua criança interior, deixassem os seus palhaços nascerem. Essa oficina, baseada e influenciada pelo Dr. Patch Adams e, no Brasil, pelos Doutores da Alegria, tem a particularidade de, ao invés de habilitar artistas para trabalhar no espaço da saúde, habilita os profissionais de saúde como artistas no processo de humanização e cuidados das pessoas em sofrimento físico ou mental.

Em julho de 2004 no município de Sobral – CE, a primeira edição contou com a participação de trinta e dois profissionais de saúde, entre agentes comunitários, cirurgiões-dentistas, enfermeiros, fisioterapeutas e médicos, que foram selecionados no interior das equipes do PSF do referido município.

A partir daí, houve mais três edições no Ceará, sendo uma com estudantes de medicina do *campus* de Sobral da Universidade Federal do Ceará, e uma em Fortaleza, para profissionais do PSF.

Ao longo de cinco dias, os participantes passam por vários momentos na oficina, desde a constituição do grupo, passando pelos aspectos de construção do papel, culminando com o nascimento dos palhaços. É utilizada uma metodologia que dá conta de três objetivos: trabalhar o arquétipo da criança interior e sua espontaneidade; desenvolver os aspectos cênicos e cômicos do palhaço; e. atuar no processo de humanização nos espaços de promoção e cuidados da saúde.

Os egressos destas oficinas realizadas em Sobral, que eram profissionais de saúde, em sua maioria, passaram a utilizar o palhaço em atividades de educação em saúde, nas ações de promoção à saúde e prevenção, em espaços de unidades de saúde e, também espaços públicos como praças e ruas.

O Palhaço Al, que nascia para fazer dupla com o Palhaço Hon, iniciais dos nomes dos dois ministrantes, Aldenildo e Honorato, ao realizar e experimentar a oficina, que estava esboçada, cada momento, no papel, via a sua potência, cujo resultado final era palhaços de pessoas mexidas por esta experiência.

A cada oficina e atuação, o Palhaço Al, ou seja, o meu palhaço, ia sendo aperfeiçoado. Passei a atuar em várias atividades de educação em saúde em espaços públicos, como as praças da cidade e o “famoso” Beco do Cotovelo, lugar central e muito movimentado, onde, aos sábados, desenvolvíamos uma ação chamada “Saúde no Beco”.

Tive minha primeira experiência em um hospital, muito marcante, com uma criança, filha de uma agente de saúde. Ambas, mãe e filha eram, inclusive, palhaças egressas da primeira oficina, pois, como a mãe não tinha com quem deixá-la, a menina acabou participado e se tornando palhaça também. Esta criança adoeceu de uma artrite séptica no joelho e estava muito triste, inclusive sem se alimentar direito. Então, a partir

do relato da mãe sobre essa situação, resolvi fazer-lhe uma visita no Hospital Santa Casa de Misericórdia de Sobral. Quando vi estava ali brincando com ela, arrancando risos. Era muito bom ver que outras crianças e algumas mães acompanhantes começaram a interagir comigo, e o tempo daquela manhã foi muito intenso, e eu tinha uma vivência própria com a realidade do hospital.

Tempos depois, junto com uma palhaça educadora física, resolvi levar meu palhaço para dentro de uma enfermaria psiquiátrica de um hospital geral, fruto do processo de construção de uma rede substitutiva de saúde mental em Sobral.

Íamos, toda semana, atuar por uma tarde, em contato com os pacientes e, neste encontro, fazer algumas atividades lúdicas que, até chegávamos a fazer algum planejamento, mas, que a cada tarde, acabava acontecendo coisas novas. Cantávamos, dançávamos, jogávamos, escutávamos relatos de situações difíceis, acolhíamos choros, enfim, todos os sentimentos que afloravam.

Este foi um período rico para aperfeiçoar o meu palhaço que atuava mais nas ações de promoção e prevenção, por ter também uma ação em espaços de cuidado e ir constituindo o que fomos denominando de Palhaço Cuidador.

As mudanças na gestão municipal de Sobral foram ocorrendo. Com um novo prefeito e com a saída do secretário de saúde da época, ao mesmo tempo que nossas filhas cresciam e víamos a necessidade de voltarmos para nossa cidade natal.

Foi então que, em 2006, eu voltei a morar e trabalhar em João Pessoa. Mediante um processo seletivo, passei a atuar em uma equipe do PSF do Distrito Sanitário III.

Deparei-me com uma realidade organizativa do trabalho do PSF bem diferente do que eu tinha vivido. Então resolvi, pelo

menos no espaço em que estava atuando, mexer na estrutura e não me acomodar.

Trouxemos a experiência de organizar a demanda a partir do acolhimento, reforçamos a experiência da Terapia Comunitária, que já acontecia em uma unidade de PSF em Mangabeira, instituindo um espaço comum aos dois territórios em que eu e Janine Nascimento estávamos trabalhando. O meu palhaço Al voltou a atuar, primeiramente, na Semana Cultural de Saúde, que organizamos com muitas atividades, num processo tratado com muito esmero, a partir de um planejamento, baseada no evento que havíamos organizado em Sobral - CE em um bairro populoso, o Sinhá Saboia. Ofertando debates, atividades físicas, atividades lúdicas, serviços assistenciais, atividades educativas, prestação de outros serviços, etc. O palhaço Al, junto com Pimentinha (a palhaça de Janine), em muitos momentos presente, animavam as rodas de conversa, as atividades, etc.

O meu palhaço, mesmo que timidamente, na medida do possível, foi realizando algumas atividades pontuais, como visitar pacientes com dificuldade de locomoção, participar de atividades de grupo, educativas ou festivas, a exemplo de grupos de idosos, dia das crianças, etc.

2.4 PROJETO PALHASUS - ABREM-SE AS PORTAS DA UFPB AOS PALHAÇOS CUIDADORES

Neste percurso de vida, uma vontade que sempre tinha era a possibilidade de vir a ser professor do curso de medicina, com o intuito de levar um pouco da minha experiência e trajetória na atenção básica para o espaço de ensino e aprendizagem.

Depois de me submeter a dois concursos, um no Ceará e outro na Paraíba, tendo sido aprovado, mas, não classificado dentro do número de vagas, em março de 2010, finalmente, na

terceira tentativa, eu era contratado como professor da área de Saúde Coletiva do Departamento de Promoção da Saúde (DPS) do Centro de Ciências Médicas (CCM) da UFPB.

Logo, ao ingressar como professor fui convidado pelo chefe do departamento para ser representante junto ao colegiado do curso. Na primeira reunião do colegiado em que participei, deparei-me com uma situação inesperada. Havia um processo solicitando a prorrogação do tempo de conclusão do curso de um estudante que passava por problemas psicológicos. Antes de compor o *quórum* da reunião, houve uma conversa informal sobre a situação. Em determinadas falas, alguns preconceitos e comparações com casos de estudantes que passaram por situações parecidas e que depois de formados levaram a acontecimentos indevidos.

Isso me indignava, pois, primeiro, não achava que era certo fazer um julgamento prévio sem antes contextualizar a situação na sua singularidade, segundo, a prática médica está repleta de exemplos de mau exercício como iatrogenias, falta de ética, atitudes mercenárias por pessoas consideradas “normais”, e por fim, o mais importante, seria tentar entender a realidade desse estudante e ver a possibilidade de apoiá-lo.

Diante da discussão resolvi sair do meu silêncio cômodo e relatei a minha experiência de estudante que, diante de um sofrimento psíquico que atravesssei, tendo ficado afastado do curso por dois anos, entre idas e vindas, não pela acolhida da universidade, mas, por recursos que me fizeram reagir e me fortaleceram, consegui retornar e concluir. E naquele momento era como um exemplo positivo, de alguém que na formação passou por dificuldades, e que depois conseguiu desempenhar anos de vida profissional na assistência e gestão e agora era docente da instituição.

Neste período, o professor Wladimir Nunes, que era assessor de extensão do CCM, vinha articulando, junto com a coordenação, a estruturação do Núcleo Psicopedagógico do Curso de medicina. Participei de algumas reuniões e, em uma delas, apresentei a Oficina do Riso, a terapia comunitária e as danças circulares como estratégias para diminuir tensões do cotidiano

Porém, o acontecimento mais importante para minha trajetória, enquanto docente que iniciava a carreira, estava para ocorrer. Em uma tarde, no Hospital Universitário, dois estudantes, que já tinham algumas diferenças entre si, acabaram se envolvendo num episódio muito triste. Um deles provocou um tropeço no colega, que não gostando daquela atitude, teve uma reação desproporcional à intensidade da “brincadeira”, virou-se e deu um soco violento na face do outro, que caiu desacordado e sangrando. O rapaz foi socorrido pelos colegas e atendido pelo professor de neurologia que o encaminhou para o Hospital Estadual de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena.

Eu, juntamente com outros dois professores, fomos designados a constituir uma comissão de sindicância para apurar os fatos e propor as medidas que fossem necessárias ao caso.

A partir da oitiva dos envolvidos e das testemunhas, enquanto comissão, caracterizamos o fato como grave, o que requeria uma penalidade pedagógica para o agressor, um futuro médico. Este deveria sofrer uma suspensão por um período de alguns meses. Pelo fato de legalmente o colegiado não poder imputar uma pena de suspensão acima de quinze dias, a decisão da comissão foi remetida para o colegiado de centro, instância que poderia acatar a sugestão do nosso trabalho.

Era feito um questionamento importante em função desse episódio, como ser um futuro cuidador agindo sem o cuidado de preservar o outro, quando o sentimento de raiva é despertado?

Após esse acontecimento, numa das reuniões para tentar ainda a criação do Núcleo Psicopedagógico do Curso de medicina, propus a realização da Oficina do Riso como uma estratégia de diminuir tensões do cotidiano da formação.

A partir do apoio da coordenação e do financiamento do Pró-saúde, realizávamos em julho de 2010 a primeira Oficina do Riso da UFPB, com a participação de vinte e dois estudantes de medicina, uma estudante de educação física e uma professora de educação física.

Essa história do que originou a primeira oficina do riso, e em que contexto foi abordada no grupo focal realizado, como uma das etapas dessa pesquisa. Trarei aqui algumas falas e análises sobre esse tópico. Falas essas que, mais adiante, serão complementadas por informações obtidas na pesquisa documental. Esse exercício constitui um recontar da história, agregando fatos esquecidos, mas, registrados em anotações informais.

E da minha sala teve mais umas três pessoas que se inscreveram. No seminário eu tive o primeiro contato, e que vim conhecer essa história do PalhaSUS, da questão da confusão dos estudantes de medicina que brigaram no HU, de trazer essa humanização da saúde, e da questão de já ser palhaço que já vinha do Ceará. (P12, § 92 GF).

Como pudemos perceber, já num momento posterior, um membro do projeto, que ingressou através da quinta Oficina

do Riso, realizada em 2014, referindo-se a alguns aspectos da origem do projeto, resgata fatos da história acessados mediante o relato oral realizado por extensionistas, em apresentações do seminário que antecedeu a oficina. Demonstra, de certa forma, que, com o passar do tempo, na oralidade a história é contada de forma segmentada, porém, preservando a essência das motivações para a origem desse projeto.

Reforça ainda que o esforço do resgate feito na presente pesquisa em sistematizar a história de forma escrita favorece a conservação dessa para as futuras gerações do projeto.

A divulgação da primeira oficina se deu através de um cartaz que foi afixado em espaços de circulação dos estudantes de medicina. A turma de medicina que estava no segundo período teve um papel fundamental neste início do projeto, pois, foi dessa turma que houve uma participação expressiva. Apesar de trinta e dois estudantes terem se inscrito, por ocasião da oficina, compareceram vinte e três, e as duas pessoas da educação física, uma estudante e uma professora, convidadas mediante a parceria estabelecida com o departamento de educação física.

Resumindo: Estava no segundo período, prova (...) apareceu um cartaz, "Oficina do Riso da UFPB - Palhaçaria que entrete, alegria que cuida", local e tal (...) público alvo, estudante de medicina, ponto. Sem mais nenhuma descrição do que era aquilo. Não era citado o termo palhaço cuidador, nem palhaço, nem cuidador, nem nada. Não se sabia sobre o que era aquilo. Eu, a princípio não quis participar. (P1, GF § 27).

A intenção de promover uma ação voltada à saúde e ao autocuidado do estudante de medicina não estava explícita na divulgação.

Essa turma que teve um maior número de participantes, contou o papel importante de um dos estudantes, que tinha uma capacidade de agregar e estimular os colegas a participarem em determinados eventos.

O 'H', que era um estudante de medicina colega meu, sabendo que eu ia fazer pediatria, ele se inscreveu. Induziu várias pessoas também a participarem. Ele é daquele tipo de pessoa que vai e leva os amigos com ele. E aí insistiu que eu entrasse, "vamos fazer, vai ser legal, vamos fazer, vamos fazer". Ia ser onde... lá onde sempre foi (...) a oficina na última semana de férias. O pessoal querendo viajar, mas quanto a isso não tem problema. Me inscrevi, foi uma inscrição super-rápida mandei o e-mail para o professor Aldenildo, que confirmou a inscrição, era como a gente fazia a inscrição. (P1, GF § 28).

Para realizarmos esta oficina, convidei o arte-educador e ator Zeca Gonsalves, professor de escolas particulares e profissional vinculado a trabalhos de arte, educação e saúde da Escola de Formação Dr. Visconde de Sabóia, ligada à Secretaria Municipal de Saúde de Sobral - CE.

Durante cinco dias realizamos a oficina pela primeira vez na Paraíba, com algumas mudanças na metodologia, pois, resolvemos incluir as danças circulares dentro da programação. Janine Nascimento também passava a se envolver diretamente com a condução da oficina. Os dois eram egressos de oficinas realizadas em Sobral por mim e Honorato, sendo Janine da

segunda, tornando-se a palhaça Pimentinha e Zeca Gonsalves, da terceira oficina, sendo o palhaço Ôxe.

Dessa forma, iniciou-se a primeira Oficina do Riso da UFPB, que aconteceu do dia 26 ao dia 30 de julho de 2010, no Ginásio de Ginástica da UFPB, que justificou a parceria com o departamento de educação física. Um dos participantes, o estudante de medicina Higor Felipe Cesar Ramalho da Silva, o palhaço Jabu, “batizou” de PalhaSUS o grupo recém-formado naquela oficina.

Após o término da primeira Oficina do Riso, o grupo PalhaSUS, que ainda não possuía a perspectiva de um projeto de extensão, realizou uma primeira reunião registrada em 26 de agosto de 2010, na qual, regados por um sentimento de saudades da oficina e dos momentos vividos se realizou uma “chuva de ideias” para levantar quais eram as expectativas de cada um, tendo sido elencadas as seguintes: “ser que nem os doutores da alegria”; “apoiar em espaços como casa de apoio a portadores de câncer”; “atuar na puericultura do HULW”; “atuar em escolas, orfanatos e com adolescentes nos CAIS”; “um atuar para além do adulto, voltado para a criança e para os adolescentes”; “expectativa em relação a um atuar mais amplo do olhar, do autoconhecimento, danças circulares, meditação e jogos teatrais”, “que se trabalhe em duplas e se registre o trabalho”.(Fonte: Arquivo - Relatório de reunião, 2010)

Encontrar a anotação dessa reunião e se deparar, após tanto tempo, com a lembrança desse momento, foi instigante para mim. Não havíamos atuado ainda, mas, veio depois na memória, o momento em que essa reunião foi chamada e aconteceu, como fruto do vazio que a oficina deixou nos participantes. Como podemos observar na fala do P1:

(...) quando terminou a primeira oficina o PalhaSUS ainda não tinha um horizonte. PalhaSUS, hoje em dia, é mais fácil porque quando termina uma oficina a pessoa já tem aquela mentalidade: “ah! Eu vou atuar, eu vou ficar no projeto (...)”. Quando eu terminei a primeira oficina isso não existia, então era mesmo como se fosse uma colônia de férias que acabava ali e pronto. Então, você ficava naquele sentimento: “o que vai vim amanhã? ”; “ O que vai ser de mim amanhã? ” E eu lembro, eu lembro que eu falei isso para Janine na sexta-feira no meu nascimento. Aldenildo não estava no momento, e eu falei para Janine, estava falando muito, estava angustiado assim com muita coisa, e eu falei para ela assim: “cara não saiam da minha vida por favor, eu preciso demais, vamos continuar, não deixe isso acabar aqui e agora. (P1, GF § 160).

E a partir de um convite para participar da comemoração do dia das crianças da pediatria do HULW, em outubro de 2010, realizamos a nossa primeira atuação, e, do retorno obtido com ela o grupo PalhaSUS começou a traçar o ideal de atuações semanais contínuas em cenários de prática pré-estabelecidos. O primeiro cenário visitado foi a enfermaria pediátrica do HULW, aos sábados pela manhã, compromisso que é mantido até os dias de hoje.

Nessa fase pós-oficina, eu continuava participando das reuniões com o grupo de professores que tentava estruturar o núcleo de apoio psicopedagógico. Como um dos professores, que tinha participação ativa nesse grupo, era assessor de extensão do CCM, fui aos poucos conhecendo como era o atual modelo de funcionamento da extensão. O que era a plataforma SIGPROJ

(Sistema de Informação e Gestão de Projetos do Ministério da Educação) e os editais FLUEX (Fluxo Contínuo de Extensão), PROBEX (Programa de Bolsa de Extensão da UFPB) e PROEXT (Programa de Extensão Universitária do Ministério da Educação). Tomei conhecimento também de que o ano seguinte, 2011, seria o ano da extensão universitária, e, em função disso, estaria sendo realizada a I Semana de Ciência, Tecnologia, Esporte, Arte e Cultura (SECITEAC).

O PalhaSUS esteve presente na I SECITEAC, realizada de 18 a 24 de outubro de 2010 no centro de vivência da UFPB. Nessa ocasião, o grupo permaneceu por toda a semana em um estande onde eram expostas informações sobre as nossas atuações, os locais, a dinâmica, a repercussão e etc., através de depoimentos dos integrantes, *banners* informativos, dentre outros, além da presença dos palhaços, que apresentavam “ao vivo e em muitas cores” os ideais desse projeto de extensão, e interagiam com todos os que se encontravam no evento.

Outro fato importante que ocorreu também em outubro de 2010, foi o primeiro encontro de aperfeiçoamento dos palhaços. Esse encontro seria uma primeira experiência do que futuramente seria denominado de Encontro de Desenvolvimento do Palhaço Cuidador (EDPC). O encontro foi estruturado em três dimensões: educativa, administrativa e terapêutica. Tendo os seguintes objetivos: estruturar a dinâmica de atuação dos palhaços nos aspectos da formação dos grupos, cenários de atuação e carga horária mensal; fortalecer a placenta social do palhaço¹ ; ensaiar atuação para os eventos agendados na semana da criança; e estruturar participação na SECITEAC,

1 Corresponde a Matriz de Identidade, uma outra maneira que Moreno definiu, “pois à maneira da placenta estabelece a comunicação entre a criança e o sistema social da mãe, incluindo aos poucos os que dela são mais próximos”. (GONÇALVES, WOLFF, ALMEIDA, 1988 p. 60).

decidindo pela confecção de depoimentos em mini pôsteres. (Fonte: Arquivo - Relatório de reunião, 2010).

Foi realizado um corredor de massagem², seguido de um compartilhamento de sentimentos; depois, uma “corrente de ideias”³ e, em seguida, uma roda de danças circulares⁴. Tinha a ideia para essa reunião a montagem de três esquetes, fato que não ocorreu. (Fonte: Arquivo - Relatório de reunião, 2010).

A atuação do dia das crianças, o encontro de aperfeiçoamento e a SECITEAC foram experiências e fatos marcantes para concretizar parte das expectativas da “chuva de ideias” da primeira reunião do grupo, proporcionando um “alimento” na vida dos recém-nascidos palhaços, e, como gosto de dizer sempre, prevenindo a mortalidade infantil “palhacística”. Demonstra que o grupo, sua constituição e seus primeiros momentos foram processuais, de caráter coletivo.

Pelos registros do ano de 2010, ainda houve mais duas reuniões, uma que tratou de trabalhar habilidades artísticas e observar aspectos sociométricos do grupo na perspectiva de conformação das trupes (pequenos grupos, em número de três, para atuações no primeiro cenário, o HULW) e a reunião de confraternização do final de ano.

Um documento muito importante encontrado nos arquivos, foi uma mensagem encaminhada por *e-mail* aos

2 Corredor de massagem ou de afeto, técnica que aprendemos com o Psiquiatra Adalberto Barreto por ocasião da formação em terapia comunitária. Consiste em forma um corredor de pessoa, em duas filas e as pessoas ficam frente a frente. Cada um dos participantes passa pelo corredor; a partir do momento que o facilitador o introduz. Na outra ponta do corredor a pessoa é acolhida por outro facilitador.

3 Dinâmica na qual, a partir de uma pergunta geradora, o grupo dividido em duas filas, uma de frente para a outra, formando pares, cada um tem um tempo para falar à quem está na sua frente e vice-versa (quando um fala o outro só escuta). A fila se movimenta mudando os pares até que todos tenham falado a cada um.

4 Compreendido aqui como um movimento de resgate de danças de diversas épocas e povos, mediante o trabalho realizado pelo coreógrafo Bernhard Wosien, no século XX. Constitui uma prática de dança meditativa.

participantes que ainda estavam atuando no grupo PalhaSUS no primeiro semestre de 2011. Esse documento é importante pelo seu conteúdo e pelo fato de sua existência ter sido preservada, já que todas as comunicações realizadas na primeira conta de *e-mail* do grupo e depois projeto, foram perdidas e não mais recuperadas.

Nesse documento, dois aspectos são importantes, pois, deixa registrado que, no primeiro semestre de 2011, além do HU, estávamos iniciando o processo de atuação em um novo cenário, no caso o Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira. Nesse período, a gestão do Complexo iniciava um trabalho mais propositivo no processo de reforma psiquiátrica, partindo para uma proposta de desinstitucionalização de pacientes crônicos, com altas para convívio com a família e/ou moradia em residências terapêuticas, e com um espaço mais aberto para as atividades artísticas.

A proposta, em função do pouco número de Palhaços Cuidadores participando do grupo, era realizar sequências de três intervenções semanais em cada cenário, seguidas de reuniões para avaliar.

O segundo aspecto é que o *e-mail* explicita uma constatação da dificuldade de manter as atuações pelo grande esvaziamento da presença dos participantes. Um trecho da mensagem traz:

No primeiro sábado, houve o desfalque de dois participantes, o 'X' e o 'Z', que previamente tinham se comprometido. Mas em compensação, outro membro, a 'Y' que acompanhava os informes pelo e-mail, compareceu. No segundo sábado, dos estudantes só 'W' compareceu. Na terceira semana, em função da minha decisão

e de Janine, fomos participar de uma oficina de dança circular em Recife. E apesar dos apelos através dos contatos feitos, não tivemos a capacidade de formar nem uma dupla, para firmar com o compromisso firmado com as crianças que teria palhaços na semana seguinte, só 'W' compareceu.

E por fim, mais à frente, a mensagem conclui dizendo:

Bem, meus queridos, é isso aí. Então, o que significa o seu silêncio nesse momento? O ginásio de ginástica está reservado, o horário é às 14 horas, o dia é sábado, 14 de maio e se Deus assim permitir estaremos lá, e com os presentes conversaremos com maturidade e com certeza tomaremos as melhores decisões para cada um e para o grupo. (Mensagem encaminhada por e-mail após a Páscoa de 2011).

Essa situação demonstra um período crítico que o grupo passou, sendo crucial entre tantos momentos difíceis que veremos descritos nesse trabalho, pois, houve o risco de o grupo, ao não ser resgatado, comprometer a própria continuidade das oficinas e o surgimento posterior do projeto de extensão. Até mesmo porque eu, como um integrante que buscava animar o processo, poderia entrar em um estado de desânimo que desistisse de prosseguir.

O grupo não se reunia de forma sistemática. Apesar de não encontrar o registro da reunião do dia 14 de maio, recordo-me que a mesma ocorreu e que foram expressos os desejos de quem gostaria de continuar e, diante da nossa realidade, como daríamos conta. O grupo, em número já reduzido de sete

integrantes, junto com os coordenadores, consegue manter as atuações, organiza e realiza o I Seminário do PalhaSUS, cujo tema foi “Os desafios de ser um Palhaço Cuidador” realizado em 02 de julho de 2011, bem como organiza e realiza, também, a II Oficina do Riso da UFPB.

O PalhaSUS dá os primeiros passos para oficializar-se como projeto de extensão, cadastrando o seminário em 30 de junho de 2011, a II Oficina, no dia 26 de julho e o próprio projeto, no dia 24 de outubro do mesmo ano, na plataforma SIGPROJ, no edital FLUEX 2011.

Em 02 a 05 de agosto de 2011, foi realizada a segunda oficina do riso da UFPB. O grupo de participantes, remanescente da primeira oficina contribuiu para a realização desta, do seminário, que era um pré-requisito para a inscrição e posterior ingresso dos interessados, e, da seleção dos novos integrantes, ajudando aos professores na orientação destes e na infraestrutura.

A partir de 2011, o grupo PalhaSUS, enquanto projeto de extensão da UFPB, pôde estabelecer um compromisso maior com outros cenários de prática. O agora chamado projeto PalhaSUS ampliou os seus campos de atuação, passando a trabalhar com as ações de palhaçaria no Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, sistematicamente, aos sábados à tarde, e nos novos cenários: a Casa de Acolhida de Idosos Vila Vicentina e Abrigo de Crianças Jesus de Nazaré, aos domingos pela manhã; o Hospital Padre Zé e Hospital Universitário, aos sábados pela manhã. Neste último, além da pediatria, também já se visitava a clínica médica.

O mesmo processo se repetiu a cada ano de forma que o PalhaSUS está sempre ampliando o seu grupo (a cada oficina são formados aproximadamente trinta e dois palhaços), e mantendo seus locais de atuação. Após realização de seis oficinas na UFPB, com abertura, no primeiro momento para estudantes de outros

cursos da área de saúde e de humanas que atuam no setor saúde, depois para todos os cursos da UFPB-Campus I, passamos a ser um projeto de extensão vinculado ao Programa de Educação Popular em Saúde. Essa vinculação durou até o ano de 2015.

Atualmente, os estudantes palhaços egressos das oficinas atuam nos cenários de prática vinculados ao projeto no momento, que são: o HULW, o Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, o Hospital Padre Zé, a Casa de Acolhida de Idosos Vila Vicentina e o Hospital São Vicente de Paulo.

Os estudantes envolvidos com a oficina e com o projeto de extensão PalhaSUS têm avaliado sua importância nos aspectos da formação pessoal, caracterizando a própria oficina como um espaço de cuidado frente a situações estressantes na graduação e o cultivo do papel do palhaço cuidador como uma ferramenta de manutenção desse autocuidado. Referem também, com a atuação do palhaço, os aspectos de melhoria na resposta do paciente ao tratamento estabelecido e no desenvolvimento de sua relação de futuro profissional, facilitando a comunicação com os mesmos.

2.5 POR TRÁS DO PICADEIRO, OS BASTIDORES - A OFICINA DO RISO DA UFPB

Nos itens anteriores, pudemos relatar como surgiu a Oficina do Riso, os antecedentes, as necessidades emergentes de construção dessa formação e surgimento do palhaço dessa oficina que denominamos de Palhaço Cuidador.

No encontro da proposta da Oficina do Riso com a UFPB, essa oficina começa a sofrer transformações e ressignificações. Enquanto uma atividade de extensão universitária ela passa a ter uma nova tarefa que é possibilitar a alguns estudantes que conseguem acessá-la, a oportunidade de se tornar um Palhaço

Cuidador. A oficina começa a se constituir, mesmo enquanto atividade de extensão, em uma parte da formação dos estudantes que dela participam.

Como refletem outros trabalhos que estudaram a melhoria do ambiente hospitalar pelo humor e presença do Clown:

Es, igualmente, importante introducir en los currículos de las carreras de ciencias de la salud estrategias como la terapia del humor, para enseñarles a los estudiantes a comunicarse más asertivamente con los pacientes y sus familias. Este tipo de experiencias sirve para aportar elementos de discusión alrededor del tema. (NARANJO, 2009, p. 109).

Sendo assim, tratamos a Oficina do Riso como uma categoria estudada, tanto a partir do grupo focal, quanto da pesquisa documental. Um dos primeiros aspectos questionados no grupo focal foi como os participantes tiveram o encontro com o projeto e, ao responder, a maioria fez referência à oficina e ao projeto como se fosse o mesmo acontecimento, com exceção do participante da primeira oficina, já que ainda não existia o projeto na época em que ele ingressou. A forma de primeiro contato foi bem variada, sendo as mais representativas, a divulgação por cartazes, o contato com colegas de turma que já participavam do projeto e o recebimento de mensagens de divulgação por *e-mail*, conforme a tabela abaixo.

Tabela 1: Formas de contato com o público alvo da pesquisa

	Formas de contato	Quantidade
Como se deu o primeiro contato com o projeto PalhaSUS/ Oficina do Riso	Através de participação em outro projeto	01
	Cartaz de divulgação fixado	03
	Colegas do curso da mesma turma	03
	Colegas do curso de outra turma	01
	Divulgação da oficina no facebook	01
	Fotos do projeto em mídia digital	01
	Mensagem de e-mail	03
Total		13

Fonte: Elaborada pelo autor.

Ao longo das falas e discussões relativas a esse encontro com o projeto, para além da divulgação e de como foi a forma de tomar conhecimento do mesmo, as falas se deram muito em avaliar o processo de seleção, tanto no tocante aos seminários, já que esses, desde o segundo ano, são um pré-requisito para participar da oficina e do projeto, quanto às entrevistas.

Assim, é foi uma surpresa passar, porque tinha muita gente mesmo, muita gente, que a gente via que eram pessoas muito boas. (...) a gente fez amizade no seminário. Era o pessoal filmando: “diga uma palavra que representa o PalhaSUS? ”. Era uma animação muito grande. Naquele cenário, foi muito impactante desde o começo. (P6, GF § 65).

(...) teve o seminário, me apaixonei por um palhacinho no seminário (...) eu disse: “meu Deus

que menino lindo”, que coisa linda, conseguir ser palhaço (risos): “ah é isso que eu quero”, e aí a apresentação dele foi muito boa, e aí eu ficava caramba, “eu quero ser assim”. Vamos, vamos, vamos fazer. (P8, GF §71).

O seminário, conforme as descrições acima é visto, por muitos, como um momento positivo, quando já começa a haver um ambiente propício à promoção das relações. É caracterizado também como um momento impactante, de conhecer os Palhaços Cuidadores que estão atuando, tanto para despertar ou para confirmar o desejo de ser palhaço. É um momento também para conhecer a história do projeto.

A realidade de haver uma grande procura pela oficina e haver a necessidade de realizar um processo seletivo tem sido um grande desafio do projeto. Há sempre uma sensação de que não conseguimos realizar um processo que atenda a um clima não tenso e que as pessoas possam ficar tranquilas, permitindo observar interesses, desejos e aptidões para desenvolver o papel de palhaço cuidador e ao mesmo tempo contribuir com o projeto. Há uma sensação da maioria dos participantes de incerteza quanto ao êxito.

Achei horrível aquela entrevista. Eu me lembro que estava chovendo muito, na entrevista, eu ia ter prova de anatomia e fui para entrevista, terrível. E estava chovendo muito, horrores, acho que só por isso, muita gente não foi e acho que por isso eu passei. (P2, GF §36).

Já estivemos nos questionando se o processo seletivo seria para dar conta de selecionar pessoas mais habilitadas, ou, sendo o projeto um espaço de se desenvolver enquanto pessoa,

selecionar participantes que demonstram mais fragilidade. E há uma subjetividade nesse processo, que acredito que o perfil do que se espera para uma qualidade de um palhaço subverte também as lógicas das seleções tradicionais.

Ah! Meu Deus, tem uma entrevista. Agora é que eu fico (...) porque para eu falar assim, eu vou ficando nervoso e começo a gaguejar, e vai embaralhar... como agora, embaralha tudo, aí pronto, fui, e aí pega a sair, e as pessoas saindo. “E aí?” “Horrrível, horrrível”. Então, (pensou) - para o pessoal que queria muito o projeto está horrrível, para mim vai ser (...) entrei fiz a entrevista, ‘L’ não dava um sorriso para pessoa, pronto “o negócio está péssimo”. Quando sai, disse ‘F’, foi bom, pode continuar, mas eu (...) pelo amor de Deus saí daquilo assim, com a sensação de alívio, mas que, vamos esperar. Saiu o resultado da entrevista, eu pensei no início, “fui tão ruim na entrevista, e você passar”? (P5, GF §57).

Os processos seletivos foram várias vezes considerados exaustivos em função das etapas existentes. Na maioria das edições, a seleção foi constituída de inscrição, participação no seminário como pré-requisito, e entrevista. Em algumas delas, as inscrições se davam mediante respostas a questões que seriam avaliadas previamente.

Teve um encontro no auditório de engenharia... [no CT? (P3)]. É no CT. Ainda teve um seminário, que todo mundo...era muita seleção, o tempo todo. “Eu não vou passar nisso não”. Porquê da maioria, o que escutava era que para ser palhaço tinha que saber cantar, ou alguma coisa tinha que saber e eu não sabia nada. E eu escu-

tava: 'eu sei cantar'; 'eu sei tocar'. E eu não sabia nada ... como é que vou conseguir um lugar, se eu não faço nada? E aí passei. Foi uma experiência muito boa, o resultado saiu a noite também. (P10, GF § 81).

No ano de 2014, houve uma oficina extra ofertada ao PVP (Projeto Vidas Paralelas) Nacional - grupo da Paraíba, que trabalha com saúde do trabalhador e ergonomia, e que o PalhaSUS esteve participando por um período.

Em função de algumas vagas para esta oficina não terem sido preenchidas, resolvemos selecionar algumas pessoas do PalhaSUS, no seminário que ocorreu próximo à data de sua realização, para ocupar estas vagas. Esses selecionados teriam uma participação em uma atividade que estava sendo estruturada junto à Residência de Medicina de Família e Comunidade, cujos encontros seriam nas quintas-feiras.

Em função disso, sem um planejamento prévio e sem uma comunicação anterior, foi decidido realizar uma seleção ao final do seminário. Isso causou certo estranhamento como visto nesta fala:

E foi diferente porque (...) no seminário, aquelas pessoas que tinha a quinta-feira disponível, que depois essa quinta não serviu para nada (...) tinha vagas sobrando na oficina do PVP (...) quando acabou o seminário, ia ter uma entrevista, que ia acontecer do nada. Do nada assim, que eu não sabia (...) eu respondi, a resposta que todo mundo respondeu, meio que saiu tudo igual, todo mundo estava olhando, e saiu o resultado, sendo selecionado, e foi esse o contato. (P11, GF § 89).

Para outros, o processo não foi tão estressante, pelo contrário, sentiram-se acolhidos nesse momento.

Ao contrário de vocês quando tiveram a entrevista, não choveu nada (risos), nem neblinou. Foram muitas pessoas, muitas pessoas (...) fizeram até mágica para conseguir atender todas as pessoas. É, mas assim, foi muito bacana. Mas também estava muito nervosa, assim como P3, era a minha primeira entrevista de quando entrei no curso, no segundo período. (P6, GF § 63).

E ..., mas ao contrário assim, do que tu falaste dos meninos sérios, para mim se eu não tivesse passado no PalhaSUS, só aquele olhar do L, já tinha merecido a vinda. Porque eu achei muito acolhedor, achei muito. Um abraço assim muito confortável, sabe? Naquele momento, que foi a entrevista e que todos os meus medos, e dos meus anseios de estar ali pela primeira vez e aquela carinha dele meio séria, olhando para minha cara, 'estou preocupado com você'. Já tinha me ganhado. (P6, GF § 64).

Esse processo, dava-se nas primeiras edições, poucas semanas antes da realização da oficina, que ocorre no meio do ano ou no início do segundo semestre.

Mais recentemente, com a decisão do ajustamento do projeto ao calendário do edital do PROBEX, o acesso foi modificado. No ano de 2015 os estudantes faziam a inscrição, participavam do seminário, e depois, como voluntários, ficavam participando de plantões de estudo, acompanhados

por extensionistas antigos, sendo necessário cumprir carga horária mínima para poder concorrer à vaga na oficina.

Além das questões de tomar conhecimento da oficina, da aproximação com o projeto e da seleção, procuramos compreender como os integrantes das diversas fases, tanto a partir do grupo focal, como em relatos obtidos em registros, concebem a oficina e o que ela representa, tanto ao vivenciá-la, como experiência e aquisição para a vida pessoal, de estudante e de futuro profissional.

Para muitos a oficina é descrita como uma experiência intensa, encantadora e que geralmente supera as expectativas iniciais do participante. Talvez pela ludicidade e momentos de relaxamento, para alguns ela é “mágica” e funciona como uma colônia de férias.

E a oficina é como é para todo mundo, encantadora. Superou a expectativa da gente, com certeza, e dei continuidade, entrei no projeto. Já atuava todo final de semana regularmente (...) acho que foi a época que Aldenildo inscreveu como projeto de extensão. No ano seguinte eu participei como monitora da outra oficina e foi ótimo. (P2, GF § 42).

(...) veio a oficina, e como todo mundo diz, foi mágico. Aquele momento do nascimento para mim, é sensacional. (...) que no início para mim fui resistente, porque não sabia que eu ia encontrar tudo aquilo. Algo feito com todo carinho, com todo amor para a gente. Pessoas que prepararam, que nem conhecem a gente, fazer tudo aquilo para a gente, para preparar a gente,

e fazer a gente ser Palhaço Cuidador. (P5, GF § 58).

Nessa experiência as pessoas relatam que vivenciam um processo de transformação. Há muitas vezes uma resistência inicial, mas que talvez motivada pelo convite de experimentar sair da zona de conforto, consigna dita diversas vezes pelos facilitadores, quando se observam algumas resistências de entrega ao trabalho desenvolvido, pouco a pouco essa transformação vai ocorrendo.

Mas foi uma experiência maravilhosa, a oficina é realmente mágica, eu me senti assim. Você abre mão de parte de suas férias, para fazer parte da oficina, e para mim era uma colônia de férias que me ensina muita coisa, que me traz muita coisa e transforma. (P4, GF § 48).

Quando eu cheguei na oficina, eu nunca fui acostumada com essa coisa de abraço, de se soltar, e tudo, para mim foi um sofrimento, no começo. Todo mundo... 'e estou aqui me mexendo', mas eu não me senti bem, não. Mas, quando chegava o momento de cuidado dentro da oficina, eu comecei a me entregar para a oficina e ver o quanto era diferente do que eu conhecia. Eu era muito sempre calada, e não conseguia me entregar para nada. Logo, a oficina me trouxe isso, essa questão do cuidado. (P10, GF § 83).

Bem, você sai mesmo da sua zona de conforto dentro da oficina. Conheci um montão de pessoas, que no primeiro dia cada um estava no

seu canto, no segundo dia está todo mundo se abraçando desesperado, deitado no colchonete, todo mundo junto, e conversando pra caramba. Encontrei realmente amigos que tenho até hoje. (P13, GF § 100).

Superando essa resistência inicial, o participante consegue também perceber que o espaço é de acolhida e de amor, que proporciona o desenvolvimento do Palhaço Cuidador. Há uma transformação no pensamento, olhar o jeito de cuidar:

Eu comecei a me entregar depois disso, e foi sensacional a experiência da oficina, que é uma coisa que eu sempre toco, que a gente tem de viver mesmo, que eu queria ter vivido. E de transformar pensamento, o jeito de olhar das pessoas, o jeito de cuidar, acho que até o abraço de uma pessoa que fez a oficina do riso, de uma pessoa que não fez a oficina do riso é diferente. É um negócio mais acolhedor. (P8, GF §75).

Para outras pessoas a intensidade em relação à oficina se dá quando desempenham a função de monitores, padrinhos ou madrinhas⁵ da oficina. Observando no outro as transformações, é como se fosse um *flash back*, um espelho, ver no outro o que aconteceu consigo, algo parecido e ao mesmo tempo está contribuindo com esse acontecimento.

Só que para mim, acho que foi mais intenso quando eu participei da construção da oficina do que quando eu fiz a oficina. Porque quando

5 Essas categorias são as denominações que damos para os extensionistas mais antigos no projeto, que são Palhaço Cuidadores e que, durante a oficina, assumem um papel de acompanhamento das trupes formadas. Têm a função de orientar e apoiar o pequeno grupo nas atividades da oficina.

you live, you feel it. But, seeing from outside those people passing by it and seeing the transformations, the people leaving, talking, and listening to what they are passing through. Caramba! I thought it was wonderful. I already felt it too. I thought it was wonderful, seeing other people pass by it. (P9, GF § 77).

Construction of friendships and bonds are elements that the experience promotes in the life of the participants in the workshop, where love is cultivated and reminds of the moments lived in the workshop. Love as something that is awakened from an experience and that to benefit from it, and as a feeling and attitude, makes one want to welcome the other too in this experience that was pleasant and, for many, mystical.

Como todos falaram, assim, virou uma família, as pessoas, quando me encontro... enfim, se deixar não para mais de conversar (...) uma família mesmo. Eu acho que a IIª Oficina e a IIIª Oficina, para mim, que foram as que eu participei mais, foram bem intensa e que trouxeram pessoas muito importantes em minha vida, que são até hoje, muito importantes. E que eu pretendo levar para o resto da vida, e que a gente se encontra, uns pouco outros mais. Mas quando se ver parece sempre aquela coisa: “Meu Deus, como eu sinto saudades daquelas pessoas! Por que eu não vejo essa pessoa todo dia?” Caramba! Porque é que uma coisa (...) eu deixei aquilo parado. E com um pouco desse amor que a gente faz transbordar, vai lembrando muita coisa. (P3, GF § 118).

Do ponto de vista da formação, a oficina traz, como principal aquisição, o Palhaço Cuidador, que pode ser percebido como um papel social e que agrega recursos para lidar, já como estudante, na relação de cuidado e também como futuro profissional, o que abordaremos no capítulo seguinte.

Mas algumas questões que a oficina traz para a pessoa, mesmo que não estando no papel do Palhaço Cuidador, são: o autoconhecimento (dos sentimentos, emoções e sensações) elemento fundamental para vida, para o autocuidado, para as relações interpessoais; o reforço ou o despertar que o cuidado com o outro é um cuidado integral que é preciso ver o outro na sua integralidade; e, a percepção de que a construção de vínculo é um elemento fundamental no cuidado.

E então, essa energia, é o PalhaSUS. Não seria obviamente o PalhaSUS se não tivesse a oficina. Não só porque nasce palhaço, mas os sentimentos que as pessoas aprendem a desenvolver, e as posturas que elas passam a ter em suas vidas depois dessa oficina. (P12, GF §124).

E todas as coisas que acontece na oficina, realmente estar escutando aquela pessoa. Se tocar aquela pessoa, tocar com verdade. É, se está do lado daquela pessoa, estar de lado de verdade. E isso para mim, é o que é mais importante de tudo, desde sempre. Ainda bem que eu acho, não vejo o meu curso assim tão opressor, (...) eu já vejo que a oficina veio a somar a tudo isso. Enquanto eu estava lá, sei lá, fazendo uma cadeira, escutando: 'não invada a bolha invisível do paciente', eu (...) Nossa! Eu sei tudo isso. Ai, eu já aprendi, já na prática assim... isso, '- Não faça isso. - Você não pode isso. - Olhe você tem

que saber a história de vida dele todinha, tudo no mundo'. Então assim, para mim, veio a somar mais. (P6, GF § 142).

Uma qualidade importante que destaco, que a oficina instiga nos participantes, tanto por ocasião da sua realização como uma proposta de vida que fica, é o esforço ou a busca de viver o presente, ou, como gostamos de realçar nas oficinas, o espírito meditativo do aqui e agora.

Mas desde da oficina que saí, a palavra que sai, que diz uma palavra no final, eu disse que era presente. E para mim todas as vezes que continua pedindo uma palavra no final, digo presente, para mim é presente. Porque eu acho que a oficina para mim se resume em você, eu, aprender a viver o agora, e o aqui, verdadeiramente, assim, ser palhaço em todos momentos também, do mesmo jeito, viver o aqui e o agora verdadeiramente. Está integro nesse momento, está presente de verdade nesse momento. (P6, GF § 141).

A Oficina do Riso, após seus dez anos de criação, passou por algumas mudanças, mas essas foram pequenas, na essência a oficina é praticamente a mesma. De uma proposta pensada e materializada em um pedaço de papel e depois estruturada em um roteiro, passo a passo, ela se foi constituindo e sendo o que ela era, e modificando-se a partir do momento que suas edições se sucediam. Então, do “sendo” ela passa a “ser”, e “ser”, inclusive, no aspecto teórico.

Em outras palavras, o realizar oficina, o observar seu processo, o refletir no resultado e tentar compreender a sua

estrutura precisava um continente teórico para compreendê-la e compreender o seu conceito, o Palhaço Cuidador.

As meditações, os exercícios e jogos teatrais, e a composição do palhaço através do contato com a criança interior eram como ingredientes, não de uma receita, mas de um processo em que criadores, ministrantes e participantes se constituíam nessa experimentação e nasciam palhaços.

Um exemplo emblemático desse processo foi o próprio nascimento do palhaço Al, o meu palhaço principal, que desempenha o papel social de ser meu lado bufão. Ele não é fruto de uma oficina. Digo, de uma oficina que eu tenha participado como estudante ou aprendiz. Ele, na verdade, é forjado no próprio ato de estar “formando” Palhaços Cuidadores.

Antes, tive uma experiência de Mestre de Cerimônia vestido de palhaço. Na primeira oficina, para concluir e participar do nascimento, entrei na proposta, por nós defendida, de pegar roupas ridículas para compor o figurino. Assim, fui me vestindo. Em função de sermos eu e Honorato Filho que estávamos ministrando a oficina, apesar de ele já ter outro nome de palhaço, criamos a dupla Al e Hon para compor o momento do nascimento e colocarmos no mundo trinta e dois novos palhaços.

Após esse processo é que comecei a me aproximar mais do universo do palhaço. Se assim pudéssemos dizer sou criador-criatura, que, enquanto formador, formei-me também na formação. E o conceito dessa formação é um palhaço, que, fruto dessa oficina na qual estamos implicados, tem características sui-generis.

Tempo depois me aproximei do Psicodrama. Através desta minha vivência, juntamente com a minha companheira Janine Nascimento, e dando continuidade à oficina (a mesma,

mas, já não a mesma) começamos a refletir o que tinha de aproximação com a socionomia⁶ de Moreno.

Em momento seguinte tivemos a oportunidade de compor o Programa de Extensão em Educação Popular em Saúde, o que nos estimulou a refletir a identidade do nosso trabalho com a Educação Popular emancipatória freiriana e começávamos a enxergar o que tinha dessa fonte em nosso trabalho.

Depois vieram as teorias de Maturana, e bem recentemente, no percurso de sistematização da experiência, o princípio neutênico⁷. Não é que eu queira tornar essa experiência, esse palhaço, em uma lona de circo de diversas cores, muito embora quanto mais coloridas, mais bonitas e mágicas elas sejam. Mas, gostaria de realçar que várias teorias, pensamentos filosóficos, que têm a ver com o homem, têm também a ver com o Palhaço.

Para o Palhaço Cuidador, não na pretensão de falar sobre todos os palhaços cuidadores, mas deste egresso da Oficina do Riso da UFPB, ele tem características próprias e se pudesse afirmar, uma filogenética própria, que teve uma criação e que tem uma vida promissora.

6 Sistema teórico, filosófico e metodológico desenvolvido por Moreno que se define: "Socionomia é a ciência das leis sociais (ou o equivalente moderno de 'lei'). (...) A antiga dicotomia 'qualitativo' versus 'quantitativo' é resolvida na socionomia de nova maneira. O 'qualitativo' está contido no 'quantitativo'; não é destruído ou esquecido, mas, sempre que é possível, tratado como unidade" (MORENO, 1974 p. 39).

7 É uma noção científica que indica "que a espécie humana reteve e incorporou ao seu cabedal genético uma série de características juvenis para poder permanecer flexível e aprendente pela vida afora. Somos uma espécie que se viu obrigada, evolucionariamente, a preservar uma juvenilidade adaptativa. Cerebralização e juvenilação evoluíram juntas" (ASSMAN, 2000 p. 310).

CAPÍTULO 3

PALHAÇARIA, ARTE MILENAR – EIS QUE SURGE O PALHAÇO CUIDADOR, UM NOVO PAPEL SOCIAL

Neste capítulo trataremos aspectos deste Palhaço Cuidador, oriundo da Oficina do Riso, seu *status nascendi*⁸, seu papel social e sua ação no campo do cuidado em saúde e da educação.

3.1 ORIGEM DO PALHAÇO NA HUMANIDADE E A SUA CHEGADA AOS ESPAÇOS DE CUIDADO

O Palhaço, um dos mais antigos arquétipos que perpassa o tempo em diversas localidades, períodos históricos, culturas e maneiras de ser, sempre chamou atenção e curiosidade das pessoas. Como afirma Wellington Nogueira, um dos criadores da Organização Não Governamental (ONG) Doutores da Alegria, no documentário “Doutores da Alegria”, o qual trata do trabalho deste grupo, o palhaço foi o pajé da tribo que com o seu jeito diferente cuida das pessoas, o bobo da corte da Idade Média, que tinha o poder de falar coisas que, caso outros falassem, iriam para a forca, passando pelo palhaço do circo moderno, até chegar a esse ser que passou a ocupar outros espaços, como os hospitais.

Observar este ser, este arquétipo e sua trajetória ao longo do tempo e da história é um exercício de investigar a sua

8 Conceito de Moreno que corresponde ao: (...) “O momento primário da criação”. (MORENO - 2012, p.132).

presença e papel histórico em cada contexto. Constatamos que além de permanecerem atuais agregam-se ao palhaço, novas características, funções e inserções.

O escritor e palhaço Cláudio Thebas em sua obra “O livro do palhaço” constrói um relato da evolução do palhaço ao longo dos tempos. Como característica básica para este ser, ele vai apontar o ridículo, “cuja palavra vem do latim, que significa ser risível” (THEBAS, 2009, p.20). Ele vai apontar a contradição humana naquilo que dá medo à maioria das pessoas por se verem em situação de exposição ao ridículo. Essas mesmas pessoas se maravilham com o palhaço por exatamente não ter medo de se expor. Ou seja, assumir as fragilidades e demonstrar que não é perfeito leva ao encantamento das pessoas.

Neste resgate, esse autor aponta os bufões como palhaços presentes em diversas culturas e sociedades. Diferentes dos atuais, que só estão presentes quando estão em cena, os bufões do passado eram mendigos, bêbados, aleijados, anões, corcundas, loucos, e desempenhavam esta função de ser risível por serem considerados anormais. Como característica importante, eles zombavam dos outros sem que estes percebessem, fazendo com que rissem de si próprios, ao rirem dos bufões. Também eram caracterizados por dizer a verdade, sem medo. Davam expressão à loucura e ao incivilizado.

Nem aos reis eles tinham medo de dizer o que pensavam. Só tem medo de dizer a verdade quem tem alguma coisa a perder, e os bufões.... Bem, os bufões já tinham perdido tudo, até mesmo o direito a dignidade. (THEBAS, 2009 p. 22).

Segundo a pesquisa do autor, no antigo Egito, os dangas, pigmeus africanos, vestidos com pele de leopardo e imitando

Bes, um deus anão protetor da família, dançando de forma divertida, entretinham os faraós regozijando-os e fazendo toda corte rir (THEBAS, 2009). Já na China antiga existiam bufões andarilhos que divertiam as pessoas nas ruas e nos centros comerciais e bufões da corte. Se referindo ao mais famoso deles, Yu Sze, Thebas (2009) conta uma passagem em que o cruel imperador que construiu a muralha da China no século III a.C., construção essa responsável por muitas mortes de escravos, ao ser caçoado pelo palhaço Yu Sze pela ideia da pintura da muralha, acabou desistindo. Outros seres cômicos presentes na China e que atuavam no teatro se chamavam T'Seng e T'Cheou. Eles acabavam agradando e divertindo muito, pois, tinham a função de entrar nos intervalos de peças sérias, dramáticas e longas.

Na Grécia, próximo a este período, alguns bufões andarilhos eram chamados de “parasitas”, por serem “penetras” em festas, acabavam fazendo graças e bobagens, recebendo em troca um pouco de comida e bebida (THEBAS, 2009).

Além dos bufões, em outros lugares, neste período da história antiga, existiam outros tipos cômicos, como era o caso do personagem que frequentava o antigo teatro romano, vestindo roupas de remendos coloridos e usando chapéu pontudo se chamava Stupidus (THEBAS, 2009)

Em outra fase histórica da humanidade ocidental, na Idade Média, o autor pesquisado, vai resgatar a figura do bufão da época, tão conhecido por nós, que é o bobo da corte. Cada castelo, que tinha um poder econômico maior, tinha a presença do bobo da corte, já que este recebia um pagamento. Era bastante humilhado e, para tanto, vestia-se como “um rei ao contrário”, usando um chapéu que lembrava uma coroa disforme, de cabeça para baixo, suas vestes tinham cores pouco estimadas, como verde, amarelo e vermelho que em nada lembrava o poder de um verdadeiro rei.

Em função de alguns privilégios, em detrimento a vida do campo, alguns pais mutilavam os filhos com esperança de que estes pudessem se tornar bobos e ocupassem estes espaços, já como dito antes, muitos bufões tinham deficiências físicas ou mentais. Porém, eram necessárias outras características, pois, os legítimos bobos da corte eram pessoas de temperamento rebelde e anárquico. Eram estranhos e revoltados, com suficiente coragem e sabedoria para dizer o que o povo oprimido não era capaz.

Essa coragem de falarem o que no fundo todas as pessoas sentiam (como se estivessem “lendo” os sentimentos) foi confundida com poderes sobrenaturais e acabou por espalhar a crença de que eles podiam adivinhar o futuro. ‘Se o sábio não sabe a resposta’, costumava-se dizer, ‘consulte então um louco. (THEBAS, 2009, p. 30).

Muitos bobos da corte se tornaram conhecidos pelos seus feitos, como são os casos de: bobo Golet que em 1047, ao não ser levado a sério pelos invasores de um castelo, teve tempo de avisar ao futuro rei da Inglaterra, William, o conquistador, e o mesmo, tendo acreditado no bobo, pôde se defender; como também o lendário Nasrudin, um bufão pequeno de estatura e bastante inteligente, que trabalhava para o temível rei Temerlão, muito famoso por suas conquistas e crueldade, arriscou-se perante o rei que ao se ver num espelho começou a chorar por sua tamanha feiura, levando toda corte a chorar junto. Porém, quando Tamerlão parou de chorar e toda corte da mesma forma parou, Nasrudin continuou a chorar. O rei então, sem entender, com uma voz ameaçadora, indaga a Nasrudin por que continua chorando, ao que ele responde que se o rei se viu por

um segundo e chorou duas horas, ele que tinha que olhar para “a cara do rei todo santo dia”, teria que chorar muito mais. Neste momento, surpreso pela resposta, Tamerlão riu exaustivamente, acompanhado pelos súditos “fiéis”.

O palhaço é capaz de libertar a partir desse ensinamento, de que as pessoas podem rir de si próprias. Muitas vezes estamos em uma situação que nos parece sem saída, mas, ao relativizá-la podemos, com essa perspectiva do olhar do palhaço, encontrar motivos de achar engraçado até de situações mais difíceis, e, por consequência, superá-las.

Palhaços se espalhavam por vários cantos, a partir das viagens entre o ocidente e o oriente. Iam se ampliando público e tipos de palhaços nas suas diversas especialidades: os que tocavam, os que faziam acrobacias ou malabarismo, os que percorriam feiras atrás do seu ganho, onde o teatro itinerante também estava presente, os famosos saltimbancos, que, em suas carroças, percorriam as estradas visitando os lugarejos e cidades (THEBAS, 2009).

No fim do século XVI, teremos na Itália o surgimento da *Commedia dell’Arte*, um dos gêneros teatrais de maior importância e influência no mundo até a atualidade, tendo como característica o uso de máscaras. Cada máscara representa sempre o mesmo personagem, em todas as histórias e companhias. O Arlequim, um dos personagens mais populares, cuja vestimenta traz losangos coloridos e uma máscara negra, com características de agilidade e elegância, e aparência tola, porém, cativante. Aproxima-se do palhaço do circo moderno que surgirá no século XVIII. Além do Arlequim, outros personagens da *Comédia dell’Arte*, como Pantaleão, Doutor, Capitão, Briguela, Pierró e Colombina vão influenciar o palhaço do circo moderno.

O Circo moderno tem como um protagonista importante, o senhor Philip Astley, um ex-sargento da cavalaria inglesa,

que ao abrir uma escola de montaria, resolveu fazer alguns pequenos shows com seus cavalos. Como afirma Thebas (2009), ao observar que era mais fácil o equilíbrio em pé sobre o dorso do animal galopando em círculo, devido à força centrífuga exercida, ele formatou uma arquitetura circular para que as pessoas pudessem ver as apresentações que cada vez atraía mais público e diminuía o interesse pela escola de montaria. Outras atrações vão sendo incrementadas além das apresentações de montarias. Começava a se ter neste espaço redondo, atrações de malabares, acrobatas, números com animais, ia assim surgindo o circo moderno.

Os espetáculos eram constituídos por atrações que despertavam suspense, admiração, medo. Foi quando Astley começou a incluir um número, em que ele também participava, no qual os cavaleiros, fingindo serem camponeses simplórios e, com movimentos desastrados ao tentarem montar os animais, arrancavam risos da plateia, sendo considerados os primeiros palhaços de circo.

A pesquisa que se faz da palavra *clown*, palhaço em inglês, indica a origem na palavra *clod*, que se refere justamente ao camponês e ao meio rústico. Esta palavra também significa estúpido, bronco, cabeça-dura, trazendo o sentido da ingenuidade, de não ser capaz de prever os acontecimentos, ficando preso ao momento.

Este palhaço do contexto do circo moderno que se amplia e vai ganhando o mundo, chegando até ao novo continente, também vai crescendo em número e qualidade.

Um palhaço do século XVIII, que não chegou a ter atuação em picadeiro, mas, sim, em rua e teatro, foi Joey Grimald, considerado um dos melhores de sua época, e que teria depressão, como afirma Thebas (2009). Ao procurar um médico, este teria indicado “um remédio” infalível, que seria assistir

a Joey Grimald, ficando ele incomodado com a informação, pois, ele era o palhaço que fazia este efeito benéfico nas outras pessoas deprimidas.

A chegada de circenses imigrantes no Brasil, oriundos da Argentina, vai se dar no século XVIII, como indica em sua pesquisa Ermínia Silva, historiadora e descendente de quarta geração de família circense. A historiadora e pesquisadora, em seu livro *Circo-Teatro: Benjamim de Oliveira e a Teatralidade Circense no Brasil* (2007), fruto de sua tese de doutorado cujo objetivo é traçar parte da história do circo no Brasil, tendo como fio condutor a trajetória de como ela denomina “da figura polivalente de Benjamim de Oliveira, indica que em 1834, tem-se, pela primeira vez, o registro da chegada ao Brasil de um circo formalmente organizado, o de Giusepp Chiarini”. (Silva, 2007, p.58).

Esta obra é uma pesquisa detalhada, no intuito de trazer a história do circo moderno na Europa. A chegada da população nômade circense ao Brasil, vinda da Europa e da América do Norte, como se configura a formação do circo em nossa realidade e sua profunda inserção cultural em espaços populares e eruditos, influenciando profundamente o desenvolvimento artístico cultural brasileiro, na relação circo-teatralidade e a história da música nas primeiras décadas do século passado.

O circo na história brasileira, como manifestação artística e cultural, ao chegar às cidades, exercia papel importante em uma época em que não havia televisão e o rádio só teria uma relevância nas décadas seguintes. O circo era um espaço fértil, não só para o entretenimento, mas, também, para trazer questões e problemáticas locais para os espetáculos, através das esquetes e peças adaptadas ao picadeiro.

A história do circo e das famílias circenses no Brasil vai produzir palhaços importantes e habilidosos como o próprio

Benjamim de Oliveira, Abelardo Pinto (Piolim), José Carlos Queirolo (Chicharrão), George Savalla Gomes (O Carequinha), Waldemar Seyssel (Arrelia), Walter Seyssel (Pimentinha), entre outros.

Esse palhaço que cruzou o tempo e se apresentou de diversas formas, mas sempre com uma presença de efeito impactante sobre as pessoas no encontro, no século passado, despertou pessoas da arte como o ator Michael Christensen e da saúde como o médico Hunter Patch Adams, pioneiros em levarem-no de forma organizada e estruturada para o espaço dos hospitais, assumindo um papel importante no cuidado humanizado.

Essa consideração e caracterização como primeira forma organizada de realizar trabalhos em hospital é importante de ser feita, pois, palhaços já tinham frequentado os hospitais anteriormente. Um exemplo é o Palhaço Chocolate, o primeiro negro que se notabilizou na França, um ex-escravo de origem cubana cujo nome era Rafael Padilla, e que fugiu para a França no final do século XIX.

Essa relação de encontro com as pessoas em situação de fragilidade e adoecimento passou a ser vista como uma possibilidade de reforço no enfrentamento das situações de doenças e infortúnios, e, ao mesmo tempo, no conforto e compreensão do sentido da existência na fase em que a vida está próxima ao final.

Os palhaços com intervenção nesses espaços foram se multiplicando à medida que iam despertando interesse nas pessoas e artistas passavam a desenvolver o seu lado palhaço para atuar nesses espaços. Tal interesse passou a ser despertado também em pessoas que, não do meio artístico e sim do meio profissional da saúde, passaram a desenvolver sua veia artista nesse personagem marcante.

3.2 EIS QUE NASCE O PALHAÇO CUIDADOR DA OFICINA DO RISO

Desde a primeira edição a oficina é realizada em cinco dias. Durante este período os participantes vivenciam momentos que vão desde à formação do grupo, passando pelo processo de construção do palhaço, culminando com o nascimento destes, em espaço público. É um trabalho de valorização e resgate da alegria e do amor, como valores e fundamentos humanos, na perspectiva de Adams (2002), Maturana e Verden-Zoller (2004), onde cada expressão do palhaço se revela no encontro com a criança que existe em cada um de nós. Trata-se de uma proposição ao mergulho interior na busca de uma descoberta pessoal, que acaba por resultar no desenvolvimento de uma nova forma de se expressar no mundo.

A oficina é considerada neste trabalho como um evento de iniciação, na qual o participante adquire o aporte instrumental básico para o desenvolvimento de uma nova prática. O seu conceito, o palhaço cuidador inicial, representa um novo papel social, que doravante, poderá ser desenvolvido através de suas atuações e no contexto do grupo que compõe o projeto de extensão PalhaSUS.

São desenvolvidos três objetivos de aprendizagem: trabalhar o arquétipo da criança interior e sua espontaneidade; desenvolver os aspectos cênicos e cômicos do palhaço; e, atuar no processo de humanização nos espaços de promoção e cuidados da saúde, estabelecendo diálogos horizontais e de reconhecimento do saber do outro.

Para tanto, utilizamos três instrumentos metodológicos principais, quais sejam: os jogos teatrais, na perspectiva do teatro do oprimido; a meditação oriental, baseada nas técnicas

de meditação dinâmica do Osho; e, as Danças Circulares, como recurso educativo e terapêutico e como forma de meditação.

A discussão teórica realizada na oficina inclui alguns textos-base para a construção do novo papel social de Palhaço Cuidador, como a entrevista com Patch Adams realizada no programa Roda Viva da TV Cultura em 2007, e a exibição do filme “Doutores da Alegria - O Filme”, com a posterior discussão sobre eles em rodas de debate. Em diversos momentos da oficina são formadas essas rodas para discutir aspectos formadores do palhaço cuidador e para trabalhar o compartilhamento das emoções trazidas pelas vivências. Dentre os temas discutidos, estão incluídos os diversos tipos de palhaço com suas características marcantes e os principais palhaços brasileiros.

A formação do palhaço, à semelhança da jornada humana da fecundação até o nascimento, é um processo gradual e evolutivo. Ao longo da semana de realização da oficina, os seus participantes são instruídos a desenvolverem as várias etapas de construção do seu palhaço, o que inclui o trabalho com a fala, o andar, a confecção das perucas, da roupa e as instruções de maquiagem. O atuar do palhaço é trabalhado a partir da construção de esquetes, que são realizadas em grupos, voltadas para a perspectiva do teatro de rua.

O resgate da criança interior perpassa a todos os momentos da vivência, facilitado pelas danças circulares, jogos teatrais e meditações. Estes são instrumentos capazes de despertar o ser alegre e brincante que se encontra latente no cotidiano das pessoas. As danças circulares, por exemplo, mostram-se como uma forma de brincar, ao mesmo tempo em que cada dança possui o seu contexto histórico e simbólico, que estão inserido na letra e nos passos das danças. A própria estrutura do círculo, adotada na dança e em todos os momentos de compartilhamento, representa para a humanidade um

símbolo antigo de unidade e convivência fraterna. É um formato em que se quebram as hierarquias e as pessoas encontram lugar de expressão e acolhimento.

3.3 PALHAÇO QUE SURGE PARA O CUIDADO - CUIDAR DE SI E DO OUTRO

A perspectiva do cuidado é o que guia o palhaço cuidador em qualquer cenário de atuação e fora dele. O arquétipo do palhaço, que remonta aos primórdios da história da humanidade, tem na sua constituição a capacidade de chamar atenção e “quebrar o gelo”, trazendo para si o foco dos erros e fracassos que normalmente nos fazem sentir a fragilidade da condição humana. Este palhaço consegue abordar todas as pessoas e conversar com elas, ouvi-las, brincar e fazê-las rir. Ao fazer isso, ele está cuidando de cada uma delas. O palhaço consegue quebrar as barreiras do diálogo humano (por exemplo, ao conversar com pessoas que ele não conhece e vice-versa) e levar o cuidado a todas as pessoas que encontra.

Ela já mudou o modo que ela me via, quando descobriu que era aquele palhaço, ela já era outra pessoa. Ela já contou, o seu dia, ela meio que fantasiou como foram esses dias, dela sem eu chegar para atender, que eu chegava cedo para atender. E ela com um monte de alegria quando descobriu quem eu era, ela já contou o que aconteceu com ela, já se transformou em outra pessoa para mim. (P5, GF § 107).

O Palhaço Cuidador desenvolve e traz consigo recursos importantes tais como: ter o sentimento auto percebido e que sintoniza com o sentimento do outro, disponível a empatia, e

pode até ficar triste; o palhaço permite um acesso maior à e das pessoas; o palhaço permite o lidar com o próprio sofrimento, ser mais extrovertido e ser mais observador do outro; o palhaço como recurso de mostrar o lado bom das coisas; quando se estar carregado, preocupado pode-se recorrer ao lado leve do palhaço e diminuir a tensão da situação, da vida; o palhaço cuidador permite que tem um olhar de entrega maior para o paciente, e está mais disponível aos desejos dele.

Como observado pelos integrantes do projeto o palhaço permite um acesso maior às pessoas. O Palhaço Cuidador permite um olhar de entrega maior para os pacientes, e está mais disponível aos desejos deles.

Segundo o próprio Patch Adams, na entrevista que deu ao programa Roda Viva da TV Cultura em 2007, o trabalho do profissional de saúde “não é curar, é cuidar. Nós sempre podemos cuidar. Totalmente, todo dia, o dia todo. Sempre podemos cuidar”.

Na saúde podemos afirmar que, na verdade, um percentual importante das doenças não é curável, são tratáveis e esse tratamento passa pelo cuidado. Mas, independente de curáveis ou não curáveis, numa perspectiva holística de um estado de saúde, o cuidado é extremamente importante. Esse cuidado se dá quando se estabelece vínculo entre o que promove o cuidado e o que necessita de cuidado. Esse vínculo, passando pela confiança, pela disponibilidade de escuta e acolhimento de anseios e necessidades.

O afeto promovido na relação de cuidado acaba desencadeando na pessoa que necessita do cuidado, que na verdade somos todos nós, um despertar de recursos e potenciais para lidar com a enfermidade.

Ainda é necessário explorar esses efeitos e resultados dentro de uma perspectiva do olhar da medicina biomédica, mas, alguns trabalhos que investigam o campo do cuidado

através da palhaçaria e do lúdico, ainda escassos, indica uma maior resposta imunológica, um menor tempo de internamento e outros benefícios da palhaçaria em hospital.

Como aponta Sato *et al* (2016, p. 12), a partir de um estudo de meta-análise realizado por Lamers *et al* (2012):

[...] podemos encontrar, na literatura científica, evidências da existência de uma correlação positiva entre o bem-estar emocional, a recuperação e a sobrevivência diante de uma doença física. Nesta perspectiva, os palhaços, de modo geral, têm como objetivo a ressignificação do ambiente hospitalar com decorrente melhora no bem-estar emocional tanto dos pacientes como de acompanhantes e funcionários.

Sato *et al*, ao considerarem a doença e a internação como situações estressantes dentro do contexto fisiológico, em uma revisão de 33 artigos, apontam que:

Quando um indivíduo é submetido a um evento estressante, ocorre a liberação de cortisol e catecolaminas que, se por um lado, provocam as alterações necessárias para que o corpo esteja apto a responder adequadamente à situação responsável pelo estresse, por outro lado, podem desencadear ansiedade, perda de apetite, aumento da resposta a alérgenos e agravamento de condições como hipertensão e diabetes. Sinais comuns destas reações ao estresse são: alterações do pulso, da frequência respiratória e da temperatura da pele, que são utilizadas como parâmetros para avaliação do bem-estar emocional em alguns estudos. Sendo assim, intervenções que objetivem reduzir os níveis de

estresse provocado pela doença e pela internação, seja para o tratamento clínico, seja para um procedimento cirúrgico, anestésico ou sedativo, podem contribuir no sentido de evitar o surgimento de complicações e patologias associadas, favorecendo até a resposta dos pacientes ao tratamento.

De modo geral, este mecanismo é tido como a principal hipótese para a melhor resposta dos pacientes que recebem a visita dos palhaços, que atuam como redutores do estresse associado à doença e à internação. Vale destacar que a estruturação e avaliação destes projetos foram realizadas a partir de depoimentos e visões subjetivas dos envolvidos, de modo que ainda há uma carência de evidências científicas quantitativas que confirmem o efeito fisiológico por trás dos benefícios gerados pelas intervenções, o que abre margem para pesquisas a serem realizadas neste sentido. (2016, p.126).

Seguindo esse raciocínio, o grupo PalhaSUS leva a palhaçaria para os cenários de prática com o ideal de cuidar de todas as pessoas, e não de curá-las.

(...) quando eu comecei a atuação na área profissional eu já comecei com o olhar do palhaço cuidador. É uma coisa assim, muito interessante, que eu percebi que foi o olhar do palhaço mesmo, é que muitas vezes eu não conseguia separar muito o palhaço do P3. Então eu era aquela pessoa que olhava mesmo para o paciente, que conversava da vida, que conhecia a família do paciente, que me chamavam para al-

moçar na casa dele, enfim. Tinham muito isso, e sempre o meu dia a dia de trabalho, como fisio-terapeuta (graduando), era poder realizar uma vontade do paciente, e não que eu traçar, força para tal coisa, não: ‘que o senhor quer o que?’ ‘Eu gosto de pescar.’; então eu: ‘vamos trabalhar para o senhor conseguir voltar a pescar’. (P3, GF §116).

Todas as pessoas, sadias ou doentes, precisam ser cuidadas. O cuidado trazido pelo Palhaço Cuidador estende-se para além dos cenários de prática, e neles engloba todas as pessoas presentes, seja um profissional de saúde, usuário do serviço, paciente, funcionário, diretor do hospital, qualquer um, sem distinções. Trata-se de um cuidado universal e incondicional. E não é um processo unidirecional: quem cuida também pode ser cuidado, e quem é cuidado também pode cuidar, basta se permitir cuidar e ser cuidado. Como o poeta e ator Ray Lima coloca: “Cuidar do outro é cuidar de mim/Cuidar de mim é cuidar do mundo”.

Muito mais do que cuidar das outras pessoas, o palhaço também exerce o papel de cuidar de si mesmo. As experiências vivenciadas pelo palhaço em particular são muito ricas e transformadoras, e refletem no modo como esse palhaço do projeto PalhaSUS - futuro profissional de saúde – colocar-se-á diante dos serviços de saúde e dos próprios usuários. Além disso, ao cuidar de outras pessoas, e se permitir ser cuidado, muitas vezes, a pessoa por trás do Palhaço Cuidador consegue encontrar um amparo para resolver os seus próprios problemas, uma vez que, por trás de cada palhaço, há um ser humano, que também precisa ser cuidado.

Nesse sentido, a busca de alguns extensionistas tem sido na perspectiva de buscar o seu próprio cuidado. Os espaços

da vida pessoal e acadêmica, e a perspectiva de se deparar com a vida profissional que se aproxima, muitas vezes, trazem angústias, dilemas, frustrações e sensação de impotência. Um participante do projeto, que esteve refletindo no grupo focal o papel desse Palhaço Cuidador em nossas vidas trouxe elementos importantes para essa reflexão.

Para dar um exemplo, o ano passado eu estava rodando no PSF (estágio do internato em saúde coletiva), foi em setembro do ano passado (2014). Eu tive assim, entrei em depressão mesmo, eu não queria mais atender, eu ia para o PSF, ficava no consultório a manhã inteira chorando, e eu não tinha nenhuma vontade. Não sei se por conta do ambiente do acolhimento, o PSF que eu estava era muito estressante, era muita gente. Muita gente que a gente via que a gente não consegui dar conta. Como por problemas pessoais que eu tinha passado, de perda de parente na família. E ter visto que a medicina chegava num limite que eu não pude fazer nada, e que eu perdi meu avô (...) passei por um momento de desestímulo assim, de não querer mais. Então eu realmente entrei em depressão, o Professor que me acompanhava, disse que se eu quisesse me afastar, poderia me afastar. Mas eu continuei indo para o PSF, e a preceptora que eu tinha lá era bem compreensiva, as vezes eu ia, mas ficava só olhando, se eu tivesse condições de atender, eu atendia, se eu não tivesse eu ficava a manhã no consultório chorando. (P2, GF § 13).

Eu comecei a fazer terapia, e a tomar medicação. E aí, teve um dia das crianças no PSF, e pe-

diram se eu pudesse ir de Palhaço. E eu fui de palhaço nesse dia, foi assim um dia mágico para mim no PSF, foi um dia em que eu lembrei de trazer o palhaço para aquele ambiente que para mim era tão pesado. Fui outra pessoa, naquele dia, e naquela semana quando eu fui para terapia, o médico procurou fazer a terapia toda baseada no palhaço. É para tentar trazer os sentimentos que eu tinha de bom, e que no fundo são os sentimentos que eu guardava ali. São os sentimentos bons que a gente guarda com o palhaço, as vezes a gente está tão carregado, que esquece daquela leveza que a gente pode ter com o palhaço”. (P2, GF §114).

O projeto PalhaSUS se propõe a atuar no contexto das relações humanas, através da palhaçaria, numa perspectiva de transformação da realidade e da busca por uma sociedade saudável, geradora de harmonia, bem-estar e segurança. Busca produzir conhecimentos que possam alimentar o debate em torno de caminhos para a Educação Popular, ao desenvolver nos estudantes em formação, habilidades artísticas e de comunicação relacionados ao atuar do palhaço e ao favorecimento das relações humanas, na perspectiva de Masetti (2003) e Adams (2002).

O termo Palhaço Cuidador é utilizado aqui como um novo papel social adquirido pelos estudantes, que passam a atuar no projeto e na vida proporcionando um cuidado centrado na sua interação com as pessoas através da palhaçaria, em diversos espaços onde seja possível a produção do cuidado, e ações educativas, incluindo os hospitais. Dentro do conceito de papéis desenvolvido por Moreno, como “a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos” (2006, p. 27), o papel social é aquele que

ajuda a constituir uma sociedade, e ao mesmo tempo, junto com os outros papéis do indivíduo, compõe a estrutura do eu (MORENO, 2006). Essa nomenclatura foi, por nós, adotada desde o surgimento da proposta por ser a que melhor representa a nossa ação nesses espaços, o cuidado de forma mais ampla.

Tomando referências na fundamentação teórica do psicodrama conforme Moreno (2006), concebemos que o Palhaço Cuidador tem sua matriz de criatividade na “criança interior” presente em cada um de nós, como um papel psicodramático que favorece à entrega e à inocência do palhaço. Nesse sentido podemos dialogar com Martin Buber que estabelece conceitos e explicações concernentes ao desenvolvimento do eu, o reconhecimento do tu e essa relação eu e tu, que investe de significado o encontro que é de fundamental importância para a atitude do diálogo (BUBER, 1977).

3.4 E O PALHAÇO CUIDADOR, QUEM É?

Certamente se estivéssemos em um espetáculo de circo e perguntássemos: “E o palhaço, o que é?” A resposta jocosa, hilariante, certamente seria: “É ladrão de mulher”.

No nosso caso, estamos formulando que dentre os Palhaços Cuidadores, os palhaços de hospitais, os *clowns*, temos o Palhaço Cuidador que se desenvolve e nasce da Oficina do Riso.

Em função de processarmos essa concepção dentro da teoria socionômica, temos dito que o Palhaço Cuidador é um papel social. E o que seria papel social? O papel social foi formulado dentro de uma teoria que o Moreno chamou de teoria dos papéis.

A palavra papel, que em inglês é *role*, tem como origem uma antiga palavra francesa. Essa palavra fazia parte

do vocabulário francês e inglês durante a idade média e cuja derivação do latim é *rotula*. (Moreno, 2006)

As representações teatrais, tanto na Grécia como na Roma Antiga, eram escritas em “rolos”, sendo lidas pelos pontos para os atores no intuito de que esses decorassem, cada um, os seus “papéis” (Moreno, 2006). Porém, tempos depois ressurgiu o seu uso como relata:

Só nos séculos XVI e XVII, com o surgimento do teatro moderno, é que as partes dos personagens teatrais foram lidas em “rolos” ou fascículos de papel. Desta maneira, cada parte cênica passou a ser designada como um papel ou role. (MORENO, 2016, p. 27).

Como afirma Moreno, a origem do emprego da palavra papel enquanto conceito, não é da sociologia ou da psiquiatria, mas, sim, do teatro, passando a compor o vocabulário científico.

Moreno faz, em seu livro intitulado *Psicodrama*, uma forte defesa de que a formulação do conceito psiquiátrico de papel tem origem nos teóricos do psicodrama, em especial por sua contribuição, e pela de tantos outros que, por cerca de quarenta anos, formularam e desenvolveram este conceito, bem como, técnicas de desempenho de papel.

Fazendo críticas ao sociólogo norte americano G. H. Mead, que reivindicava ter tido uma participação importante na construção do conceito de papel e sua psicopatologia. Moreno vai dizer:

O livro póstumo de G. H. Mead, *Mind, Self and Society*, apareceu em dezembro de 1934, quase um ano depois do meu ‘Who Shall Survive?’, editado em janeiro de 1934. Em momento ne-

nhum utiliza Mead os termos “executante de papel” (role player), “desempenho de papéis” ou “técnicas de desempenho de papéis”, nem trata de implicações psicopatológicas do conceito de papel”. (MORENO, 2006, p. 24).

Em função de possíveis controvérsias no campo científico e, no que pese esse trabalho, não consiga dar conta de um possível debate sobre quem construiu o conceito e a teoria de papéis, realçamos a utilização do termo teoria psicodramática dos papéis.

O conceito de papel para Moreno é: “o papel é a forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos”. (2006, p. 27).

Para Moreno, “o desempenho de papéis é anterior ao surgimento do eu. Os papéis não emergem do eu; é o eu quem, todavia, emerge dos papéis”. Apresenta esse pensamento como uma hipótese, e sugere possibilidades de contestação por determinadas correntes filosóficas, teológicas ou científicas.

É na aproximação dessa hipótese que temos construído o entendimento sobre quem é esse Palhaço Cuidador, e que papel social é esse. Nesse trabalho, faremos o esforço de desenvolver uma teoria sentida, vivida e observada. Talvez para esse palhaço, como para qualquer outro, não haveria necessidade de entendê-lo, mas, só de sê-lo. Falarmos e escrevermos sobre o que compreendemos deste palhaço nos remonta a sabermos ainda mais, e num outro aspecto importante, compartilharmos a nossa experiência.

Além dos papéis sociais, na teoria dos papeis, Moreno refere-se a dois outros conjuntos de papéis: os papéis fisiológicos/ psicossomáticos e os papéis psicológicos/ psicodramáticos.

Os papéis fisiológicos são os primeiros a serem exercidos e têm a ver com o se alimentar, urinar, defecar, ter atividade sexual. Os psicodramáticos como os dos super-heróis, as fadas, esses surgem na sequência. O terceiro conjunto são os papéis sociais: de filho, de irmão, médico, professor, palhaço, etc.

Esses vão se formando e vão se agrupando e constituindo o eu, e cada um dos papéis correspondem aos “eus” parciais. Com o passar do tempo é que, segundo Moreno, os papéis se integram e conformam um “eu real”. Esse processo depende muito do equilíbrio nas relações, principalmente, entre os papéis psicodramáticos e papéis sociais.

A matriz de identidade, que é outro conceito importante desenvolvido por Moreno, constitui:

Essa coexistência, co-ação e co-experiência que, na fase primária, exemplificam a relação do bebê com as pessoas e coisas à sua volta, são características da matriz de identidade. Essa matriz de identidade lança os alicerces do primeiro processo de aprendizagem emocional da criança. (MORENO, 2016, p. 122).

A matriz de identidade é, antes e imediatamente após o nascimento do bebê, o universo inteiro deste. Não havendo diferenciação, a existência é tida numa totalidade. No decorrer do desenvolvimento da criança. Moreno indica que os papéis psicossomáticos levam a criança a experimentar o que é chamado de corpo. A psique seria experimentada a partir dos papéis psicodramáticos. Por fim, a sociedade, as relações sociais, através dos papéis sociais.

Na Oficina do Riso, como já dito anteriormente, realizamos um paralelo do nascimento da criança. No primeiro dia o Palhaço Cuidador é “autofecundado”, inicia-se uma “gravidez”, uma

evolução do “embrião do palhaço” e o “nascimento”. Todo o clima da oficina, o local da sua realização, o grupo que organiza, que acolhe, é considerado por nós, criadores da oficina, a Matriz de Identidade deste palhaço.

O grupo PalhaSUS constitui a Placenta Social (sinônimo dado por Moreno, 2006, para a Matriz de Identidade). Apesar de ter o termo identidade, esse ser que se desenvolve e nasce, ainda não está com a sua definida, pois, não pressupõe uma identificação do “eu”. Existe ainda todo um processo de desenvolvimento do eu dentro de uma evolução de fases, que nesse trabalho não aprofundaremos.

Outro aspecto importante da teoria dos papéis é que o papel social sofre o processo de aprendizagem. Conforme o desenvolvimento da identidade da criança, e aqui num paralelo, do Palhaço Cuidador, há também, o desenvolvimento do novo papel. Esse desenvolvimento passa por três fases: a tomada do papel (*Role-taking*); o jogo do papel (*Role-playing*), onde se busca experimentar possibilidades de representação do papel; e, por fim, o desempenho do papel com suas próprias características a partir da espontaneidade⁹ e criatividade¹⁰.

Conforme já referi neste texto, sinto-me criador e criatura do Palhaço Cuidador dessa oficina, e a reflexão sobre ela, sobre os palhaços que nascem e sobre nossas ações, é um processo contínuo de autoconhecimento, além de tantos papéis sociais que exerço, também do meu papel de palhaço. Ao aprofundar

9 Espontaneidade conceito aqui elaborado por Moreno que consiste: “A espontaneidade opera no presente, agora e aqui; propõe o indivíduo em direção à resposta adequada à nova situação ou a resposta nova para situação já conhecida”. (MORENO apud CUKIER, 2002, p. 105 - 106).

10 Criatividade também como conceito de Moreno é: “A possibilidade de modificar uma dada situação implica em criar: produzir, a partir de algo que já é dado, alguma coisa nova. A criatividade é indissociável da espontaneidade. A espontaneidade é um fator que permite ao potencial criativo atualizar-se e manifestar-se. (GONÇALVES, WOLFF, ALMEIDA, 1988 p. 47).

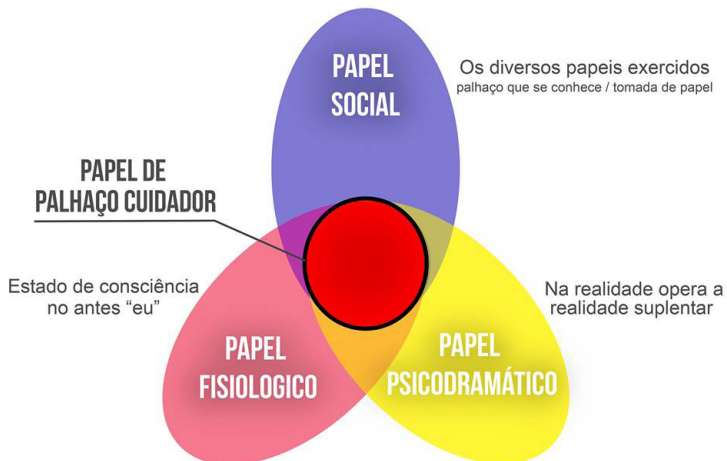
essa formulação teórica, busco responder a pergunta: e quem é o Palhaço Cuidador?

Em uma das pausas na produção desse texto, para permitir um descanso, os pensamentos de como explicar quem é esse palhaço, pelo menos para mim, não pararam. E tentando entender essa concepção veio a imagem no meu cérebro.

Fui até um papel e desenhei, que não é o meu forte. Não é por ser esse trabalho com um rigor acadêmico que desprezarei esse lampejo, esse *insight*. O que seria de Newton se não fosse a maçã na sua cabeça?

Esse processo que é para mim de um sentir pensante desse palhaço, permite-me buscar apreender e construir um saber. Sem mais justificativa, segue o desenho que foi digitalizado e tratado nos programas ilustrator e photoshop . A partir dele, continuarei.

Figura 1: Representação semelhante ao Palhaço Cuidador



Fonte: Elaborada pelo autor.

As pessoas que participam da Oficina do Riso são remetidas a um espaço, uma placenta social que é o grupo PalhaSUS, esse, por sua vez, estabelece as condições necessárias para o *status* nascendo do Palhaço Cuidador.

No momento que denominamos como a “fecundação” do Palhaço Cuidador, utilizamos de uma meditação chamada “meditação da criança interior”. Esta aprendida com Aswara, um sannyasin¹¹ com quem praticamos meditações desenvolvidas por Osho¹², que entre tantos entendimentos sobre meditação indica que:

[...] é aventura, a maior aventura que a mente humana pode empreender...é simplesmente ser sem fazer nada...você apenas é, e é puro prazer. De onde vem esse profundo prazer, quando você não está fazendo nada? ... é imotivado, porque a existência é feita de uma matéria chamada alegria. (OSHO, 1989, p.2).

Essa meditação tem o intuito de que o participante entre em contato com sua criança interior. Para isso ele seria “levado” a um estado meditativo, próximo a um estado de consciência antes “eu”, ou seja, antes do eu estar desenvolvido. Ao se despertar da fase de relaxamento da meditação, os movimentos e ações espontâneas dos participantes vão se dando em um espaço acolhedor preparado para a criança que ressurgue naquele momento, a criança interior. A pessoa é conduzida a desempenhar um papel psicodramático no *setting* da oficina, no aqui e agora de sua criança interior.

11 Sannyasin é a pessoa que alcança a “Sannyas é a consciência de que ‘Eu não sou apenas o corpo, eu também sou a alma’”. É como os discípulos de Osho são conhecidos. (Osho, *The Perfect Way*, Número 3).

12 Osho foi um mestre indiano que ao se iluminar passou a desenvolver o seu trabalho de meditação e de uma propagação de uma cultura libertária.

Trazemos a ideia da criança interior como um arquétipo importante para o palhaço. Se o palhaço é um arquétipo para o homem, a criança é um arquétipo para o palhaço. Moreno indica a importância da eterna criança existente no homem, com sua força imaginativa. [...] “a imaginação do homem não deixará de lado a eterna criança que existe nele, descobrindo novos modos de preencher o universo com seres fantásticos, mesmo que precise criá-los.” (Moreno, 1974, p. 171).

Outro aspecto importante na teoria sicionômica de Moreno, acerca da criança, quando ele trata a teoria da espontaneidade, diz respeito à “situação do nascimento como primeira fase no processo de preparação para os estados espontâneos”. Escreve:

Por um acidente da natureza, parece que o bebê humano nasce nove meses depois da concepção. Poderia nascer muitos meses depois e o recém-nascido poderia vir ao mundo quase preparado para cuidar de si mesmo, à semelhança de alguns recém-nascidos entre outros vertebrados. Tal como são as coisas, o bebê humano ingressa num mundo complicado e perigoso muito antes do seu organismo estar preparado para satisfazer suas necessidades prementes e, por conseguinte, a soma de ajuda de que necessita para sobreviver tem de ser muito maior e mais prolongada que no caso de qualquer outro filhote de classe primata. (MORENO, 2006, p. 100).

Em revisão bibliográfica que fiz, no que foi possível ter de acesso à obra de Moreno, não encontrei nenhuma citação da neotenia humana. Mas, é interessante essa feliz coincidência que na sua obra traga essa avaliação e constatação sobre as

caraterísticas em que se dá o nascimento humano. Claro que não é necessário tanto espanto, afinal de contas, Moreno, como médico psiquiatra e como teórico que desenvolveu uma proposta de ciência de compreensão do homem no cosmo, teria toda condição de fazer esse tipo de reflexão sobre o desenvolvimento humano.

A feliz coincidência que trago com a neotenia é que, ao estudar sobre “essa noção científica”, na tentativa de compreender como emerge o papel social do Palhaço Cuidador dessa Oficina do Riso e como se desenvolve esse aprendizado. Passei a considerar que há um encaixe da criança interior, que vínhamos falando, com o estado neotênico que a oficina produz nos participantes e que vai reverberando ao longo do tempo, conforme esse papel vai sendo desenvolvido. Temos aqui o encaixe de duas fontes teóricas, o psicodrama e a neotenia

E o que seria neotenia humana? Seria a permanência de características juvenis na idade adulta.

[...] para aludir ao fato de que a espécie humana reteve e incorporou ao seu cabedal genético uma série de características juvenis para poder permanecer extremamente flexível e aprendente pela vida afora. Somos uma espécie que se viu obrigada, evolucionariamente, a preservar uma juvenialidade adaptativa. Cerebralização e juvenização evoluíram juntas. (ASMANN, 2000, p. 310).

Do ponto de vista dos estudos na biologia foram feitas observações quanto ao crânio de determinados primatas e o homem tendo sido constatado que:

[...] o crânio de um chimpanzé jovem e de um homem adulto possuem várias características em comum, crânio globuloso, face sem arestas proeminentes, etc. Mas enquanto o crânio do chimpanzé mudará quando adulto, o do ser humano conserva um aspecto juvenil. A partir desse fato Bolk presumiu que o crescimento das formas do ser humano se tornou mais lento no decurso da evolução. Essa teoria, chamada de neotenia, conta hoje com muito interesse especialmente nos Estados Unidos e na Europa. (ASMANN, 2000, p. 310).

Entre tantos aspectos importantes da neotenia temos o alento à ludicidade. A abertura para a ludicidade estará aberta em todas as fases do indivíduo, em qualquer ciclo da vida. Então, todo ser humano tem um potencial brincante, e, portanto, é um ser lúdico.

Com essa criança interior, desperta na “meditação da criança interior”, aflora o estado neotênico do humano. Por pouco, mais de uma hora, todos os participantes, no espaço do Ginásio de Práticas Integrativas que, carinhosamente chamamos de útero, pouco a pouco vão se despertando de um relaxamento, ou de um sono, ou da meditação e começam a ter contato com os objetos na sala que estimulam o brincar. Pequenos movimentos dão início a brincadeiras individuais. Depois, alguns estão em relação de corredor, brincando em dupla, em seguida, triangulando em trios, pequenos grupos que circularizam entre si, até, em muitas oficinas, todos os participantes estarem em uma só brincadeira, uma circularização total do grupo.

O novo papel está só iniciando e sua matéria prima, o brincar, a ludicidade, a construção de relações e vínculos, e o acesso à consciência de sensações, emoções e sentimentos

vão compondo essa matriz criativa. Acreditamos que o papel fisiológico/ psicossomático está presente nesse desenvolvimento sempre que o participante se aproxima de suas sensações, e essas vão influenciando o seu agir durante a oficina, em romper com as zonas de conforto, permitindo-se a tocar o outro, buscar um autoconhecimento.

Assim... primeiro, eu acho que vou falar da oficina, porque acho que se relaciona com isso também. Eu acho que a oficina, para mim, foi um momento de me descobrir, de me conhecer mais. Me deparei com muitas situações que me causam desconforto, que causam prazer e uma atenção e um cuidado em mim, que é fundamental para que eu possa ver todo esses cuidados no outro. (P4, GF § 168).

O papel psicodramático que será mobilizado é o da criança, ou de papéis lúdicos humanos. Enxergo que a constituição desse papel para o Palhaço Cuidador seja desenvolvida em espaços onde realidades suplementares emergem na oficina e pós-oficina.

Realidade suplementar é um conceito também do Moreno e está constituído no *hall* de técnicas do psicodrama. Este conceito traz a ideia de que é possível viver algo que não tenha acontecido ou não aconteça na realidade normal.

[...] de modo geral as pessoas estão habilitadas a encontrar-se com partes psicológicas de si mesmas e também com pessoas que compartilham, subjetivamente, de seus conflitos mentais. Moreno chamava de *dramatis personae* ao rol de personagens que compunham as cenas fixadas na Matriz de Identidade do sujeito.

Acontece, porém, que nem sempre as *dramatis personae* e as cenas em que estão envolvidas são reais, verdadeiras, com existência concreta. Mas as técnicas psicodramáticas permitem a vivência de fatos subjetivos da necessidade emocional do cliente que até mesmo não tenham sido realidade. Permitir dramatizar, o “não acontecido” é dramatizar o que Moreno denominou “realidade suplementar”. A finalidade é conhecer e desvelar, no processo psicoterápico, o sentido e o significado dessa “realidade” para o protagonista. A técnica recebe o nome de “técnica da realidade suplementar”. (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 1988 p, 91-92).

Na oficina e no desenvolvimento do Palhaço Cuidador, utilizamos a realidade suplementar através de dramatizações. Um exemplo disto é a atividade que resgata a vida de quatro dos mais importantes palhaços brasileiros. Evocando a história destes palhaços, acessamos o papel psicodramático na realidade suplementar que é criada e vivenciada pelos participantes no *setting* do treino do papel de palhaço.

Ao desenvolver o papel psicodramático estamos acessando situações não vivenciadas na realidade do participante, mas, que, a partir da memória interna em relação ao arquétipo do palhaço, ele constrói no seu pequeno grupo, essa realidade suplementar, que nesse caso, é realizada através de pantomima, sem uso de palavras.

Noutro momento, a partir de uma história (roteiro) de um sujeito considerado ridículo que é demitido, cada grupo se desafia a criar uma cena onde esse problema precisa ser resolvido. Estimula-se, nesse momento, a resolução de um problema com espontaneidade e criatividade, de maneira surpreendente.

Vou dar uma parada aqui para fazer uma referência a uma experiência bem pessoal minha, em relação a essa dimensão de como compreendo a realidade suplementar e o desenvolvimento do papel do Palhaço Cuidador.

Como me referi anteriormente, tenho o Al como meu lado bufão. Trata-se de um papel social meu, um Palhaço Cuidador, cujas características são a irreverência, a criticidade, uma espécie de “bobo da corte”.

Mas, em função de necessitar de respostas a situações não esperadas, foram surgindo outros Palhaços Cuidadores, como papéis meus. Numa ocasião em que a roupa do Al, na primeira SECITEAC, estava muito suja e eu não tinha como usá-la, vesti o macacão que tinha utilizado no primeiro figurino do Al e utilizei a peruca da Palhaça Pimentinha. Esse ato de compor um novo figurino e estar em contato com a realidade suplementar de outro palhaço, entrando em contato com uma energia de tranquilidade, equilíbrio, foi surgindo em mim esse movimento, e, de repente, desenvolvia-se um novo Palhaço Cuidador, o Timental.

Seria assim, mais tarde, em uma atividade com o professor Carlos Cartaxo, no segundo Seminário Nacional de Pesquisa em Extensão Popular (SENAPOP), em que construímos um programa de rádio e, numa realidade suplementar, eu seria o radialista. Surgia o palhaço Aderbal Canibal, que já tem uma característica ranzinza e uma energia do meu lado de pessoa com pensamento de “velho”. E foi assim, em situações e contextos diferentes, atuando na realidade do Juliano Moreira, que, impactado com algumas questões geradoras de insatisfações e de incômodos vividos nesse cenário, eu fui experimentando, no ato, figurinos e recursos próprios, criando realidades suplementares, e possibilitando o surgimento dos Palhaços Cuidadores: Malucal, Transal e Apoial. Dessa forma, o papel

psicodramático presente nesse desenvolvimento é um elemento importante na constituição dos Palhaços Cuidadores.

Ao prosseguir a oficina, o treino de papel vai continuando. Existe uma forma de andar do palhaço, exagerado, sem firmeza, desengonçado. Todos vão experimentando possibilidades, a partir do que já viram de outros palhaços. Da mesma forma, a fala. Necessariamente, o Palhaço Cuidador não precisa ter uma fala diferente da pessoa, porém, nos exercícios e na experimentação de sons, sons guturais, passando por vogais e as primeiras sílabas, para alguns participantes já vão surgindo uma fala própria do palhaço, que é singular.

O palhaço é o seu próprio ser, há um trabalho de construção desse personagem que não é uma representação de alguém que não é você. Para isso, o participante é levado através da procura de um figurino, roupas espalhafatosas, ridículas, a construir a sua própria roupa. Da mesma maneira, a peruca, que a partir da dedicação a um trabalho manual, em tão pouco tempo, cada um vai se comprometendo cada vez mais com seu papel. É um vínculo de identidade.

No penúltimo dia da oficina o Palhaço Cuidador já está bem desenvolvido, ele já joga com o papel, ou brinca com o papel, que já caminha para características próprias. É hora de treinar esse papel, antes de ter contato com o público externo, realizamos um momento, que chamamos de consulta de pré-natal do palhaço, brincando de ser médico de palhaço. Afinal de contas, quantos não brincaram de ser médico quando era criança. E nesse momento, os pequenos grupos, as trupes, mediante sorteio, recebem a consigna de, mediante um pequeno roteiro de esquetes famosas de circo, criar uma maneira de apresentação.

Nesse momento, o Palhaço Cuidador já está bem desenvolvido. Ele já possui atributos que lhe possibilitará

se expor ao mundo. Mas que, da mesma maneira que o bebê humano, não está pronto logo que nasce. Como indica Moreno e a neotenia, esse ser que está para nascer, ainda “prematureo”, precisa de um cuidado, de um *holding*.

O nascimento, que é realizado em espaço aberto, praça pública, vai fortalecendo o papel à medida que cada palhaço o desempenha com suas características peculiares. Porém, esse *role creating*, ou seja, o desempenho do papel de palhaço da forma mais espontânea e criativa possível desenvolve-se a partir do treino do papel, em seu ambiente social, e nesse processo, os membros mais antigos do grupo, principalmente os padrinhos e madrinhas, agem como egos auxiliares¹³ deste novo papel.

Trago aqui o conceito de *holding*, desenvolvido por Winnicott (*Apud* MELO e LIMA, 2010), que diz respeito a uma condição fundamental ao desenvolvimento da criança, numa fase em que esta necessita de uma proteção materna. Ou seja, a mãe, ou substituta, lançando mão de sua capacidade de identificar-se com seu bebê, consegue reconhecer suas necessidades e supri-las, conferindo-lhe uma rotina de cuidados contínuos, observando as mudanças físicas e psicológicas.

A criança, quando nasce, ainda está vivendo uma fase de indiferenciação com o todo, ela se confunde com o mundo, ela é o próprio mundo. O papel da mãe ou de uma energia de proteção e cuidado, que está atribuída na neotenia humana, à mulher, precisa também estar presente para dar continência a esse Palhaço Cuidador que está para nascer. É claro que não estamos falando de uma figura materna que exerce esse papel, apesar de que, ao longo do tempo, muitos dos egressos construam uma relação comigo e Janine Nascimento, minha

13 Moreno refere-se ao ego-auxiliar como: “A uma extensão do ego da pessoa, necessária a uma existência adequada e que deve ser fornecida por uma pessoa substituta, demos o nome de ‘ego auxiliar’”. (MORENO, 2006 p. 109).

esposa, como fossemos pais dos seus palhaços. Estamos falando de uma energia de cuidado que terá uma importância primordial para esse ser, esse papel social que está nascendo no sentido de acompanhar esse desenvolvimento.

Por isso afirmamos que a Oficina do Riso é um ritual de passagem, evento de iniciação, e que o grupo e o projeto PalhaSUS é a matriz de identidade que vai dar base e sustentação para esse desenvolvimento.

Já durante a oficina, de uns tempos para cá, criamos a figura do padrinho e madrinha, que se vincula um para cada trupe, e que tem esse papel de, juntamente com os coordenadores e facilitadores, serem referência de apoio e acompanhamento, na e após a oficina.

O nascimento do Palhaço Cuidador, que se realiza no contato com uma diversidade de pessoas de todas as idades, em um espaço público e depois na apresentação das esquetes experimentadas na oficina é um momento importante em que o Palhaço Cuidador tem o seu papel social vivenciado, visibilizado e reconhecido.

Em determinado momento do grupo focal conversamos sobre quem seria esse Palhaço Cuidador e se ele teria diferença em relação a outros palhaços.

Na percepção obtida no grupo, foram apontadas diferenças entre o Palhaço Cuidador e os outros palhaços. Estes últimos foram considerados palhaços artísticos, cuja intencionalidade é a arte. A arte é o que lhes move. Em princípio, não teria um compromisso tão forte com o outro, individualmente, como também não tem um contato mais personalizado e tende a abstrair o contexto e o público e se encontra com públicos distintos que o do Palhaço Cuidador.

Eu acho que o palhaço, ele é um ser artístico, que ele quer; queira ou não, fazer graça, quer fazer piada de tudo, e ele é um ser artístico, ele. É a arte em se que move ele. (P6, GF § 183).

Eu não sou palhaço, eu não sei fazer piada, eu não sei atuar, a esquete eu tenho muita dificuldade, eu não sei ser atriz, enfim. (P6, GF § 196).

O palhaço normal, só está naquele momento alegre, pronto. E vai embora. Não cria vínculo, igual do palhaço cuidador, que tem amizade, tem cuidado, o olhar no ser humano. (P7, § 199).

Um dos participantes do grupo fez um paralelo entre os dois palhaços, esse mais artístico e o Palhaço Cuidador, cuja reflexão parece ser aceita pelo grupo, ele trouxe as seguintes falas:

O palhaço, por sua vez, a esfera do palhaço, ela tem atualmente, assim, diversos caminhos. Existe o palhaço do teatro, existe o palhaço do circo, existe o palhaço animador de festa, aquela pessoa que se veste só para animar festa. Então, existem várias formas de ser palhaço, mas uma coisa que todas têm em comum é que, o palhaço, ele, esses tipos de palhaços, eles não individualizam o público. Então, é., o palhaço está ali, mas ele vai com aquele texto pronto, aquela esquete pronta, aquela coisa de querer fazer todo mundo rir e não se preocupar com aquela pessoa. (P1, GF § 205).

E existe uma grande diferença, exatamente porque o palhaço personagem é isso. Se eu for animador de festa, me pagam, eu visto aquilo, a partir daquele momento eu sou aquele personagem, eu tenho aquele nome, eu ando daquele jeito, falo daquele jeito, e pronto. Eu vou para minha festa, e brinco, brinco, brinco, e quando termina eu tiro minha roupa a minha maquiagem e agora eu volto a ser eu. Quem estava lá, quem não estava, aquelas pessoas todas elas são abstraídas. No outro dia vai ter outra festa em outro canto, e é outro público. Outro dia tem outra peça de teatro e eu vou ser outro palhaço, pronto. (P1, GF § 207).

Mas enfim, é, assim, a grande diferença. Existem as duas esferas. Existe a esfera do cuidador, e a esfera do palhaço. E o palhaço cuidador é exatamente a intersecção das duas. A, da parte do palhaço, assim, cuidadores todos nós somos, porque isso está inerente ao curso da saúde, então aqui tem pessoas de diversos cursos né, medicina, da terapia ocupacional, fisioterapia, da fonoaudiologia. No PalhaSUS tem farmácia, tem enfermagem, [... Direito, tem direito. (P11)] (risos). E mesmo os cursos que não são da saúde, como direito, como arquitetura, como outros cursos, também tem o cuidado. Ele está inerente na pessoa, quando ele entra no PalhaSUS. Então, assim, as pessoas que de fato ficam para fazer a seleção, para entrar no PalhaSUS, tal, já tem aquele “Q” de cuidador em si. Não o curso que ela está fazendo. O curso ajuda e tal, mas já vem a questão do cuidador em si. E é isso. Ela aflora, ela desperta, ela trabalha, ela elabora isso no PalhaSUS. (P1, GF §203).

Já nós como palhaço cuidadores, não. Quando a gente se veste, quando a gente vira palhaço cuidador, ali não é um personagem, ali é um papel nosso, é uma função que a gente está exercendo. Como a função de estudante, como a função de profissional, como a função de filho, como a função de pai, são papéis, e um papel não exclui o outro. Ou seja, quando eu estou lá de palhaço cuidador, eu, ao mesmo tempo, para aquele paciente, é a minha relação para aquele paciente, as vezes é relação de pai e filho, é de relação amigo/amigo, amigo/amiga, é as vezes a relação, as vezes você casa com o paciente, depois casa com outro, então noutra quarto é rival. E é isso, são todas essas relações acontecendo ao mesmo tempo. E são relações verdadeiras. Não são relações do personagem, eu entro em cada quarto, que é uma coisa que os Doutores da Alegria fazem isso. (P1, GF § 208).

Como características apontadas no Palhaço Cuidador, observamos a sua qualidade de sua presença no cuidado, atenção e carinho em si. Ele está entregue ao cuidado, olha para paciente, estabelece vínculo e constrói amizade. É um papel, é uma função que se exerce, e nesse papel o Palhaço Cuidador pode até exercer, em ato, outros papéis para a pessoa, neste caso, papéis psicodramáticos, em situações de realidade suplementar. Porém, as relações que se estabelecem são relações verdadeiras.

3.5 O PROJETO DE EXTENSÃO PALHASUS – ONDE NASCE E SE DESENVOLVE O PALHAÇO CUIDADOR

Fazendo um paralelo com o circo, podemos caracterizar que, sob a lona do projeto, há um espaço em que todos os participantes são acolhidos, vivem seus processos. O circo, ao longo do tempo, tem uma clara característica de espaço de aprendizagem. Muitas vezes o artista circense, inclusive o palhaço, até ter a sua função artística desenvolvida e definida, ele passa por todo o processo que compõe o funcionamento do circo. Envolve-se com a alimentação própria e dos animais (hoje menos presentes no circo), a limpeza dos espaços, a montagem do próprio circo: colocar o eixo mestre, levantar a lona, estacas, montagem de picadeiros, etc.

Quando a criança da família circense vai crescendo, muitas delas acabam desenvolvendo sua habilidade artística, às vezes, muito influenciadas pela família e artistas mais velhos. Depois passam a compor o elenco e a ser os próprios novos artistas.

[...] O processo de formação e aprendizagem para aqueles cujas famílias já estavam no circo, até pelo menos a primeira metade do século xx, tinha início desde o seu nascimento. Para os que se juntavam às companhias, independente da idade, o processo iniciava-se quase de imediato. A criança, em particular, representava aquele que portaria o saber. No ensinar e no aprender estava a chave que garantia a continuidade do circo, estruturado em torno dos grupos familiares; e, no circo-família, o ensino era de responsabilidade de todos. Mesmo que perdesse seus pais, uma criança não era abandonada, sendo absorvida pela “família circen-

se”: o que faz pensar que não havia como fugir deste “destino” de ser circense. (SILVA, E. 2007 p. 94).

O PalhaSUS, como projeto de extensão, tem um pouco essa característica que serve como um espaço de convivência dos educadores que promovem a oficina, de egressos de oficinas passadas, extensionistas, estudantes mais antigo e os novos que vão chegando.

Reverendo os resumos das propostas submetidas no SIGPROG desde 2011 até o último edital do PROBEX-2016, não promovemos grandes mudanças na descrição do projeto, cuja redação última foi:

O projeto PALHASUS caracteriza-se pelo foco na humanização, considerando que o processo de cuidado em saúde envolve interações humanas. Esta tem sido uma preocupação histórica na melhoria da qualidade dos serviços de saúde, uma vez que se observa que essas interações se encontram limitadas pela ênfase no aspecto técnico e na condição biológica da doença, perdendo a perspectiva dos sujeitos envolvidos. Os participantes, a partir de formação prévia na Oficina do Riso da UFPB, desenvolvem o papel de Palhaços Cuidadores, aperfeiçoando uma tecnologia leve, cujas habilidades dependem do exercício em espaços privilegiados de desenvolvimento do cuidado. O projeto elenca cenários de prática que envolvem pessoas em situações de internação hospitalar e ou de vulnerabilidade social. Enfoca as diversas fases da vida humana, desde a infância à velhice. Essa atuação, além de contribuir na formação dos estudantes, no tratamento e cuidados das pessoas visita-

das, repercute nos trabalhadores, ao interagir diretamente com os mesmos e despertar para o autocuidado no papel de cuidador. Já houve seis Oficinas do Riso da UFPB, como forma dos extensionistas e futuros profissionais da saúde desenvolverem o brincar, através da visão da criança, como também se “autoconhecerem” e desenvolver um conhecimento crítico-reflexivo acerca das formas de atuação em saúde vigentes, bem como a forma de desenvolver a humanização, tendo sido formados mais 150 Palhaços Cuidadores. As atuações nos referidos cenários de práticas iniciaram em setembro de 2010, no Hospital Universitário Lauro Wanderley, atualmente ampliado em cinco campos de atuação. (PalhaSUS, Plataforma SIGPROJ-MEC, 2016).

Nesse contexto, de um espaço em que as pessoas exercem uma prática constituída de intencionalidade, existe um processo contínuo de aprendizagem. O projeto resguarda um fio condutor, uma maneira de ser, embora a entrada de novos integrantes e a saída de outros, vão proporcionando mudanças.

Ao longo do tempo do projeto que inicialmente tínhamos encontros mais em função de demandas pontuais, passamos a ter encontros mais ordinários. Os primeiros que foram se tornando mais periódicos, mensais, tinham o propósito de desenvolver algumas habilidades, tais como: improviso; trabalho com jogos e brincadeiras; musicalidade, procurando aproveitar as habilidades de alguns integrantes. Houve inclusive oportunidade de compor coletivamente duas músicas alusivas ao projeto.

Esses encontros foram se tornando mais regulares, sendo denominados de encontros ou de oficinas de aperfeiçoamento, e depois decidimos inclusive definir uma periodicidade mensal

para eles, intercalados por três fins de semana de atuações nos cenários de prática. Em meados do ano de 2013 passamos a utilizar a denominação de Encontro de Desenvolvimento do Palhaço Cuidador ou EDPC.

Com o passar dos anos, o projeto foi ampliando suas ações, inclusive passando a compor o Programa de Extensão Popular em Saúde – PROGEPS, ampliando também os cenários de prática, aceitando mais convites de atuações em espaços de educação em saúde e Educação Popular, criando, assim, uma estrutura de estudos para os novos participantes, que se caracterizaria por constituir o processo seletivo para ingresso na Oficina do Riso, uma condição *sine qua non* para participar desse processo.

Em decorrência dessa maior amplitude de ações, demandando uma maior necessidade de organização, criamos uma estrutura denominada Colegiado Gestor. Este tem uma estrutura formada por três comissões principais, que são: Comissão de Atuação e Eventos; Comissão de Mídias e Comunicações; e, Comissão de Pesquisa e Desenvolvimento.

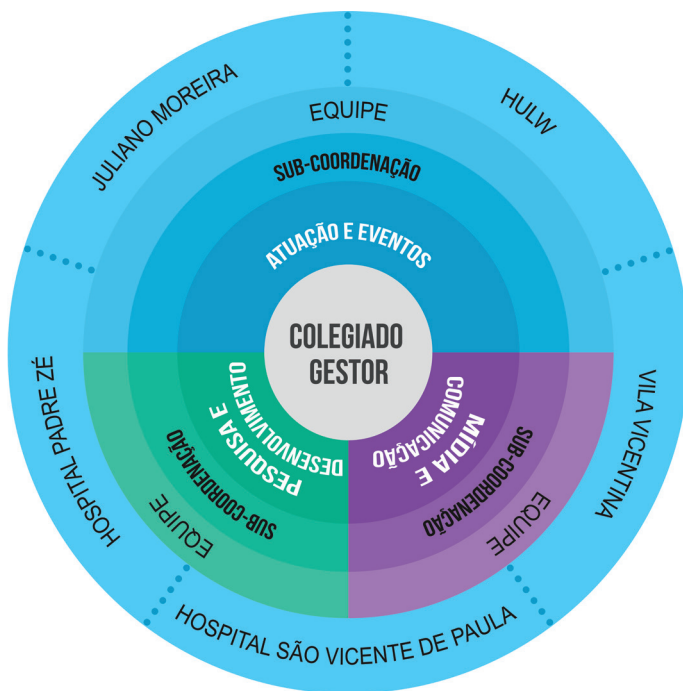
Num exercício permanente de tentarmos construir uma horizontalidade nas relações dos integrantes do projeto, achamos que as formas das estruturas organizativas também influenciam uma verticalidade e menor poder descentralizado. Para fugirmos de organogramas de caixinhas, passamos a desenhar nosso organograma de forma circular e a denominamos de circulograma (Fig.2).

Essa ideia, que ainda permanece em construção de idas e vindas, tem como objetivo ter uma maior articulação entre os eixos organizativos da estrutura do projeto. Para isso, trabalhamos a vinculação dos participantes a cada um destes eixos no sentido de se comprometer com os encaminhamentos organizativos, mas, no momento de formulação final e, também, de realização, todos participariam.

As comissões do circulograma teriam como função básica formular propostas e promover ações organizativas. Com decisões coletivas foi criada a estrutura chamada Reunião do Colegiado Gestor, no qual seriam tomadas todas as decisões de forma participativa.

Essa proposta organizativa sempre se caracterizou como um exercício de uma prática de decisão mais horizontal e colegiada, experimentando momentos de maior proximidade daquilo que desejamos e outros em que as decisões acabavam sendo mais centralizadas.

Figura 2 – Circulograma, estrutura organizativa do PalhaSUS



Fonte: Aldenildo Costeira, Anderson Rio Branco, e Jade Costeira (autores)

Um momento que merece registro foi que no ano de 2015 houve a separação dos projetos do antigo PROGEPS na administração dos recursos do PROEXT. Cada projeto passou a gerir seus recursos.

Como existem muitas especificidades e muitas demandas burocráticas, passamos, desde então, a ter um espaço para reunirmos a coordenação do projeto com os monitores bolsistas. Algumas vezes, em função das demandas, das burocracias e dos prazos, acabamos tomando decisões nesse espaço e depois informamos ao colegiado gestor. Isso acaba denotando uma contradição com uma ideia original de que todos os participantes deveriam ter um papel de protagonista nas decisões do projeto e nesse espaço.

Por outro lado, mesmo que essas decisões tenham, na maioria das vezes, sido tomadas por um grupo menor, a responsabilidade em termos que administrar os recursos, possibilitou uma maior aprendizagem no trabalho em equipe e na tomada de decisões coletivas. Apesar dessas dificuldades e contradições, existem aprendizagens por parte dos que participam ativamente desses espaços.

Ao longo desses seis anos de projeto PalhaSUS fomos realizando, nesses espaços de reuniões e encontros do colegiado gestor, do grupo de bolsistas, encontros de aperfeiçoamento e depois EDPC, algumas reflexões, avaliações e planejamentos do projeto.

Gostaria de apresentar aqui um desses momentos importantes que foi um EDPC realizado em 20 de setembro de 2014.

O objetivo desse encontro foi construir a missão do PalhaSUS. Missão aqui compreendida como objetivo maior ao atuar nas relações humanas e no mundo. Abaixo, os quadros

sistematizados para as quatro perguntas feitas aos grupos de trabalho daquele encontro.

Para a pergunta “quem somos?” Foram elencadas as seguintes respostas:

Oficina de construção da missão do projeto PalhaSUS
- Somos um grupo de palhaços cuidadores que leva a esperança, cuidado e alegria para todas as pessoas. Nos propomos a estar sempre abertos para acolher o outro.
- Somos extensionistas que nos doamos ao projeto PalhaSUS, para nos tornar palhaços cuidadores.
- Somos um projeto de extensão que visa levar o cuidado mais humanizado para os hospitais, profissionais e pacientes.
- Somos uma extensão popular universitária que busca realizar um trabalho social útil.
- Somos um grupo de palhaços cuidadores e seres humanos sensibilizados.
- Somos palhaços cuidadores, nos adaptamos ao ambiente, respeitamos os limites das pessoas, nos moldamos ao que a pessoa nos apresenta (cultura). Muito mais que brincadeira damos atenção. Vivemos o presente no presente. Somos pessoas que proporcionam confiança. Verdadeiros.

Quadro 1 – Oficina de construção da missão do projeto PalhaSUS – Pergunta 1. Fonte: Relatoria do EDPC (20-09-2014)

Nessa tentativa de definição, as pessoas que participaram desse encontro aproximaram-se muito aos temas que debatemos ao longo do tempo e os trabalhos científicos, na maioria relatos de experiência que escrevemos. Alguns pontos podem ser questionáveis, talvez ingênuo, talvez ousado, mas, o projeto tem muito desse desejo de mudança e do utópico.

Para a pergunta, “o que fazemos?” Foram dadas as seguintes respostas:

Oficina de construção da missão do projeto PalhaSUS
<ul style="list-style-type: none">- Promovemos a humanização em espaços de cuidado e buscamos estabelecer vínculos através das práticas de educação popular. - A proposta do PalhaSUS não é a apenas alegrar determinados ambientes, mas, também trazer uma perspectiva de educação popular, que integre a realidade do ambiente posto onde nós estamos. - Através do Palhaço Cuidador promovemos momentos de descontração, reflexão, afetividade, cuidado, nos tornando melhores profissionais e pessoas com um olhar diferente, mais humanizadas consigo e com a sociedade. - Levamos um pouco de esperança e alegria. - Cuida do outro Damos companhia, nos tornamos mais íntimos. Deixamos o ambiente mais leve. Dá apoio. Fazemos as pessoas pensar (pensamento crítico). - Atuamos em hospitais, asilos, manicômio, participamos de vivencias voltadas para a educação popular em saúde. Levando alegria, atenção e cuidado para a população. - Nos incumbimos de resgatar a felicidade a esperança através da humanização, com a linguagem do palhaço cuidador, vendo o ser humano como um ser biopsicossocial. - Levamos carinho, atenção, cuidado, respeito, alegria, afeto, amor aos locais que visitamos.

Quadro 2: Oficina de construção da missão do projeto PalhaSUS - Pergunta 2. Fonte: Relatoria do EDPC 20-09-2014

Comparando os dois quadros observamos que há uma assertiva e uma coerência entre o que o projeto se propõe a ser e o que o projeto faz. Evidente que essa dimensão de fazer corresponde a pequenos gestos que têm alcances localizados em relações interpessoais nos espaços em que o projeto atua. Mas, essa experiência somada com tantas outras que se utiliza do arquétipo do palhaço e da palhaçaria vai promovendo transformações em diversos espaços.

Além do que, como acontece em um espaço universitário, à medida que o projeto se fortalece, mantém-se e vai envolvendo novos participantes, vai criando novos espaços, inclusive na formação.

No quesito: “para quem fazemos”?

Oficina de construção da missão do projeto PalhaSUS
<ul style="list-style-type: none">- Oprimidos e opressores das mais diversas classes sociais.- Pacientes, cuidadores, profissionais da saúde, entre o grupo. Enfim, em todas as ocasiões para todas as pessoas.- Para todos, sempre respeitando a aceitação dos que nos rodeiam.<ul style="list-style-type: none">- Sem exceção de pessoas, para nós. Desde que seja para humanizar, cuidar, ou levar algo para reflexão.- Para todas as pessoas.- Para todos aqueles que nos dão oportunidade de levar o nosso amor e o nosso cuidado. Pessoas em hospitais, comunidades e população.- Fazemos para um público jovem, adolescentes, senhores, senhoras e crianças presentes nas instituições.<ul style="list-style-type: none">- Para todos, inclusive para nós mesmos.

Quadro 3: Oficina de construção da missão do projeto PalhaSUS -
Pergunta 3. Fonte: Relatoria do EDPC (20-09-2014)

Nesse quadro observamos algumas características importantes que o projeto busca constituir e que tem muito a ver com o palhaço. Estar disponíveis para dialogar, agir para todos, mesmo os opressores. Quando estamos em espaços públicos, mesmos de cuidado e na relação interpessoal estamos nos deparando com situações de opressão de uma maneira macroestrutural como também na microestrutura. O Palhaço Cuidador vai interagir de forma crítica, com certa maledicência, pondo em xeque o opressor. Ele não cria um fosso e uma fronteira e estabelece o conflito, a guerra. Não, ele vai questionar o opressor de forma que ele possa ver um espelho. Ao oprimido o Palhaço Cuidador, com as características do palhaço que está sempre preparado para a derrota, ele também demonstra fortaleza quando dá a volta por cima.

Já para a quarta e última pergunta realizada para o grupo nesse EDPC, em que se perguntou, “o que nos propomos a fazer?” As respostas foram:

Oficina de construção da missão do projeto PalhaSUS
- Nos propomos a transformar as realidades de opressão e injustiças presentes nas relações interpessoais e nos diferentes espaços sociais. Além de suavizar as tensões vivenciadas pelas pessoas que se encontram vulneráveis biopsicosocialmente, seja por internações, privações de liberdade de saúde de outras formas de sofrimento.
- Damos aquilo que temos de melhor dentro de nós, para cuidar, confortar e alegrar aqueles que estão abertos para receber.

Quadro 4: Oficina de construção da missão do projeto PalhaSUS - Pergunta 4. Fonte: Relatoria do EDPC (20-09-2014)

As respostas à última pergunta, quase uma síntese das outras questões, trazem os eixos principais de nossa missão,

que foi definida como: “atuar no contexto das relações humanas através da arte da Palhaçaria, no sentido de promover mudança culturais que favoreçam a transformação da realidade em que vivemos, na busca de uma sociedade saudável”.

Depois formulamos em uma frase uma definição para o grupo PalhaSUS, tendo como base a definição da missão, que é: “Somos um grupo de extensão popular universitária formada por Palhaços Cuidadores que atuam no contexto das relações sociais através da arte, compreendendo o ser humano de forma holística, visando promover mudanças culturais que favoreçam a transformação da realidade, na busca de uma sociedade saudável e justa”

Ao trazer a categoria cultura como algo a ser mudado, espaço onde se realizam as nossas ações, partimos da seguinte concepção de cultura:

Sistema integrado de padrões de comportamento apreendidos, os quais são característicos dos membros de uma sociedade e não o resultado de herança biológica. (HOEBEL e FROST, 2005 p. 4).

Nesse sentido, cultura não é algo instintivo, não tem uma determinação genética, mas é um resultado da invenção social humana e é transmitida e apreendida através da comunicação e aprendizagem.

A cultura, segundo Geertz (1973) APUD Uchôa e Vidal, é:

[...] o universo de símbolos e significados que permite aos indivíduos de um grupo interpretar a experiência e guiar a suas ações. A cultura fornece modelos “de” e modelos “para” a construção das realidades sociais e psicológicas, e é

o contexto no qual os diferentes eventos se tornam inteligíveis. (UCHÔA, E.; VIDAL, J. M. 1994 p.500).

Para Maturana e Verden-Zöllner (2004) uma cultura é uma rede fechada de conversações e as conversações são maneiras de conviver no “linguagem” e no “emocionar”. Estes autores apontam que:

É a emoção que define a ação. É a emoção a partir da qual se faz ou se recebe um certo fazer que o transforma numa ou noutra ação, o que o qualifica como um comportamento dessa ou daquela classe. (Maturana e Verden-Zöllner – 2004 p. 10).

É no esforço dessa compreensão que o projeto se move, pois, não é só uma compreensão teórica, racional, é necessária uma compreensão na ação e na implicação emocional.

Os Encontros de Desenvolvimento do Palhaço Cuidador, as reuniões do colegiado gestor, as avaliações e reflexões recorrentes da prática exercida por esse papel social vai, pouco a pouco, caracterizando o projeto e delineando seu lugar no mundo.

A cultura desenvolvida internamente no grupo precisa ser também alimentada, cultivada, pois, o agir nesse papel pressupõe um treino permanente deste. Não um treino no sentido de reproduzir ações, mas um treino no sentido de refletir a ação a partir dela própria, para estar pronto para uma nova ação.

E para minha vida mesmo, o que o PalhaSUS me deu foi isso, os melhores vínculos, as melhores pessoas da minha vida vieram do PalhaSUS.

Então, foi aqui que encontrei os meus amigos de infância, encontrei no PalhaSUS, então, os irmãos que nunca tive. Eu consegui encontrar no PalhaSUS, assim, uma figura paterna, uma figura materna, para mim aqui, que meus pais moram longe. Eu ficava sozinho aqui, assim. Minhas figuras paternas, meus amigos, meus amores da minha vida, tudo eu consegui encontrar no PalhaSUS. Então, assim, tudo eu consegui encontrar no PalhaSUS, eu sou muito grato a ele por tudo isso. (P1, GF § 159).

E também proporcionou, uma maior sensibilidade para o encontro com o outro. O encontro comigo mesmo e o encontro com o outro. E no PalhaSUS eu sou bem rodada. No bom sentido. Porque, assim, no começo a minha experiência foi no HU, depois no CAPS infantil, depois fui Juliano, depois foi HU de novo, depois foi Vila Vicentina. E cada momento desse me proporcionou uma série de encontros diferentes, que foram me transformando, enquanto pessoa, enquanto profissional, me enriquecendo. Eu acho que essa dimensão no palhaço, no palhaço cuidador, para mim representa uma dimensão de mim mesmo, que eu desconhecia e que vou formando a partir do encontro com as outras pessoas. Eu acho, que no fundo é mais ou menos isso. (P4, GF § 169).

As relações vivenciadas no projeto são elementos importantes no desenvolvimento dessa cultura interna que possa influenciar nas relações externas, interpessoais e intergrupais, assim, promover mudanças culturais com vistas às grandes transformações. Transformações aqui são postas como processo

utópico de busca de uma sociedade saudável e justa. Então, a convivência nos alicerces postos pelo projeto vai possibilitando agregar valores dessas relações, como pudemos observar nos depoimentos acima.

3.6 PALHAÇO CUIDADOR – APRENDENDO COM ELE, PARA COM ELE AGIR

3.6.1 Cuidar de mim para poder cuidar do outro

Esse Palhaço Cuidador compõe, na verdade, um dos papéis sociais dos participantes do projeto. Como vimos, os papéis sociais são aqueles que desenvolvemos nas relações e no mundo. Então, os participantes são filhos(as), amigos(as), namorados(as), graduandos(as) de um determinado curso, profissionais, etc.

Tratando desse novo papel agregado à constelação de papéis que cada um desempenha, afirmo que ele promove uma série de aprendizagens na vida pessoal, na vida de estudante e na vida de futuro profissional de saúde.

Uma aprendizagem importante observada pelos participantes diz respeito ao autocuidado. Muitos dos cursos universitários, em nossa realidade e, também numa realidade global, exige muito dos estudantes no desempenho das atividades acadêmicas. Muito dessa exigência ocorre em função de uma sociedade que cada vez mais valoriza a meritocracia e o produtivismo acadêmico.

Os estudantes universitários são meio que levados a uma padronização de comportamento na formação, em que buscam se dedicar ao longo da vida acadêmica, às ações de graduação, pesquisa e extensão, muitas vezes não pelo despertar

de um interesse, de uma aproximação, de uma curiosidade de saber, mas, sim, pelo ritual que, na cultura acadêmica, vem se estabelecendo.

Muitas vezes esses estudantes se veem em processo de adoecimento, estresse exagerado, quadros de ansiedade, uso de medicamentos para estimular o estudo, dependência química, entre outras coisas. Para efeito dessa obra, tomarei a liberdade de não ter que trazer um referencial teórico para essa constatação, uma vez que, diante da realidade que vivencio enquanto docente do curso de medicina e de diversos outros cursos que acompanho através da extensão, em que os estudantes relatam essa realidade, já tenho como constatar a sua importância e gravidade.

Então, como explicitado na origem da realização da primeira oficina e, em decorrência, a estruturação do projeto de extensão, as aprendizagens buscadas e possibilitadas neste, entre outras, são a sensibilização para o autoconhecimento, o reconhecimento do sofrimento e as práticas de autocuidado.

Para um dos participantes do grupo focal a realidade era de um desestímulo em relação à vida acadêmica, quando se aproximou do projeto.

Mas assim, eu acho que o PalhaSUS, a partir da oficina, me ensinou a ter estratégias para conseguir progredir no curso. Por que no começo eu era muito desanimada. Eu passei quatro anos fazendo vestibular, e quando entrei no curso, eu não queria mais. Todo dia eu chorava, dizia que eu não queria mais. Meu pai dizia: “vamos lá, vamos trancar”. E o pior é isso, todo mundo dizia: “vamos trancar”, e quase que eu trancava mesmo. Assim, eu acho que no momento que entrei no PalhaSUS eu consegui ver outras coisas, que não eram aquele ambiente de tensão que a gente vive. (P2, GF § 110).

Eu não sei se tem um pouco com o povo que faz medicina, que passa muito tempo estudando para o vestibular; que tem uma concorrência muito grande. E é um ambiente que quando entra na universidade, todo mundo é muito tenso, aquelas cadeiras horrorosas, aqueles professores chatos, logo vive em um ambiente de tensão. (P2, GF § 111).

Para outro participante que concluiu a formação ele enfatiza a dificuldade de enfrentamento da formação médica:

E isso, ao longo de todas essas formações do PalhaSUS, contribuiu muito para mim. É uma coisa que eu já disse para Aldenildo, outra vez, que é, eu faria o PalhaSUS de novo, mas não faria o curso de medicina de novo. Porque, realmente, pegando um pouco o gancho do que P2 disse, a medicina realmente é. O resultado final é ótimo, quando você é médico, e eu posso dizer: agora, já como médico, quando eu vou trabalhar, e estou atendendo no PSF, e estou ajudando a população, é ótimo. Mas o curso mesmo é maçante, é meio cruel em alguns pontos, e tem mil e uma histórias decepcionantes, assim. (P1, GF § 154).

Então, ao participar do projeto, os estudantes o consideram como um espaço de trabalhar e aprender a lidar com as tensões do curso e de ampliar ou constituir sua rede de amizades, uma rede de apoio social. O próprio Palhaço Cuidador, enquanto papel desenvolvido e em constante desenvolvimento, com sua prática de se cuidar e estar aberto a se relacionar com o outro, atua como elemento importante.

Foi como o palhaço surgisse como um novo recurso para eu lidar com possibilidades que antes me fazia sofrer muito. Me ensinou uma coisa, que me serve até hoje, que é ser mais extrovertida, a conseguir falar com os outros com mais facilidade, a sentir o outro mais pelo o toque, pelas demonstrações que, pelas coisas que não são as palavras. E conseguir sentir o outro, através do que ele passa para mim, sem ser o que ele fale. Acho que isso é muito que eu aprendi da oficina. (P2, GF § 109).

E no momento que eu entrei no projeto, eu consegui ver a universidade sem ser um ambiente de tensão. Como um ambiente de amizade, um ambiente que a gente conseguia mostrar sentimento e se sentir acolhido, e eu acho que até hoje, mesmo não estando mais participando do projeto, eu sempre dizia que não ia deixar de participar do projeto, mas eu não estou mais atuando. Quando eu estou passando por um momento de angústia, num momento de sofrimento, conflito porque não é aquilo que eu quero, eu ainda tenho o palhaço como recurso para mostrar o lado bom das coisas. (P2, GF § 112).

A construção de vínculos de amizades que o projeto vai possibilitando, vai formando uma rede de apoio que, o simples fato de poder contar com o encontro, a comunicação de como a vida está, partilhar sofrimentos, dificuldades, são questões que o projeto vai proporcionando. Não está aqui em análise, e nem poderia, o grau, a intensidade que o projeto promove nessa construção de vínculo. Mas, empiricamente poderia ousar dizer que um projeto cujo esforço passa também, para além de uma

ação de produção de atividades, por uma construção de afetos entre os participantes, tende a promover, com boa intensidade, esses vínculos.

[...] E depois, também essa questão de pessoas de outros cursos, com as quais eu talvez não teria o contato, caso eu não fosse do PalhaSUS, e que acrescentaram muito na minha vida, porque acrescentaram experiência. (P1, GF § 155).

Sair do Hospital Universitário para o Restaurante Universitário, como eu fazia todos os dias na hora do almoço, é impossível não encontrar alguém do PalhaSUS, (Risos). É impossível você ir no Banco do Brasil, você ir botar passe, e você não encontrar alguém do PalhaSUS lá. Você vai a lanchonete, você vai à biblioteca, tem alguém do PalhaSUS em algum lugar. Isso é ótimo, porque eu sou privilegiado, assim, de ter visto várias formações, e cada lugar que eu vou tem uma pessoa diferente. Cruzo com P4 no HU. Estou no Bancários, cruzo com outra pessoa ali, e tal e tal. E cada pessoa é uma história, mil e uma histórias. (P1, GF § 156).

Tive oportunidade de participar de uma oficina ministrada pelo médico e palhaço Patch Adams em 2013, no município de Aquiraz, Ceará. Na ocasião, ele proporcionou vivências entre os participantes, em que a gente era levado “a praticar o abraço” com pessoas que nunca tínhamos visto, que não conhecia, a “praticar o olhar no olho do outro” e dizer “eu te amo”. Nessa vivência, tomei como reflexão, que o amor é algo que precisa ser praticado.

O projeto desenvolve essa aprendizagem, desde a oficina. Momento em que “exercitamos” a abertura para o encontro, a sensibilização dos sentidos, como, também, o de reconhecimento dos sentimentos.

Aí eu comecei a me entregar depois disso, e foi sensacional a experiência da oficina, que é uma coisa que eu sempre toco, que a gente tem de viver mesmo, que eu queria ter vivido. E de transformar pensamento, o jeito de olhar das pessoas, o jeito de cuidar, acho que até o abraço de uma pessoa que fez a oficina do riso, de uma pessoa que não fez a oficina do riso é diferente, é um negócio mais acolhedor. E aí eu descobri que o PalhaSUS, a partir disso, eu descobri como é ter uma família dentro de um projeto de extensão. E o PalhaSUS foi o único projeto, que eu já participei de outro, mas o único que eu consegui me encontrar como família mesmo, eu que podia dizer que este é meu lugar, que eu posso contar no dia a dia, e que eu estou feliz. (P8, GF § 75).

As ações de desenvolvimento do autocuidado no projeto têm, ao longo do tempo, estado presentes. Ao realizar a pesquisa documental e lendo as relatorias das reuniões do colegiado gestor e EDPC, observei que há uma variação na frequência com que estas atividades eram realizadas. Há registros de que nos primeiros anos de 2010 a 2013, elas ocorriam com maior frequência, e de que havia o costume de iniciar, até mesmo, as reuniões mais ordinárias, com alguma vivência, dinâmica ou mística que promovesse uma prática de autocuidado.

Depois, com o passar do tempo, que corresponde ao período em que o projeto se vinculou ao PROGEPS e assumiu

mais ações, essas atividades, principalmente nas reuniões semanais, tenderam a decrescer, pelo menos não constando na relatoria.

Mesmo assim, durante o grupo focal, tivemos algumas reflexões da importância dessa prática desenvolvida e dos benefícios trazidos por ela e que considero como elemento de aprendizagem promovido pelo projeto.

Uma coisa que me recordo do projeto, é das nossas reuniões, de nossos encontros. É porque sempre havia nos nossos encontros uma preocupação com a própria saúde, cuidado do grupo de palhaço cuidadores. Isso é uma coisa que eu levo para minha vida pessoal enquanto terapeuta ocupacional, enquanto P4. Porque tem você que fazer essa relação de cuidado, como até antes eu estava falando, de que muitas vezes no seu dia a dia do trabalho você recebe muita carga, muita história de vida puxada, cansativa, e que você tem que ter um momento para olhar para si própria. (P4, GF § 231).

E eu percebi que eu, realmente, eu meio que deixei de ter essa válvula de escape, de ter esse autocuidado comigo mesmo, por que estar sempre preocupado com outras pessoas, com outros processos daquelas pessoas. E que eu, caramba! Eu tinha muito isso quando participava do PalhaSUS. Então sem dúvida o PalhaSUS é uma válvula de escape e de conforto para todos processos que a gente vem vivenciando dessa intensa carga horária que a gente tem, enquanto estudante aqui, né? (P3, GF § 243^a).

Em 2015, substituímos os “plantões” (encontro para estudo de texto), que foram avaliados como espaços cansativos para um curso denominado Curso de Autocuidado.

Parte-se da ideia de que cuidar do outro, cuidar das relações, cuidar dos espaços pressupõe estar bem para exercer o cuidado com disponibilidade e, o que é mais importante, sem causar danos a si próprio.

Os encontros de formação são estruturados em três partes, dentro da perspectiva de uma sessão de sociodrama: aquecimento, em que são realizados uma vivência prática, corporal, que remeta à temática a ser trabalhada; a roda de conversa, que através de questões norteadoras aprofundam o conhecimento investigado; e, o compartilhar, em que trata de refletir sobre a aprendizagem pessoal e os sentimentos mobilizados neste processo.

Os Encontros de Desenvolvimento do Palhaço Cuidador são constituídos de vivências mais profundas, em que ações e emoções vivenciadas no foco do autocuidado e cuidado possibilitam uma aprendizagem sentipensante da temática do curso no período de sua duração, respeitando a estruturação básica dos encontros de formação,

O curso é desenvolvido com atividades lúdicas, vivências com músicas, danças-circulares, práticas de meditação, automassagem, massagem, exercícios de respiração, exercícios de alongamento, recursos de expressão plástica, sociodramas, jogos psicodramáticos, etc.

Os temas abordados em seis encontros são: introdução ao pensamento sistêmico; a concepção de palhaçaria a partir da formulação de Patch Adams; refletindo o Projeto de Extensão PalhaSUS sob o Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas; arte, ciência e sua interface; o cuidado

essencial na visão de Leonardo Boff; e, olhar do palhaço na perspectiva dos Doutores da Alegria.

3.6.2 Aprendendo a atuar com o outro

Na história da palhaçaria temos o momento em que o palhaço em carreira solo se destaca. Mas, geralmente, temos uma ação em equipe. Às vezes são duplas, como a dos palhaços Branco e Augusto, onde, com suas diferenças, um complementa o outro e um faz crescer a ação do outro, o Branco em relação ao Augusto. E existem trupes de palhaços, onde vários contracenam. Para que as coisas ocorram bem, o que na palhaçada não quer dizer que tenha que dar certo, é necessário que cada um desempenhe o seu papel em sintonia.

A partir da experiência dos Palhaços Cuidadores começamos a observar também que a ação, a atuação é bem melhor em equipe, em trupes, embora, evidentemente, existem algumas especificidades do contexto da atuação que ficam a depender das pessoas com as quais estamos promovendo o encontro podendo requerer uma atuação solo.

Um aspecto observado a partir dessa prática em grupo quer seja nos pequenos grupos quer seja no projeto, que se constitui enquanto grupo, é que os participantes avaliam uma aprendizagem em lidar com a diversidade e, no aspecto da formação acadêmica, essa relação dentro do projeto promove um conhecimento também dos outros cursos, do que as outras profissões fazem, inclusive potencializando o trabalho em equipe, com vistas ao cuidado de forma multiprofissional.

O Palhaço Cuidador, enquanto papel social de cada um, promove um encontro entre os graduandos de diversos cursos, ou seja, pessoas em desenvolvimento de seu papel profissional

futuro. Compreendemos que essa identidade comum de palhaço, e uma forte interação prévia a partir deste papel, possam determinar uma maior facilidade nesse relacionamento a partir dos papéis distintos de cada profissional em desenvolvimento.

Presumo que quando as pessoas se revestem de papéis diferentes, mesmo que simétricos, há uma dificuldade na interação dos núcleos de saberes. Quando o encontro se dá no papel comum, no caso do palhaço, os encontros dos papéis de graduandos de cursos distintos têm uma aproximação maior, mais célere e mais facilitada.

É como P12 disse, outro presente maravilhoso para mim, que eu acho, que tem aqui no Palha-SUS, é realmente esse do multiprofissionalismo. Porque realmente, de fato, aqui e no projeto eu vejo que nós estamos nos cenários de prática, ou em todo canto, teu de terapia ocupacional, o teu lugar de fisioterapia, tem o lugar de enfermagem, tem o lugar de fonoaudiologia, tem o lugar de não sei quem, tal. Não, lá nos fomos palhaços cuidadores e estamos realmente vendo a pessoa, num todo e a pessoa está ganhando. Então, tudo aquilo também que você escuta lá na escola, que você tem que ser amigo do paciente, quem está ganhando é o paciente, realmente eu vejo aqui, em outros momentos eu não vi assim em minha prática, de fato, como pessoa física, como P6, como terapeuta ocupacional. Às vezes eu não vi essa ajuda. Mas aqui no projeto, como palhaça cuidadora, eu vi muito isso, e muito também o interesse, por parte das pessoas, de conhecerem o que eu faço e eu conhecer o que as outras pessoas fazem. (P6, GF § 145).

Essa aprendizagem sobre as outras profissões também está revestida numa aprendizagem na relação multiprofissional. Passa a haver mais sintonia entre os cuidadores, um compartilhar de saberes e uma decisão compartilhada em relação ao cuidado. É atribuída ao participante ou ex-participante do projeto, uma capacidade de abertura ao diálogo com as outras profissões.

“M” estava acompanhando um paciente que eu estava também. Então por vários momentos a gente sentava e perguntava: “o que é que tu achas? Tu achas que isso é assim? Não, mas e aí? E aí, como é que está isso dele?” E conseguia promover uma multiprofissionalidade, mesmo não sendo incentivado pelos nossos professores. Então se sentia à vontade para isso, eu percebi isso em outras pessoas que também participaram do PalhaSUS. Com colegas meu também, o meu colega não tinha feito o PalhaSUS, o estudante de medicina tinha feito e eu vi que isso foi muito frequente assim, encontro. Inclusive o nosso entendimento foi bem tranquilo, e a gente conseguia ter, a coisa era bem mais fácil, era ótimo, depois que eles rodaram ficou péssimo. (P3, GF § 177).

Eu acho, como já foi dito, a interação das profissões é muito importante. Se eu não tivesse contato com o projeto, eu não ia ter contato tão íntimo, e um contato... ele é um contato que vai um pouco além dos outros projetos. Se não fosse o PalhaSUS a gente não tinha contato tão íntimo com outras profissões, com outros profissionais também em formação.” (P13, GF § 224).

Atribuem à participação no projeto a oportunidade de ter contato com outras profissões e de uma maneira mais próxima.

3.6.3 Aprendendo a superar os limites e desenvolver habilidades

Através das vivências na oficina, das atividades do projeto e das atuações enquanto Palhaço Cuidador, cada participante tem a oportunidade de se desvencilhar de seus limites pessoais. Como já vimos, na Oficina do Riso, pessoas superam a dificuldade de se aproximar de alguém que é em princípio um desconhecido, de poder tocar, abraçar. Talvez se questione, qual a importância disso? Consideremos que, nos espaços de cuidado, somos levados a estar em contato muito próximo de pessoas desconhecidas, e muitas vezes em contexto de sofrimento. Sendo assim, superar limites de aproximações, e muitos deles decorrentes de nossos limites pessoais é extremamente importante.

As realidades em que vivemos nos espaços de cuidado demanda uma seriedade em função da problemática, mas o profissional pode agir sério e ao mesmo tempo quebrando o gelo.

Reconhecer e aceitar, bem como se beneficiar de um lado ridículo, na habilidade de se relacionar, favorecendo aproximações, é outra maneira de superar limites. A autoaceitação é um caminho para um olhar mais generoso também para o outro. Assim, saber que se pode ser ridículo sem problemas é uma mudança valorizada na experiência dos participantes, conforme citado abaixo.

[...] É, depois da oficina, eu percebi que podia ser ridícula e que eu não devia me preocupar tanto, com o pré-julgamento, porque aquilo ali era importante. E o que eu esperava de traba-

lhar mais, expressão corporal, a fala, as esquetes, a parte teatral, foi legal. [...] (P11, GF § 135).

Desenvolver habilidade de trabalhar em grupo, em equipe, superando a tendência de um forte individualismo. Trabalhar a timidez, a inibição. Lidar com as diferenças, as características pessoais distintas são aprendizagens proporcionadas no campo das atitudes.

Que é um projeto que a gente consegue conhecer melhor as outras profissões, saber trabalhar em grupo, a de melhorar a capacidade de falar em público, questão de desinibir mais, do cuidado com a gente, com os estudantes, ou com futuros profissionais, tudo isso eu concordo que o PalhaSUS ajudou muito. E assim, são algumas ideias importantes e eu concordo. (P2, GF §239).

E o projeto trouxe para mim, a questão principal foi que eu tenho agora a maior habilidade para lidar com pessoas, embora ainda esteja sendo desenvolvida e encontre diversas falhas. E o principal também nesse lidar com pessoas é saber lidar com pessoas de temperamentos diferentes, inconstantes. (P11, GF § 248).

E outra coisa também, o trabalho em equipe que para mim é uma dificuldade enorme, que eu sou extremamente individualista e as vezes eu tenho que me desfazer, porque o trabalho tem que fazer em grupo, e é um dos propósitos do projeto, essa união. (P11, GF § 249).

O processo de falhas e erros dentro do projeto tende a ser avaliado de maneira pedagógica e numa perspectiva de melhora. Isso é visto como algo que estimula o aprendizado e a autoestima.

Também há um desenvolvimento da postura de lidar com o falar em público, para grupos maiores, colocar-se de forma mais confiante e diminuindo a ansiedade o nervosismo.

Eu acho que também no PalhaSUS para minha vida eu tive mais autoestima, porque quando se faz uma coisa que talvez não seja muito boa, as pessoas fazem primeiro elogiar você para depois dizer: “faltou só isso aqui, porque no próximo você vai ser melhor nisso.” É, poder falar para um grande grupo assim, pode apresentar um seminário para muita gente assim, e não ficar tão nervosa, assim tão aflita, porque tem confiança com as pessoas que estavam comigo, e poder ter confianças assim nas pessoas. Acho que tanta coisa, tanta coisa, que outras e outras e outras, que como as vezes eu falo que o PalhaSUS para mim, é como eu disse na reunião passada, eu estava me formando no curso, eu tava me formando no PalhaSUS. (P6, GF § 235).

É como ela falou, de você olhar as coisas de uma forma diferente. É, antes de entrar no PalhaSUS, na verdade o processo que entrei no PalhaSUS é o processo que entrei no centro acadêmico. E a extensão popular tem essa visão de mudança das coisas e da sociedade, e que no PalhaSUS a gente já tinha a prática da educação popular, já praticava a educação popular, mas não soubesse, e aí eu pude perceber que o palhaço cuidador foi um dispositivo a mim a mais

na militância também e da leveza dessa militância e dá a instiga também, desse lado, da minha vida acadêmica, da minha vida pessoal e da minha vida como pessoa militante do Sistema Único de Saúde (SUS) também. Que o PalhaSUS pode acrescentar também. (P3, GF § 255).

O Palhaço Cuidador e o projeto agregam uma qualidade de leveza à militância política estudantil e favorecem também uma participação maior em outros campos da vida.

CAPÍTULO 4

PALHAÇO CUIDADOR – UM CURINGA COM VÁRIAS POSSIBILIDADES

Cada participante, cada Palhaço Cuidador em sua trajetória vai delineando sua competência, sua habilidade e sua atitude. Esses eixos de aprendizagem que compõe esse papel e que ao mesmo tempo para os estudantes constitui um aspecto da formação acadêmica vai implicar em capacidade de agir nos espaços como palhaço, mas que repercute para além deste.

Nesse capítulo descreveremos como esse Palhaço Cuidador tem atuado nos diversos cenários e setores. Antes apresentaremos quais são as características desse palhaço que foram desenvolvidas desde a oficina e que é nutrida ao longo da participação no projeto.

A capacidade de empatia com o sentimento do outro é uma das qualidades que o palhaço tem desenvolvido. Outro aspecto importante que está imbricado nessa maior relação empática tem a ver com a maior capacidade de acessar as pessoas, quebrando barreiras iniciais. Acreditamos que essa capacidade é decorrente do processo de humanização que vai promovendo-se nos integrantes.

Eu chego com um sorriso, vocês devem ouvir coisas triste, eu estou lá, eu estou escutando, eu vejo o que estou sentido, o palhaço, não é porque é palhaço que tem que tá rindo o tempo inteiro. Tinha hora que eu queria tirar a minha

maquiagem com lágrimas mesmo. (P13, GF § 104).

Ela já mudou o modo que ela me via, quando descobriu que era aquele palhaço, ela já era outra pessoa. Ela já contou, o seu dia, ela meio que fantasiou como foram esses dias, dela sem eu chegar para atender, que eu chegava cedo para atender. E ela com um monte de alegria quando descobriu quem eu era, ela já contou o que aconteceu com ela, já se transformou em outra pessoa para mim. (P5, GF §107).

Aí você vai se humanizando mesmo, eu levava para as pessoas que eu conversava no hospital, você não só leva piada, só brincadeira. A gente sentava, escutava, tinha choro. Então eu aprendi uma escuta muito melhor, dos pacientes que atendo hoje. E consegui dentro do tempo de projeto, ficar muito mais criança do que eu já era. Me juntava com P2 fazendo minhoca no chão brincava com a palhaça dela (Risos e o pessoal propõe que façam ali naquele momento). (P2, GF § 103).

Ao longo da Oficina do Riso, metodologicamente, todos são convidados a experimentar estados meditativos. São realizadas as meditações ativas do Osho, as danças circulares com a qualidade de dança-meditação, mas, também, sempre lembrando, independente do que estar ocorrendo na oficina, a importância do estar presente no aqui e no agora.

Essa aprendizagem é de fundamental importância para o Palhaço Cuidador, pois ele está em ato e no ato precisa

estar presente. O que acontece no espaço em que é um dos participantes, muitas das vezes o que chama mais a atenção das pessoas, é preciso perceber e responder de maneira adequada, modificando o contexto dali para frente. Estar presente é estar atento e pleno, ser um componente do presente.

A qualidade da presença no aqui e agora é uma característica forte adquirida.

Então eu consigo estar muito mais presente do que, eu acho, se eu nunca tivesse passado pelo PalhaSUS. Porque eu sou muito... passou uma ..., aqui uma muriçoca...Então dentro do PalhaSUS de tanto a gente discutir sobre o palhaço, que o palhaço está presente no momento, atento a qualquer reação que o universo pode trazer, que você pode pegar para dentro do jogo da troca de informações, então aprendi a estar presente, de estar naquele momento com aquela pessoa. Acho que é mais ou menos isso. (P3, GF § 246).

O Palhaço se caracteriza como um ser sensível capaz de sentir, ouvir as pessoas com mais profundidade e de forma transparente.

A sentir cada pessoa, a ouvir realmente o coração de cada pessoa, e de também fazer o seu próprio coração, ou seja, de se fazer entendido por outras pessoas. A relação do palhaço cuidador com a outra pessoa independente de quem ela seja, é muito mais transparente. Ele consegue entender muito melhor o outro, e a relação acontece de verdade ali, não há falsidade, não há mentiras, não há jogo. É a transparência pura. (P1, GF § 164).

A capacidade de escuta como elemento do cuidado. Escuta que é desenvolvida na sua capacidade de se permitir ouvir o outro. Essa é uma qualidade que o Palhaço Cuidador exerce em consonância com as outras qualidades. A partir de uma maior disponibilidade para o outro, uma maior sensibilidade à necessidade do outro e capacidade de estar presente no aqui agora com essas qualidades, a escuta passa a ser um elemento qualificado. A intenção não é de uma escuta para levar a uma necessidade de uma resposta pronta, ou uma receita pronta, mas, uma escuta de estar disponível a compreender.

No PalhaSUS eu aprendi a escutar, porque eu era impaciente para escutar a pessoa. Também olhar mais a pessoa. Hoje quando eu estou no cenário de prática, e quando passo as pessoas me reconhece e me perguntam: “-ei cadê a palhaça?” “Hoje eu não vim de palhaça, hoje eu vim de TO” (risos). Já tive paciente me reconheceu de fora, quando não estava de palhaça, olha para mim e diz “-lembra de mim?” “Aí eu falo “- HU né?” “ É”. (P7, GF § 196).

O cuidado de fato foi aprendido com as atuações do PalhaSUS. Como eu disse na primeira fala, eu aprendi a escutar muito mais, se o paciente quer falar, ele vai falar, se ele não quiser escutar, vou me retirar possivelmente. Também porque eu sou palhaço, vou me retirar. E o paciente dá muito essa abertura ou se fecha completamente e ele vai ser grosso e ele (o palhaço) vai dar conta de ir embora” (P13, GF §195).

Essa escuta é respeitosa com o contexto em que a pessoa se encontra e com sua vontade, ou não, de realmente querer falar algo ou interagir. Sua recusa em querer falar, ou ter alguém para lhe escutar é respeitada.

4.1 O EXERCÍCIO DO CUIDADO

Essas características que são elementos aprendidos para a ação e na ação, vão promovendo um jeito de cuidar próprio desse palhaço. Esse cuidado passa a ser exercido com mais vínculo, com mais responsabilização e de forma humanizada.

Ao longo da formação, por parte do estudante, ele observa que a sua maneira de cuidar tem aspectos diferenciados de uma maneira mais hegemônica, cujos aspectos característicos são o distanciamento e o não envolvimento de maneira mais intensa no cuidado. Para além do auto percepção, outros que avaliam a ação desses estudantes observam essas diferenças.

E justo no meu caso chegou uma filha com o pai que tinha Alzheimer, que estava esquecendo da família toda. E quando eu cheguei, eu dei um sorriso, olhei no olho dela, e ela começou a contar e começou a chorar, e aí eu simplesmente peguei na mão dela e comecei a escutar. Enquanto eu escutava eu ia preenchendo, por que eu ia falando o que eu precisava saber. E no final do estágio a professora, de todos os cinco, ela me elogiou pois eu fui a única que toquei na mão de uma paciente e simplesmente fiz escutar, sem falar. E isso eu só consegui por conta da minha palhaça, e do que eu estou aprendendo no PalhaSUS. (P10. GF § 134).

Eu queria só acrescentar assim um pouquinho, que boa parte entrou no ciclo profissional, como eu entrei no PalhaSUS desde o começo do curso então eu consegui enxergar a diferença que até da gente debater a gente absorvia o conteúdo, porque aquilo que era trazido para gente era de uma forma diferente. (P9, GF § 252).

Desde o começo as pessoas colocavam coisas como se fossem verdades: “não porque a gente tem que fazer isso e não pode se envolver com paciente”, e era assim que sempre colocavam, e aí a gente: “não é assim não, a gente pode se envolver com o paciente sim”. Tanto na sala de aula quando a gente ia conhecer os locais, digamos que as coisas que nós valorizávamos importante, as pessoas valorizávamos importante, o modo de olhar, era completamente diferente do restante da turma. (P9, GF § 253).

Algumas realidades são mais difíceis de lidar, inclusive no tocante ao limite de ação de cada um. Estar mais disponível a romper essas barreiras e se entregar ao ato do cuidar são elementos importantes nesse exercício.

[...] ainda não cheguei em estágios, mas posso dizer da minha prática dentro do PalhaSUS, lá no São Vicente de Paulo. E eu sempre fui uma pessoa muito cheia de frescura, de tocar, de chegar numa pessoa que eu não conheço. Lá no São Vicente, tem pacientes vascular com muita ferida aberta, aquele mal cheiro, e eu ficava, caramba eu não vou conseguir não. (P8, GF § 138).

Mas aí passou a oficina do riso, que foi um negócio que me tocou muito, e pude perceber como depois dela, eu fiquei transformada, de não me importar com o que essa pessoa tinha, mas se importar com essa pessoa e só, com as angustia dela, com a felicidade, com o olhar. O quanto o olhar é uma coisa tão fascinante, importante na conversa. O quanto as pessoas conseguem confiar se você olhar no olho e sentar, e dizer: “estou aqui”, e isso é um negócio que transformou minha vida, tanto pessoal, quanto profissional. (P8, GF § 139).

O cuidado passa a ter um sentido maior de enxergar as pessoas inseridas no mundo, no contexto de uma historicidade de vida. O processo de adoecimento se constitui momentos da história de cada um, não está dissociado e nem isolado. Do ponto de vista da ação, muitas vezes, é preciso chegar a um diagnóstico e determinar o que pode ser feito, mas é preciso individualizar, singularizar cada um, na relação com o seu adoecer. Para muitos, o processo fisiopatológico de uma doença como a diabetes mellitus se dá e explica-se de uma mesma maneira, mas como cada pessoa lida com essa mesma entidade nosológica, ou como compreende e como se expressa em cada sujeito é diferente. E o entendimento dessa dimensão da integralidade do sujeito a qual nos relacionamos é muito importante. As ações dos extensionistas contribuem para isso.

Mas voltando para o sentido, eu acho que o significado do PalhaSUS é dessa coisa do final, eu acho que é, você desmistificar tudo, todo aquele conhecimento que é engavetado, de doenças, de célula, de tecido, e você olhar a pessoa como

um todo. E você ter essa percepção, essa sensibilidade, do cuidado. (P3, GF§ 178).

Não que o meu colega que não passou pelo PalhaSUS não saiba, mas eu aprendi uma forma de cuidado que eu entendo que é mais intensa, que é mais amorosa. Entendo que por ter mais amor; que vai ser mais efetiva. Então eu acho que é isso. (P3, GF§ 179).

Dentro das concepções de trabalho em saúde e sua produção o termo tecnologia é empregado por Mendes-Gonçalves, *Apud Ferri et al.* (2007), não só ao conjunto de instrumentos materiais do trabalho, mas, também, ampliaria-se aos saberes, com seus desmembramentos materiais e não materiais na produção de serviços de saúde, constatando que nas tecnologias estão contidas a expressão das relações entre os homens e entre os objetos, elementos em que trabalham.

Um dos participantes do grupo focal se refere ao palhaço como um dispositivo tecnológico capaz de favorecer uma qualidade mais profunda na relação com o outro, ao avaliar sua ação, ainda como estudante, mas exercendo cuidados em atividades práticas da graduação:

Outra coisa que eu acho que, que é muito importante, é que como eu acho que "X", como palhaço cuidador que eu tenho, eu nunca, que é um pouco do que P2 falou, de eu não esperar muito do que vai acontecer, de não ficar ansioso, mas é que eu vou sempre com a arma, sempre com a arma, que é um dispositivo a mais, que nenhum atendimento, nenhum encontro vai ser muito tenso. Porque eu vou ter o "X" ali

pra (estrala o dedo - insight) dar leveza aquele momento, para dá um “tchan”, para que eu possa aprofundar aquele momento e não seja tão superficial. Então eu sempre penso: “eu vou, mas eu tenho “X” em mim que vai tentar buscar aquilo, que vai tentar me ajudar, a conseguir agir com aquela pessoa. (P3, GF § 244).

Então eu acho que o PalhaSUS, o palhaço cuidador é esse dispositivo dentro da minha pessoa enquanto minha formação acadêmica, que é um cuidado a mais, uma tecnologia leve a mais. De todas tecnologias leves que a gente tanto trabalha né, eu acho que o palhaço cuidador, tem que ter uma tecnologia pensada também, uma tecnologia leve sim do cuidado. E que por vivenciar esse momento de nunca se sentir com medo do que estava por vir, o palhaço me ensinou, o PalhaSUS me ensinou a está presente durante todo o tratamento, durante toda a sessão, digamos assim. (P3, § 245).

Como avaliamos a partir desse estudo, através dos conteúdos emergentes do grupo focal, esse palhaço, tanto em suas características desenvolvidas como em sua prática nos espaços de atuação, tem como elemento central uma ação de cuidado que se dá na interação.

Além do aspecto inerente à alegria, por sermos palhaços, nossas atuações são repletas de emoções, ensinamentos, reflexões, cuidado, carinho e acima de tudo respeito e empatia pelo paciente, sua doença, e por toda a situação na qual ele está inserido.

Buscaremos mais à frente trazer os aspectos característicos desse cuidado para cada cenário, para cada público e para cada fase do ciclo de vida.

4.1.1 E o Palhaço Cuidador é terapêutico?

Antes de tentar responder essa questão, que de certa maneira, ao longo do trabalho já aparecem indícios para a resposta, gostaria de trazer um diálogo com outro teórico e criador de trabalhos importantíssimos na área do teatro, o brasileiro Augusto Boal.

Augusto Boal que teve uma trajetória aproximada a de Paulo Freire, inclusive vivendo o contexto histórico de luta por transformações e perseguição pela repressão da ditadura militar, ao longo dessa trajetória desenvolveu uma concepção de teatro, enquanto a própria experiência do humano, que podemos constatar ao afirmar que, “o teatro nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo: ver-se em ação. Descobre que pode ver-se no ato de ver - ver-se em situação” (BOAL, 1996 p. 27).

Continua nessa reflexão da relação do homem e o teatro, afirmando:

Ao ver-se, percebe o que é, descobre o que não é, e imagina o que pode vir a ser. Percebe onde está, descobre onde não está e imagina onde pode ir. Cria-se uma tríade: EU observador, Eu em situação, e o Não-EU, isto é, o OUTRO. O ser humano é o único animal capaz de se observar em um espelho imaginário[...] O espaço estético (...) fornece esse espelho. (BOAL, 1996 p. 27).

Boal, nos anos de 1960, relembra em seu livro “O Arco-íris do desejo”, que em uma incursão pelo Nordeste, pós o período do teatro de arena em São Paulo, teve uma experiência instigante em um vilarejo de uma liga camponesa.

O grupo apresentava um espetáculo chamado “Derramemos nosso sangue”. Ao concluir o espetáculo, que tratava da luta por terra, Boal foi procurado por um camponês, que maravilhado pela peça, propõe que após o almoço se juntasse com o povo da comunidade para enfrentar com fuzis o Coronel que tinha invadido as terras dos camponeses.

Perplexo com a proposta, explicou que os fuzis do espetáculo não eram de verdade. O camponês decepcionado indaga “- Então aquele sangue que vocês acham que a gente deve derramar é o nosso, não é o de vocês...?”

Esse trabalho conhecido como “Agit-Prop”, a partir dessa situação vai ser refletido e tempos depois o trabalho passa a envolver pessoas da plateia nas cenas. Abandona-se a pretensão de dar conselhos aos espetáculos. E em 1973, já morando no Peru, quando passou a trabalhar num programa de alfabetização de adultos, passou a utilizar uma nova forma de teatro que ele chamou de “Dramaturgia simultânea”.

Estruturava-se da seguinte forma:

[...] apresentávamos uma peça contendo um problema ao qual queríamos encontrar uma solução. O espetáculo se desenvolvia até o ponto da crise, até o momento em que o Protagonista devia tomar uma decisão. Aí parávamos e perguntávamos aos espectadores o que deveria ele fazer. Cada um dava a sua sugestão. E os atores, no palco, improvisavam uma por uma, até que todas as sugestões se esgotassem. (BOAL, 1996 p. 19).

O trabalho vai sendo desenvolvido e Boal vai observando a partir de situações não esperada, determinadas reações, que possibilitam o aperfeiçoamento do seu trabalho revolucionário.

Surge o teatro-foro que consiste em um foro, uma discussão, que diferente do costumeiro que era ter uma discussão sobre um espetáculo ao fim, o espetáculo é um próprio foro. Como Boal indica:

[...]De certa forma, uma profanação: profana-se a cena, altar onde costumeiramente oficiam apenas os artistas. Destrói-se a peça proposta pelos artistas para, juntos, construir outra. Teatro, não didático no velho sentido da palavra e do estilo, mas pedagógico no sentido de aprendizado coletivo. (BOAL, 1996 p. 22).

A partir de 1976, Boal foi morar em Lisboa e depois em Paris, nesse momento ele vai desenvolvendo seus métodos e técnicas dentro de uma filosofia voltada, assim, como Paulo Freire, para agir na opressão, buscando a transformação social. Tendo desenvolvido como principal trabalho o Teatro do Oprimido.

O teatro popular e a educação popular são processos de construção inseridos em um contexto histórico de sua época, sendo, portanto, fruto das diferentes situações políticas do seu momento de produção e construção, por trazer em si princípios da realidade vivida por seus sujeitos. Freire e Boal, ao sistematizarem suas metodologias, provocam reflexões e propiciam os debates sobre estas questões latentes na sociedade. (TEIXEIRA, apud CANDA 2012, p. 202).

Nessa aproximação, do Palhaço Cuidador com Boal, a partir do seu livro algumas considerações precisam ser feitas, além do aqui já posto.

Augusto Boal tinha também uma relação importante com o Psicodrama. Em 1988 a convite da Dra. Zerka Moreno, última esposa de Jacob Levy Moreno, para participar da palestra de abertura do X Congresso Mundial da Associação Internacional de Psicoterapia de Grupo. Por ocasião do congresso ele demonstrou a técnica O Arco-íris do Desejo para os psicoterapeutas participantes, que motivou a sistematizar e escrever o livro de mesmo nome.

Esse livro assume um aspecto importante, pois, apesar da maioria dos boalianos não considerarem o trabalho de Augusto terapêutico, o próprio autor vai constituir uma teoria para o seu trabalho dentro da seara da terapia.

Dentro do que é desenvolvido na teoria e na técnica exposta no livro, um aspecto que buscamos correlacionar com o Palhaço Cuidador, seu ato de cuidado e ação terapêutica a partir da compreensão do palco terapêutico.

Como explica Boal, no palco teatral:

[...]. Um ator, em cena, inteiramente mergulhado em suas profundas emoções, tem, no entanto, inteira consciência de suas ações. Por mais que se emocione, manterá sempre total domínio sobre si mesmo. Só um louco - nunca um ator! - estrangularia Desdêmona interpretando Otelo. Ele não se nega o prazer de matar o personagem, embora preservando a integridade física da atriz. (BOAL, 1976 p. 37).

No caso do palco terapêutico:

[...] o protagonista-paciente (ou paciente-ator) reproduz seus pensamentos e delibera suas próprias emoções e seus próprios sentimentos, reconhecidos e declarados como seus.

Quando o protagonista-vive uma cena real, nela tenta a concretização de seus desejos declarados, sejam quais forem: amor ou ódio, ataque ou fuga, construir ou destruir. Quando, porém, revive a mesma cena dentro do Espaço estético¹⁴ (teatral e terapêutico), sua atenção se divide e seu desejo se dicotomiza: ele passa, simultaneamente, a querer mostrar a cena e a mostrar-se em cena. [...] (BOAL, 1976 p. 37-38).

O Palhaço Cuidador em seu encontro com as pessoas que necessitam de cuidado ou de uma ação pedagógica dialógica constrói uma atmosfera de um Espaço estético, como se fosse um “teatro mágico” que se abrisse um espelho de uma cúpula de 180º, em que o mundo, seus acontecimentos, papéis psicodramáticos, realidades suplementares, podem ser vividos no “aqui agora”.

Como aponta Boal o teatro tem um poder gnosiológico que é garantido por três propriedades essenciais:

A plasticidade permite e induz o livre exercício da memória e da imaginação, o jogo do passado e do futuro. A telemicroscopicidade, tudo magnificando e tudo fazendo presente, permite-nos ver o que de outra forma, em dimensões me-

14 “Determinamos que aqui é a cena e o resto da sala ou lugar, plateia: espaço menor dentro de um espaço maior. A interpenetração dos dois é o ESPAÇO ESTÉTICO.” (BOAL, 1976 p. 32).

nores e mais distante, passaria despercebido. Finalmente, a Fissão que se produz no sujeito que entra em cena, fruto do caráter dicotômico-dicotomizante desse 'tablado', permite - e mesmo torna inevitável - a auto-observação. (BOAL, 1996 p. 41).

Colaborando com os aspectos que se assemelha a “essa comunicação estética teatral”, o Palhaço Cuidador promove no ambiente e no encontro, o “ver e ouvir”. “Vendo e ouvindo”. O Palhaço Cuidador interage de uma maneira que o outro vê-lo e o ouve e no diálogo se ver e se escutar. Esse outro do encontro, o protagonista, pode “adquirir conhecimentos sobre si mesmo”.

O Palhaço Cuidador ao promover o ambiente “espelho de 180º”, assim, como o “Teatro que é a terapia na qual se entra de corpo e alma, de soma e psique”, e como aponta Boal:

[...] a palavra psique (Psyché em grego, como em francês ou inglês), que designa o conjunto dos fenômenos psíquicos que formam a unidade pessoal, designa também um objeto, um espelho, montado em molduras reclináveis, no qual uma pessoa, em pé, pode ver-se por inteiro. Inteira. Na psique vê seu corpo e, no seu corpo, sua psique. (BOAL, 1976 p. 41).

Algumas reflexões foram feitas a respeito do papel terapêutico do Palhaço Cuidador, tais como proporcionar um ambiente alegre e mais leve, possível crer que alegria é terapia, porque o ambiente e a maioria das pessoas se beneficiam desse efeito.

E eu não vestida, estando com outras pessoas, com pessoas que também são do PalhaSUS a

gente leva mesmo uma energia diferente, principalmente juntos. Eu acho que a gente tem uma alegria muito melhor, muito melhor não, muito maior. Todo mundo junto leva muito mais alegria, a gente chega com uma energia diferente que transforma, se tiver gente chata de lado, irritada com alguma coisa, provavelmente ele vai fazer alguma brincadeira, e isso vai mesmo mudando o ambiente. Eu acho que o PalhaSUS tem uma leveza muito grande e eu não vou dizer que é uma coisa “super” terapêutica, porque eu não sei se isso é uma coisa comprovado, mas eu acredito que sim. Eu acredito que alegria é terapia, e isso melhora todo mundo. (P13, GF § 293).

O considerar os aspectos de vida e da realidade social do sujeito. Buscar estabelecer um toque, um estímulo, que haja uma percepção do outro, isso pode ser terapêutico.

E eu acho, eu me lembrei do palhaço Al, quando ele vai no Juliano, que as vezes o indivíduo chega para ele e vai falar a opinião social dele: “não sei o que, aí”, “é, mas que você tal, acha de expor a sua opinião, você já procurou dizer as pessoas que estão aqui ao seu redor a sua opinião? ”, com o jeito dele né. E eu acho que isso transforma, porque eu acho que o olhar no olho do outro...é uma vez eu li num livro que o simples fato de você falar uma coisa, mas você falar e tocar, o simples fato de tocar, pode ser, o toque mais mínimo possível, mas o simples fato de tocar já vai fazer a pessoa sentir a atenção pela a outra, nem que seja de se livrar do toque da outra, já vai tocar essa pessoa, já vai perceber essa pessoa. Perceber a pessoa e vai pres-

tar mais atenção nela, porque ela pode querer tocar de novo, e mesmo que você não goste, ela quer continuar se livrando dela. Ela vai ficar chamando a sua atenção. E aí nesse sentindo eu quis dizer tipo assim, se é terapêutico? Eu acho que pode ser terapêutico, porque como tem a constância do projeto, não é uma atuação pontual, então você pode acompanhar essa evolução. (P12, GF § 301).

O Palhaço Cuidador pode ser considerado terapêutico porque transforma o ambiente, mobiliza a energia de esperança e autoestima

Eu vou ser rápida. Não, era só complementando o que **(P6)** disse a uma hora atrás, que a gente transforma o espaço e como **(P1)** disse a gente transforma as pessoas que estão naquele espaço. E aí como exemplo, é queria dizer e eu também arrisco em dizer que eu tenho certeza que é terapêutico, eu não acho, eu tenho certeza. Pelas vivências que eu tive no São Vicente de Paulo. (P8, GF § 305).

E eu repito, eu não acho que é terapêutico, eu tenho certeza porque a gente consegue transformar a vida, consegue aumentar a autoestima, consegue dá estímulo, consegue fazer a pessoa acreditar ou na vida ou em Deus, ou dá uma esperança, em qualquer coisa, é isso. (P8, GF § 309).

O cuidado, o jeito que o palhaço chega com o outro aspecto do que é padronizado, conversando, contando piada,

brincando, altera o ambiente. É visível na maioria a reação de mudança.

Quando o palhaço cuidador chega lá, ele vai ter visita de médico, visita de fisioterapia, visita de terapia ocupacional, visita de enfermeiro e está todo mundo vestido com aquela fardinha igual, né? A gente chega lá numa visita diferente, é cuidado? São cuidado. Melhora? Melhora, minha gente. Você dizer que no dia de atuação, que você chega o paciente está deitado, arrasado as vezes, com dor. Tem hora que ele está em atuação e tem enfermeiro fazendo procedimento, e a gente está lá, conversando, contando piada, fazendo uma brincadeira, escutando uma coisa, tirando um pouco da atenção dele daquele momento que é de sofrimento sim. Vai levar um montão de furadas não é uma coisa boa, né? (P13 GF § 291).

A reação dos pacientes sentindo falta do palhaço é um indicativo de a presença deste cuidado traz um bem-estar.

Então é cuidado, eu acredito sim que exista melhora, e a gente sente isso na atuação, de atuação para atuação. Todo final de semana você vai lá e você escuta pessoas procuraram pelos palhaços, lembrarem do seu nome, esperarem por você, contarem você para novos pacientes. Se isso não é uma melhora, se isso não traz um bem-estar pelo menos, eu não vou dizer que eu vou curar, dizer que uma atuação cura ninguém, mas que traz um bem-estar eu acredito que sim. Você sentir-se bem, ajuda em qualquer tipo de tratamento. Então a atuação do palhaço cuidador, ele traz isso, é uma entrada diferente,

de um cuidado diferente, do ambiente e a passagem do PalhaSUS em si é quando estou vestida, né? (P13, GF § 292).

A presença meditativa do palhaço, de estar em ato no aqui agora, atendo ao outro e aos acontecimentos de forma empática e relacional é um elemento terapêutico importante.

Bom quanto a pergunta do que o Palhaço tem, faz, do que é terapêutico, bem o que o que eu acho de tudo que o palhaço faz, a gente puder elencar, e a gente pudesse resumir em uma palavra seria presença, a palavra para mim é presença. Mas não presença no sentido físico, de estar corporalmente aqui, essa presença. É na verdade um outro conceito que engloba duas outras coisas, que é primeiro de estar verdadeiramente presente, estar entregue naquele momento e naquele lugar. E segundo aquela presença mesmo na ausência. (P1, GF § 310).

Essa presença é do palhaço em si, no seu ato enquanto papel social. É uma ação de presença enquanto o cuidado do palhaço que cria uma ambiência própria.

Então o palhaço cuidador naquele lugar, naquele momento, eu naquele lugar e naquele momento, além de tudo que eu possa fazer lá, de qualquer brincadeira, de qualquer objeto que eu levar, de qualquer jogo que eu fizer, de qualquer coisa que eu disser ou ouvir, em cima disso tudo é preciso a minha presença, porque é isso que vai tornar tudo um sentido, é isso que vai dar um sentido a tudo que o palhaço cuidador fizer lá. Porque se não vai virar uma piada mecânica, vai virar a simples presença física do

palhaço lá, é... vai, assim a história vai ser ouvida, mas não vai ser absorvida, não vai haver, como é que se diz, eu não vou me, me, tocar com aquela história, eu também não vou conseguir também passar isto para pessoa quando eu falar com ela. (P1, GF § 311).

E a outra presença que eu falei, que é a presença mesmo quando você não estiver presente, é mais na verdade uma consequência daquilo que a gente faz. Então assim é notório que em qualquer cenário e até mesmo fora deles, nos lugares em que o PalhaSUS vai, por exemplo nos locais do nascimento, nos eventos pontuais, em todo lugar a gente deixa a marca em cada pessoa e isso realmente transforma muito ela, como aqui muitos já disseram, isso transforma ela de uma forma que nenhuma outra intervenção nossa como pessoa conseguiria fazer, tem realmente um “q” que só o palhaço cuidador trás. Então e cada um, eu tenho certeza tem assim vários exemplos em como isso acontece. (P1, GF § 313).

Nas pessoas que estão em instituições totais, tipo o manicômio, onde a sua rede social está restrita e limitada, o palhaço traz a possibilidade do resgate, fazendo escuta, informando dos acontecimentos externos, e promovendo um alívio do sofrimento do isolamento vivido.

É eu ia só fazer um parêntese, porque ficou ... na hora que eu falei válvula de escape era, na minha cabeça estava mais para o sentido que P6 falou, que as vezes esse processo de saúde e doença envolve o indivíduo, ele tipo se perceber

como parte social e acaba se sentindo um inútil exatamente naquele momento porque ele não está dentro da sociedade. Ele está, digamos, naquele prédio, guardadinho a par da sociedade, fechadinho ali, enfim não está convivendo com todo mundo. Então, as vezes eles chegam muito com essa demanda para gente, de querer mostrar que eles também têm um lado social, que eles também pensam, que eles também têm uma opinião crítica e que eles querem falar. E eu acho que eu possa não ter sido tão feliz na escolha da palavra válvula de escape, porque válvula de escape traz muito o sentido de que você naquele momento faz aquilo e tipo se livra, se aliviou, então o que vem depois não importa, o que importa é que você se aliviou. (P12, GF § 300).

E eu acho, eu me lembrei do palhaço Al, quando ele vai no Juliano, que as vezes o indivíduo chega para ele e vai falar a opinião social dele: “não sei o que, ai”, “é mas que você tal, acha de expor a sua opinião, você já procurou dizer as pessoas que estão aqui ao seu redor a sua opinião? ”, com o jeito dele né. E eu acho que isso transforma, porque eu acho que o olhar no olho do outro...é uma vez eu li num livro que o simples fato de você falar uma coisa, mas você falar e tocar, o simples fato de tocar, pode ser, o toque mais mínimo possível, mas o simples fato de tocar já vai fazer a pessoa sentir a atenção pela a outra, nem que seja de se livrar do toque da outra, já vai tocar essa pessoa, já vai perceber essa pessoa. (P12, GF § 301).

Esse estímulo às pessoas que estão enclausuradas em si mesmas pela doença e pelo espaço desumano de cuidado é uma possibilidade de reação e busca da melhora, é mais que terapêutico é uma ação que humaniza.

4.2 O EXERCÍCIO DO PROCESSO EDUCATIVO

4.2.1 A Educação Popular para além da educação do povo - o palhaço que o diga

Para além do processo de autocuidado deste futuro profissional e do cuidado das pessoas beneficiadas pelo projeto, identifica-se nesta prática ações educativas na concepção da Educação Popular emancipatória, pois, possibilita-se uma leitura de mundo através do agir comunicativo proporcionado pelo encontro do Palhaço Cuidador e às pessoas dos espaços de atuação.

Essas ações estão também presentes na inserção deste palhaço em espaços de Educação Popular em saúde, como o Fórum Paraibano de Educação Popular e Saúde, organizado pelo Núcleo de Educação Popular em Saúde e o Movimento Popular de Saúde da Paraíba MOPS-PB, e outros eventos com foco na prática de educação em saúde e Educação Popular em saúde.

Considero esta experiência como fruto dos novos cenários e territórios que a Educação Popular tem proporcionado. Esta categoria nova, Palhaço Cuidador, instituindo seus primeiros passos nestes territórios é movido por uma intencionalidade cujo propósito é exercer uma prática de cuidado e educativa com vista à emancipação dos sujeitos e de transformações sociais. Perceberemos como é compreendido pelos participantes esse papel de educador dentro da perspectiva da Educação Popular.

No entanto, resgataremos um breve recorte da história da Educação Popular, até chegarmos em acontecimentos importantes na década 1950 e 1960. Período em que houve uma efervescência de práticas inovadoras no campo da educação e dos movimentos culturais.

Embora a Educação Popular seja considerada, de forma bem direta e simples, a educação desenvolvida no meio popular, ou para as camadas populares, buscarei, aproveitando-me da polissemia do termo, realçar a importância de seu caráter emancipatório. Esta afirmativa já está contida no próprio título desse subcapítulo, com o desafio de que o palhaço possa ser um elemento de explicitação e defesa da Educação Popular, como uma intervenção na realidade, com objetivo de transformá-la para a construção de um mundo mais justo, igualitário e de oportunidades para todos.

Na atualidade, estando já na segunda década do século XXI, o acesso à educação no Brasil continua sendo uma problemática. Persistimos com analfabetismo em altos índices, camadas da população que não acessam à escola, analfabetismo funcional também com índices elevados, dificuldades de manutenção e qualidade no ensino superior, e o acesso às formações de pós-graduação como uma possibilidade para um percentual muito pequeno da população.

Ao depararmos com esta realidade podemos afirmar, de forma empírica, e pelos exemplos históricos de nossa realidade e de tantos outros países, que continuam sendo as camadas populares, as pessoas de baixo poder aquisitivo e os negros, os que menos têm acesso, os que têm mais problemas com o analfabetismo funcional, e os que desistem da escola e se inserem precocemente no mercado de trabalho como mão de obra barata e desqualificada.

A educação de qualidade continua voltada para as classes médias e as elites. No Brasil, continuamos a presenciar a contradição desta elite ter acesso às melhores escolas privadas no ensino fundamental e médio e depois acessarem os melhores cursos e as melhores universidades públicas.

Para um povo desprovido de acesso ao assento das escolas, um movimento de reivindicar este espaço, este direito, ou esta possibilidade de ascensão social, constitui-se em uma luta justa, mesmo que nela não se tenha como pano de fundo grandes transformações sociais.

Mas, quando pessoas tomam consciência do direito à educação e diferenciam trajetórias distintas entre quem a acessa e os que estão à margem, esta consciência já pode disparar uma reflexão crítica sobre o espaço que cada um ocupa no mundo e por que, para muitos, a maioria destes espaços é tão difícil de acessar.

Na introdução do livro “Perspectivas e Dilemas da Educação Popular”, que traz textos preparados para o seminário sobre Educação Popular, promovido pelo IBRADES/Centro João XXIII em 1982, Vanilda Paiva vai apontar que o termo Educação Popular, enquanto conceito, não sofreria controvérsia nos primeiros anos da década de sessenta do século XX, pois, este seria utilizado “para referir-se à universalização do ensino elementar ou aos programas de educação de adultos, fossem eles estatais ou não – mostra o seu caráter histórico” (PAIVA, 1986, p. 17-18).

A autora faz o relato histórico da pouca expansão e democratização da educação nos primeiros séculos de colonização do Brasil, lembra passagens em que, por influências, o processo de alfabetização se resumia a necessidades localizadas por grupos religiosos, no sentido de doutrinação e por necessidades pontuais. Esta realidade do Brasil, que teve

um processo de independência passivo e monárquico, sem grandes forças liberais atuando e sem um grande movimento republicano, colaborou para baixos esforços no sentido da democratização do ensino (PAIVA, 1986). Esta conjuntura determina um dos índices mais elevados de analfabetismo no continente, acima de 70% da população no início do século XX.

Outros aspectos são ressaltados como importantes para esta realidade: o analfabetismo como forma de controle, a estrutura socioeconômica não demandando a difusão da escola, a vida religiosa e a tradição liberal não reclamando a educação das massas (PAIVA, 1986).

Apesar dos esforços de Rui Barbosa em implementar o ensino primário ainda no século XIX, a democratização do ensino só será retomada no período da decadência da República Velha, processo de urbanização e industrialização à época da primeira guerra mundial.

Em 1930, a partir da revolução e implantação do Estado Novo, este instituirá um processo de regularização da cidadania, como afirma Paiva:

Vê-se, deste modo, que as tentativas de utilização da educação no controle da ideologização e da mobilização das massas podem passar tanto pelo seu abandono no analfabetismo quanto pela difusão do ensino, ou ainda por uma combinação de ambas que comporta a declamação oficial em favor de sua difusão – capaz de iludir os trabalhadores que, afinal, entre as duas estratégias de controle nunca tiveram dúvidas em preferir a última – com a prática da sua precária difusão. (PAIVA, 1986, pág. 25).

Uma expansão significativa da rede pública só veio a acontecer no final do período da ditadura Vargas, após 1945. O período seguinte, que coincide com o fim da segunda guerra mundial é marcado pela influência da UNESCO, que preocupada com os acontecimentos vividos na Europa, do nazi-fascismo, buscando o controle de tendências radicais de direita, e por pressões de democratização do ensino, atua na América Latina ampliando o acesso ao ensino elementar e realizando campanhas de alfabetização de adolescentes e adultos.

Este período marcado por estas e outras campanhas, inclusive no meio rural, ampliação da rede elementar de ensino com os recursos do Fundo Nacional do Ensino Primário, e iniciativas civis de educação política e democratização da cultura à semelhança das Universidades Populares Francesas, promoveu, mesmo com muitos problemas, que aqui não abordarei, uma expansão de cobertura educativa no Brasil, no que pese entrarmos na década dos anos 60 do século XX com mais de 39% de analfabetos entre a população de 15 anos e mais. (PAIVA-1986).

Outro aspecto refletido nas “vicissitudes do conceito de ‘Educação Popular’” no Brasil nos anos 1970” (PAIVA, p. 27) diz respeito ao que se deu com o setor católico, enfatizando a discussão relacionada à escola privada. Paiva vai lembrar a retomada no pós-guerra da disputa dos anos 1920 entre liberais e católicos, estes últimos liderados por D. Lemme, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima, em defesa da escola confessional da educação em escolas públicas.

Mediante a acomodação das duas correntes durante o Estado Novo, houve a expansão da escola secundária privada e os renovadores foram absorvidos em lugares da administração do sistema público de compactuar com o governo autoritário da época.

Após o Estado Novo, restabeleceu-se o conflito católico-renovadores, atravessando toda década de 1950, e os setores católicos mais avançados, os maritainista, unem-se aos empresários do ensino de todo tipo, e defendem a democratização do ensino a partir do financiamento público do setor privado.

No início da década de 1960, através de espaços abertos na legislação e dos acontecimentos no decorrer da década, o setor privatista sai vitorioso e ocorre uma grande expansão do setor privado com financiamento público.

No entanto, apesar da participação da Igreja Católica neste momento, o seu crescimento não se deu tão forte nas duas décadas após, no sentido de acompanhar o ritmo do processo de privatização. O não acompanhamento se deu por mudanças internas da Igreja, através da Ação Católica Brasileira, a partir da metade dos anos 1950, envolvendo, principalmente, os setores estudantil e universitário e a “precoce modernização” da Igreja brasileira.

A Igreja se voltava para educação não formal da população adulta com financiamento público e houve a aproximação dos Movimentos de Educação de Base (MEB) com os princípios pedagógicos da Escola Nova, como afirma Paiva:

A obra de Paulo Freire é, certamente, o exemplo mais contundente da amálgama que se processou entre as ideias pedagógicas católico-personalistas e o escolanovismo, defendido pelos renovadores liberais que em décadas anteriores haviam sido tão ferozmente combatidos católicos. Considerável contingente militantes católicos participou não apenas do MEB, mas dos diversos movimentos que, organizados por instituições da sociedade civil ou por estas em ínti-

ma associação com o Estado, ampliaram o raio de ação e a “politização” da educação popular para adultos. (PAIVA, 1986, p. 29).

Este período, início dos anos de 1960, e o seu decorrer, coincidindo com o falecimento de importantes representantes do movimento renovador, tais como Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, a ação brutal da ditadura militar com perseguição, assassinatos e exílio de militantes e pensadores da educação, como o caso de Paulo Freire, vai consolidando uma política privatizante da educação brasileira, inclusive atingindo o ensino superior e uma educação popular voltada ao controle das classes populares. Neste momento é importante realçar uma reflexão feita por Vanilda Paiva sobre a resistência que setores progressistas da Igreja Católica, fundamentada pela Teologia da Libertação, vai exercer ao militar, dos anos 1964 em diante.

O regime tornou-se mais duro e a Igreja não somente deixou clara sua oposição ao projeto da “linha dura”, mas tornou-se, na prática, a única instituição civil capaz de manter trabalhos educativos junto às camadas populares, aceitando neles a contribuição supervisionada de perseguidos pelo regime – católicos ou não – o trabalho pastoral político-pedagógico mais amplo, com o movimento sindical e a organização dos mais variados setores da sociedade civil. (PAIVA, 1986, p. 33).

Wanderley (*apud* Paiva, 1986, p. 33) afirma ter havido um deslocamento na adjetivação popular, que ao invés de designar o destinatário, passa a conotar o conteúdo político da educação,

“produzida pelas classes populares ou para as classes populares em função de seus interesses de classe[...]”.

Beisiegel (1986) vai considerar alguns pontos em comum entre os intelectuais da Educação Popular, em que pese a existência de confrontos de posições. Estes elementos vistos como aproximadores seriam uma educação comprometida com a mudança social e que estas mudanças perpassam por menos privilégios para maiorias dominantes e menos miséria para as maiorias dominadas. Neste mesmo trabalho o autor vai realçar que entre os opositores “esquerda” e “direita”, mesmo considerando estas categorias à época imprecisas e superficiais, os primeiros se dividiam em divergências menores e o outro campo se unia identificando o opositor como um só, que merecia oposição enquanto elementos contrários a ordem.

A partir da participação no “Simpósio sobre a Cultura do Povo”, evento ocorrido em 1977, Beisiegel vai explicitar as diferenças existentes no entendimento sobre a educação do povo no que ele chama da grande família de educadores empenhados nas melhorias das condições da existência popular no país.

Este esforço é realizado através de um texto submetido ao debate em que ele examina os usos do “adjetivo ‘popular’, enquanto instrumento de qualificação de uma certa cultura ou de um particular processo educativo” (BEISIEGEL, 1977, pág. 65)

A primeira constatação que ele faz é de ampliação da necessidade da educação como um direito e um dever, na dimensão de uma consciência cívica, através das campanhas de alfabetização, concebida por elites intelectuais, com vistas à preparação do povo para realização de determinados fins, e cujo objetivo era o controle social das camadas populares. A segunda constatação é a de que existiam também a experiência de expansão de ensino do antigo secundário em grandes centros urbanos e a partir de demandas e pressões das coletividades

urbanas, havendo, assim, uma participação destes setores na escolha de que tipo de educação lhe interessava, e nestas experiências há um direcionamento no sentido de explicitar a sua condição de classe e sua potência transformadora.

Após apresentação deste posicionamento no referido simpósio e a partir das falas realizadas pelos debatedores é feita uma crítica ao posicionamento do Beisiegel, como se o mesmo limitasse a Educação Popular aos processos educacionais de alfabetização de adultos e que tivesse ficado sobre responsabilidade dos debatedores trazerem a real discussão sobre a Educação Popular.

É neste momento que realço outro “deslocamento” em relação ao termo Educação Popular, quando Beisiegel afirma que em algumas posições defendidas e explicitadas [...] havia uma clara inversão nos termos da expressão Educação Popular. A educação, um substantivo qualificado pelo adjetivo popular, trocava de posição e qualificava, agora, um popular substantivado” (BEISIEGEL, 1977, p. 73) e vai criticar este posicionamento pois é considerar que educação é só aquilo que haja os interesses populares na educação, e estes interesses bem restritos a um determinado grupo.

No entanto, ao mesmo tempo em que historiei rapidamente o processo educacional do Brasil, com foco na Educação Popular, a partir de uma leitura de Vanilda Paiva e Celso Beisiegel, e dialogando com eles, chego a uma conclusão, fruto do entendimento das leituras, dos estudos, de que é necessário defini-la numa perspectiva histórica e dialética.

Posso, nesta construção, apontar que Educação Popular em sua semântica original e processual relacionada a um destinatário - povo, e mediante todos os movimentos vividos no sentido das diversas compreensões, passou por um processo de transformação e se define como educação

emancipatória de gênese no meio popular, nos movimentos sociais, espaços institucionais e de estado. Essa compreende a ação emancipatória da educação quando esta é fruto da reflexão crítica, da leitura de mundo, da intervenção praxica na realidade, visando transformar a realidade e libertar os oprimidos e opressores da opressão.

Quando me refiro à Educação Popular, considero que não seja mais importante definir em que espaço ela se aplica, mas, compreender que cabe em qualquer espaço, desde o que a pratique bem intencionados e apropriados mediante o estudo permanente e reflexão de sua prática, respeitando seus princípios e fundamentos podem exercer a Educação Popular, como diria Freire, se assim estiverem por se mover no mundo.

Em vários momentos e contextos históricos a Educação Popular se colocou como a construção de uma maneira de intervir na realidade, na perspectiva de possibilitar acesso ao letramento, à instrução educacional em si, mas, num enfoque crítico, de a partir da leitura da realidade e da inconformidade com esta, das injustiças sociais, e dos próprios rumos que o processo educacional dominante opera no intuito de manter as relações de poder e dominação, permitir uma reflexão e uma ação para transformar esta realidade.

No caso da América Latina, como indica Mejía (*apud* Carrillo, 2013, p. 16) “a Educação Popular possui uma acumulação própria de pensamento, que remonta a Simón Rodriguez, passando por José Martí e Paulo Freire, até chegar aos educadores atuais”.

Essa Educação Popular a que me refiro, e que, por vezes, em seu meio está permeada de olhares diversos, contradições e dificuldades em sua operacionalidade prática é, na sua semântica, emancipatória, e para tanto como expõe Carrillo:

[...] no âmbito da educação popular, falamos de paradigmas emancipadores, estamos simultaneamente fazendo menção a uma dimensão gnosiológica (interpretação crítica da realidade), a uma dimensão política (posicionamento e opção alternativos frente a essa realidade) e uma dimensão prática (que orienta as ações individuais e coletivas voltadas à transformação da realidade). (2013, p.16).

Dialeticamente, explicando os fatos, os acontecimentos e as ações dos sujeitos, estes se dão diante das condições objetivas históricas. Quais as correlações de forças existentes, em que cenário histórico o sujeito se insere, de que maneira ao longo de sua trajetória são constituídos os seus pensamentos e posicionamentos em relação à realidade e a partir daí que reflexões e construções teóricas são elaboradas e quais intervenções práticas são realizadas na realidade.

Alguns personagens da história da educação, e aqui em destaque Paulo Freire, neste contexto histórico, movidos pela inquietude, pela insatisfação e pelo desejo de transformações radicais, exercem uma ação significativa sobre a realidade. Como estes é importante compreender que se encontram vários atores, sujeitos sociais, estabelecendo ações coletivas e movimentos. Estes sujeitos acabam tendo uma singularidade em conseguir sistematizar, estruturar uma obra de feitos e de escritos.

A intervenção prática na realidade, desenvolvida por Paulo Freire, seus parceiros e sua equipe, servindo de uma intervenção sobre uma realidade existente de marcas profundas como o analfabetismo nos anos 1960, no que pese em seus bastidores amplo leque de interesses, entre eles os mais elementares e oportunistas como ampliar o universo da população de eleitores, possibilitou movimentos e organização

de coletivos mediante o chamado “método Paulo Freire de Alfabetização”. Freire, em seu ato proporcionou a muitos daqueles que vivenciaram este momento a compreensão de suas realidades e instrumentaliza-se de uma arma poderosa que é a educação, numa visão mais ampla de instrumento de saber, compreender a realidade e nela agir para transformar.

Ao se falar de Educação Popular, muito embora esta não se inicie, ou seja, uma criação de Paulo Freire, mas ela está estritamente ligada a ele:

Entre as características da educação popular é acompanhar o movimento da sociedade [...] Sua origem confunde-se com os movimentos sociais populares das décadas de 1950 1960 [...] por exemplo, a grandes movimentos na área da educação e de cultura popular no Recife (BARBOSA, 2009) e o movimento de educação de base (FÁVERO, 1983). Mais tarde, ela estará associada as lutas pela terra, pela moradia, por trabalho, pela educação e pela saúde. (STRECK, 2013 p. 356)

Nestes movimentos originários, nesta perspectiva aqui explicitada, Paulo Freire é contemporâneo e protagonista em muito destes espaços. Dentre eles, situa-se o seu papel na educação de jovens e adultos nos idos de 1960. Um antecedente importante é a participação de Paulo Freire como um dos relatores do relatório da 3ª Comissão do Seminário Regional de Pernambuco, em 1958. (FÁVERO, 2013).

Recusando-se a se submeter a um trabalho educativo democrático dentro de uma perspectiva assistencialista ou de verticalidade, com uma linguagem própria, e com uma proposta filosófica nova de educação, vai propor no relatório

que a educação de adultos nas regiões de Mocambos no estado de Pernambuco fosse algo maior que um simples conhecer de letras, palavras e frases e que passaria pela necessidade de se fundamentar na consciência da realidade vivida pelos homens e mulheres desses espaços.

Por mais que possa ter tido influência de outros lugares e contextos históricos, essa inquietação histórica de Freire com o povo, com a realidade de seu estado Pernambuco, vai sendo terreno fértil para o desenvolvimento de um trabalho educacional que vai se configurar como a primeira expressão de uma pedagogia brasileira.

O pensamento de Freire, que está presente nos movimentos sociais dos anos de 1950 e 1960, envolvido com a organização dos centros de cultura do Movimento de Cultura Popular (MCP), contribui nas primeiras experiências de alfabetização aí realizadas, e outras tantas experiências a partir desta intervenção.

Tem-se como data de criação do Movimento de Cultura Popular (MCP), 13 de maio de 1960. Situado no bairro de Casa Amarela em Recife era uma instituição sem fins lucrativos, tendo ocorrido sua criação na primeira gestão municipal de Miguel Arraes. (GASPAR, 2008).

Em um período político bastante efervescente tinha como atividades pensadas originalmente voltadas para conscientização das massas através da alfabetização e educação de base. Tinha o nome influências do movimento francês *Peuple et Culture* (Povo e Cultura).

Segundo Gaspar (2008), esses movimentos buscavam realizar uma ação comunitária de Educação Popular, a partir de uma pluralidade de perspectivas, com ênfase da cultura popular, com intuito de formar consciência política e social nos trabalhadores com o propósito de prepará-los para uma

ativa participação na vida política do país, como principais participações tinham os estudantes universitários, artistas e intelectuais.

O MCP era composto por três departamentos administrativos: o de formação da cultura (DFC); o de documentação e informação (DDI); e, o de Difusão da Cultura (DFC).

O que mais se destacava era o de DFC, pois era o mais ativo, tendo como incumbências, conforme o estatuto (art. 15): interpretar, desenvolver e sistematizar a cultura popular; criar e difundir novos métodos e técnicas de Educação Popular; e, formar pessoal habilitado a transmitir a cultura ao povo. (GASPAR, 2008).

Esse, por sua, vez era constituído por dez divisões: pesquisa, dirigido por Paulo Freire; Ensino; Artes Plásticas; Artesanato, cujo diretor era Abelardo da Hora; Música, Dança e Canto; Cinema; Rádio, Televisão e Imprensa; Teatro; Cultura Brasileira; Bem-Estar Coletivo; Saúde; Esportes, que funcionavam através de programas e projetos especiais.

Algumas ações visando à educação de adultos foram realizadas, tais como: criação de escolas de rádio em 1961, com intuito de suprir esse segmento educacional bastante carente; organização de cartilha intitulada “Livro de leitura para adultos ou Cartilha” do MCP; e realização de aulas voltadas para adultos no período noturno em escolas compartilhando das mesmas escolas diurnas de crianças e adultos.

Em 1962, ao se aproximar as eleições para governador de Pernambuco, houve muita pressão política em relação ao MCP. A imprensa emitia muitas críticas à atuação do movimento. Porém, para dar uma resposta às críticas, o Movimento se posicionou com uma nota intitulada “Do Movimento de Cultura Popular ao povo”, que foi veiculada no Jornal do Commercio de Recife.

Nessa nota vale ressaltar, constar com impressões favoráveis por parte de Anísio Teixeira e que como diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, enaltece o MCP na conjuntura brasileira da época e considera o seu livro “Leitura para Adultos” como a melhor obra existente no gênero à época no país. Ao mesmo tempo a nota cita Darcy Ribeiro, do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, que na época era reitor da Universidade de Brasília, e que em diversas conferências em São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Rio e Brasília realça o MCP, como instituição modelar de educação e cultura para o povo.

Como aponta Gaspar - 2008, apesar das resistências ao MCP ele teve grandes avanços:

[...] No final de 1962, já contava com quase 20.000 alunos divididos em mais de seiscentas turmas, distribuídos entre duzentas escolas isoladas e grupos escolares; uma rede de escolas radiofônicas; um centro de artes plásticas e artesanato, com cursos de cerâmica, tapeçaria, tecelagem, cestaria, gravura e escultura; mais de 450 professores e 174 monitores de ensino fundamental, supletivo e educação artística; uma escola para motoristas-mecânicos; cinco praças de cultura, com bibliotecas, cinema, teatro, música, tele-clubes, orientação pedagógica, recreação e educação física; o Centro de Cultura Dona Olegarina, no Poço da Panela, que, em parceria com a Paróquia de Casa Forte, oferecia cursos de corte e costura, alfabetização e educação de base; círculos de cultura; uma galeria de arte (a Galeria de Arte do Recife); um conjunto teatral, que já havia encenado, entre outras, diversas peças, como *A derradeira ceia*, de Luiz Marinho e *A volta do Camaleão Alface*, de Maria Clara Machado.

Além da participação de intelectuais e artistas como Francisco Brennand, Ariano Suassuna, Hermilo Borba Filho, Abelardo da Hora, José Cláudio, Aloísio Falcão e Luiz Mendonça, contou também com o apoio da União Nacional dos Estudantes (UNE) e o Partido Comunista Brasileiro (PCB), entre outras instituições.

Paulo Freire tem um protagonismo importante dentro do MCP, nesse espaço:

[...] começou utilizar duas instituições que serão básicas para o seu método: os Círculos de Cultura e os centros de Cultura, nos quais eram organizados grupos de debate para o esclarecimento de situações problemáticas, com ajuda visual. (PAIVA, 2003 p. 280)

A partir dos primeiros resultados despertou interesse de várias pessoas e entidades. No caso da Paraíba, uma equipe de Paulo Freire passou a assessor as atividades da Fundação Campanha de Educação Popular - CEPLAR.

O esforço e a práxis de Freire vai culminar com os famosos “40 dias de alfabetização”, em Angicos-RN. Que para além de um método de alfabetização de adultos, configurava-se como um desenvolvimento de uma pedagogia de autonomia, forma de alfabetizar pensando.

As primeiras décadas da segunda metade do século XX foram marcadas por ditaduras na América Latina. Período em que a guerra fria se estabelecia entre os Estados Unidos da América e o bloco comunista sob o comando da União Soviética. No Brasil, no ano de 1964 é instituída a ditadura militar, que como em outros países como Chile e Argentina, vai cursar de maneira muito truculenta, ceifando pensamentos e vidas. O

MCP teve suas atividades extintas a partir do golpe militar e instalação da ditadura militar.

Os movimentos de alfabetização de adultos, com participação importante de Paulo Freire, os Movimentos Populares de Cultura, o Movimento Estudantil, os Círculos de Cultura, e diversos movimentos, são sufocados neste período.

Como afirma Gohn (2013, p.32), o paradigma predominante da Educação Popular no período dos anos 1970 e 1980, “foi um conjunto de ideias políticas, filosóficas e pedagógicas que nasceram com os Movimentos de Educação de Base e Cultura Popular”, estes que foram muito expressivos importantes anos antes, e este ideário teve um crescimento no período de resistência à ditadura militar no Brasil.

Os diversos movimentos sociais que estavam na clandestinidade e que, muitas vezes, contavam com o apoio e participação de setores progressistas da Igreja Católica, tinham como estratégia educativa o ideário freiriano:

Foi um período em que, na América Latina em geral, e no Brasil em partícula, a EP se tornou sinônimo de movimento social popular, pois a principal estratégia educativa utilizada, a conscientização, situava em uma mesma linha de objetivos a prática política e os processos de aprendizagem. (GOHN, 2013, p.35).

Para constituir quadros para o movimento, estas ações educativas contribuíam para que os setores populares conseguissem se organizar, principalmente, nos espaços urbanos, havendo experiências de bibliotecas populares, rádios comunitárias, centros culturais de bairros, grupos de teatro, diversos cursos de formação em centro populares e operários, boletins, músicas e concurso populares.

Este processo vai formando uma geração de pessoas militantes que vão dando base ao ressurgimento dos movimentos sindicais e o partido dos trabalhadores, que no início dos anos 1980 vão ampliando ações de enfrentamento à ditadura militar, culminando como o movimento das “diretas já” e o processo de redemocratização.

Tendo como princípios a Educação Popular emancipatória aqui apresentada, podemos considerar que uma das suas principais obras, a “Pedagogia do Oprimido”, escrito no ano de 1968, vai sistematizar essa preocupação com a educação brasileira e, porque não dizer, mundial.

Opto em explicitar as características desta Educação Popular, alicerçada por Freire, enquanto caráter emancipador, pois, este alicerce está presente na forma de critérios pedagógicos na atualidade. (Torres, 2010, p.37 a 43 – apud. Carrillo,2013).

Curiosidade epistêmica e atitude problematizadora

– Constitui a capacidade de se assombrar com o desconhecido e buscar compreender de forma crítica. Para Freire é necessário haver o desejo de conhecer, pois, sem o envolvimento não há como se aprender.

Esta aprendizagem, que parte de uma postura ativa, pressupõe o ato de problematizar. A problematização como metodologia implica em explicitar situações limites a partir dos temas geradores, limites estes pertinentes à ordem social e o potencial humano. O inédito viável seria a geração de outras circunstâncias no intuito de superar os limites: “As situações-limites representam um desafio para o pensamento, ao permitir reconhecer as determinações sociais de sua atuação e a capacidade dos homens para gerar outras circunstâncias (o inédito viável) para superá-las”. (CARRILLO, 2013, p.28).

Colocar-se criticamente diante do mundo – É necessário buscar um pensamento e uma subjetividade críticos.

A curiosidade leva a se defrontar com a realidade, ampliar a partir do contexto e compreender as circunstâncias históricas postas. A esta historicidade, em que pensar concreto se coloca, é necessário refletir para quem e para que serve o conhecimento ou pensamento que se quer produzir. É necessário reconhecer, nesta ação educativa popular, acontecimentos e realidades emergentes, das quais se reconhecem os fatores, elementos e ideias para a compreensão, estes para Freire são “situações limites”.

Pensar considerando opções de transformação – Partindo de que além de uma operação cognitiva, a apreensão crítica do mundo constitui em um desafio de transformação, e que entre outras coisas exige a vontade de fazê-lo.

Para Freire, o sonho é uma necessidade, quando não estamos dispostos a nos adaptar à realidade e sim transformá-la, no entanto ele alerta para que haja a partir do reconhecimento das condições da realidade, a tomada de consciência de que somos sujeitos de poder, saber e vontade, “para não cair nem no determinismo fatalista, nem no voluntarismo ingênuo”.

Pensar criticamente implica reconhecer as formas de raciocinar, conhecer e valorar que o impedem – Constitui um convite a estar aberto ao conhecimento e ao exercício do pensamento crítico. Se nos apegarmos às heranças culturais impregnadas de racionalidades, dogmatismo, etc, estaremos sujeitos a não exercer o pensamento crítico e ter uma ação transformadora.

Pensamento crítico, mais do que conteúdos críticos – É buscar uma leitura crítica do mundo de forma autônoma e não se apropriar de afirmações de conteúdos críticos. Pressupõe a busca de critérios para compreender e resolver problemas concretos em contextos cambiantes.

Estas são razões valiosas que explicam formas de pensar e fazer o que é considerado relevante, confiável e potente, como indica:

Os critérios se produzem e são pertinentes em comunidades interpretativas específicas e se expressam através de princípios, acordos, valores, normas, propósitos e pautas de ação comuns; envolvem esquemas cognitivos (análise, argumentação, interpretação e avaliação) e valores compartilhados (sensibilidade em relação ao contexto, humildade, abertura cognoscitiva, solidariedade e compromisso) a partir dos quais se aprende a realidade e se orientam ações individuais e coletivas (tomada de decisões, diálogo e solução de problemas). (CARRILLO, 2013, p.29).

Pensar criticamente não se esgota no elemento cognitivo – Busca-se aqui explicitar que este pensar crítico não se resume a esfera intelectual e, sim, envolve todo o sujeito. Colaborando com o pensamento freiriano, é mais adequado falar de subjetividades críticas “para abarcar tanto as opções e concepções conscientemente assumidas quanto os valores, as vontades e atitudes críticas necessárias para posicionar-se e transformar a realidade”. (CARRILLO, 2013, p.29).

A formação de pensamento e subjetividade críticos é uma experiência coletiva –

Com a compreensão de que o processo desta formação é coletivo, Freire vai indicar que a educação vai servir para homens e mulheres, sujeitos críticos no exercício do diálogo, o transformar o mundo. Este desejo transformador e emancipador pressupõe o encontro de sujeitos singulares e em suas

diferenças exercitando o diálogo, permitindo a construção de um pensamento e subjetividades alternativos.

Reflexividade – É preciso uma reflexão constante, evitando-se o naturalizar do olhar, que busca uma postura autocrítica frente às leituras e às práticas, como alerta Freire. Para esta reflexão crítica, Lipman, (Apud Carrillo, 2013, p. 29), indica “o pensamento complexo, consciente de seus próprios pressupostos e implicações, assim como das razões e evidências nas quais apoia suas conclusões” e com o exame metodológico e reflexão sobre a matéria que é objeto de exame.

E por fim, **o ser crítico busca uma coerência entre pensar e atuar** – As práticas transformadoras (práxis) são orientadas pelo o pensamento e a subjetividade críticos. A esta articulação da teoria e prática, os gregos denominavam *phronesis*: “atuar a partir do bom senso, com prudência e responsabilidade”. (Fals Borda, 2010 Apud Carrillo, 2013).

Já no século atual, a globalização, os novos contextos geopolíticos sociais, as preocupações com o meio ambiente e ecossistema, as questões dos direitos humanos, gênero, etc., imprimi a todos um novo olhar e uma busca de respostas que não se limitam aos conflitos ideológicos do século XX.

A Educação Popular diante desta diversidade, em que grupos específicos em novos espaços de participação reivindicam novos interesses e expressam características próprias e, muitas vezes, acarretando tensões, discriminação e exclusão social, é levada neste novo cenário e contexto, “a tratar da interação, da reciprocidade, da interdependência e do intercâmbio que regem as relações entre culturas e se refere fundamentalmente a compreensão de mundo”. (NAHMÍAS, 2005, p. 130).

Numa contraposição, a globalização macroeconômica do neoliberalismo, é pertinente pensar numa educação globalizante que ao buscar uma “consciência planetária, na perspectiva

de que o mundo é um, todos vivemos nele e, portanto, como cidadãos do mesmo mundo, teremos direitos, deveres e responsabilidade compartilhada” (NAHMÍAS, 2005, p. 130), as ações locais poderão influenciar transformações sociais globais.

Nahmías (2005) vai apontar pelo menos três princípios desta educação: visão holística e realista do mundo, com visão de direitos e deveres individuais e coletivos, indicando a interdependência global; o desenvolvimento de habilidades sociais que reforcem a capacidade de atuar como membro de um grupo, interagir e comunicar-se com os diferentes; e, incorporar uma nova ética, pautada na autoconfiança e confiança nos outros, numa construção de uma responsabilidade pessoal e social.

Este processo de uma globalização, com outra intencionalidade, vem sendo tratado na perspectiva de uma globalização do sul. Esta tem como alicerce histórico os diversos momentos, nos últimos duzentos anos em que a Educação Popular na América Latina, resistindo tanto a discursos e maneiras dominantes de esquerda e de direita, desviante dos seus princípios, buscaram se reaproximar dos educadores como Simon Rodríguez, Simon Bolívar, e Paulo Freire.

Neste sentido, princípios como partir da realidade concreta, procurando compreender as novas regras do capitalismo neoliberal e globalizado, compreender as novas estruturas das relações de produção como, as transformações trazidas pelo toyotismo, são extremamente importantes de estabelecer bases para enfrentamento mediante o acúmulo da produção científica e de visão do mundo do hemisfério sul, que precisa resistir à indústria cultural de massa que tenta homogeneizar pessoas e consumo, e estar atento de como o neoliberalismo em contraponto ao estado de bem-estar social, investe nos espaços de organizações não governamentais, em bases de uma promoção individual.

É importante lembrar a necessidade da Educação Popular em ocupar espaços da educação formal, e para tanto:

Além da reestruturação e horizontes de sentido, faz-se necessário um esforço por operar com os instrumentos e ferramentas próprias da Escola; portanto é necessário que a educação popular volte a elaborar os discursos e crie proposta práticas do “como”, concretamente, para entrar com força e com propostas próprias. (MEJÍA;2005, p. 217).

A Educação Popular se coloca cada vez mais atual, sua presença está potencializando o enfrentamento de uma realidade que acentua crises e que trazem desesperanças nas pessoas. Reinventar utopias e buscar inéditos viáveis são tarefas fundamentais, visando à transformações nas estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais, a partir do empoderamento de agentes locais, reforçando também os seus projetos, que devem ser permeados por saberes e culturas próprias, de resistência que remete ao exercício da diversidade e da interculturalidade, favorecendo novos enfrentamentos. Estes agentes e projetos detentores de uma pedagogia própria e diversa que carece de uma compreensão ampliada, no objetivo de compreender sua importância para as transformações pleiteadas, isto dentro de uma perspectiva anticapitalista, “uma globalização alternativa a partir do sul, e desde o sul, pelo fato de reconstruir esperança e sentido”. (MEJÍA, 2005, p.218).

Como afirma Streck (2013), a Educação Popular foi marcada por profundas autorreflexões nesta última década. Compreendo que a partir destas, mediante olhar crítico para movimentos e práticas, na busca de acertos de velhos e novos atores sociais, os territórios de expressão e criação de processos

educativos vêm se fortalecendo e permitindo a renovação daqueles que têm dedicado as suas vidas a estes processos.

4.2.2 O Palhaço Cuidador e suas habilidades

Diante desses novos cenários, esse ator social antigo remodelado, o Palhaço Cuidador, tem um papel importante para uma ação transformadora.

O território de atuação mais rotineiro desse palhaço é aquele em que, de alguma maneira, por muito ou pouco tempo, as pessoas são distanciadas do convívio social cotidiano.

Esse afastamento quer seja por uma doença aguda ou crônica ou incapacitante, quer seja por exclusão social pela idade, nos casos dos idosos, tem a ver com os determinantes do processo saúde doença.

Como afirma Laurell, (1989), uma vertente explicativa desse processo vai apontar o capital como fator patógeno, não colocado de forma simplista em termos dos conflitos ideológicos de esquerda contra a direita, mas, de uma preocupação com os rumos da espécie humana, que passa por uma forma de produzir e consumir do planeta, que gera cada vez mais situações de adoecimento, velhas e novas.

No que pese os avanços, inclusive na longevidade, temos uma sociedade tomada por relações doentias. Mais pessoas são acometidas por doenças mentais, incluindo o alarmante crescimento da violência.

Diante desse quadro a ação educativa dentro de uma perspectiva transformadora, quer seja nos cenários em que atuamos, onde se busca remediar muitas das mazelas encontradas na maneira como vivemos, ou em espaços, territórios vivos onde as pessoas vivem e garantem sua subsistência, constitui uma

ação do projeto PalhaSUS, como apontamos anteriormente ao descrevermos nossa missão.

A prática do Palhaço Cuidador é lesteada¹⁵ pela Educação Popular emancipatória. Algumas categorias já muito conhecidas da perspectiva freiriana, têm sido o nosso balizamento.

Trago aqui algumas categorias da pedagogia freiriana, que temos procurado refleti-las mediante a nossa prática.

4.2.2.1 Dialogicidade – O encontro com Palhaço Cuidador

Essa categoria pode ser considerada como a mais importante em Freire, pois dela derivam as demais e é o alicerce para uma pedagogia libertadora e transformadora. Para o diálogo é necessário conceber relações horizontais, não havendo saber maior ou menor, mas saberes diferentes, como assinala Freire:

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideia de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (Freire, 1987 p.37).

Durante as atividades de grupo, os Palhaços Cuidadores têm uma participação determinante, exercendo os mais diferentes papéis: ora facilitando as dinâmicas de abertura

15 Lesteada (guiada) é um termo que utilizo na perspectiva de contrapor ao termo norteadado, cujo sentido traz a dominação da cultura do hemisfério norte que se deu no processo de colonização dos povos do Sul, e ainda é marcante sobre esses povos. O tempo presente é feito através do movimento para o leste, para o oriente, do planeta. Mesmo que noite no Japão e dia no Brasil, ou vice-versa, estamos no mesmo tempo. Lestear é ir no sentido do tempo, do presente, penso que não haja necessidade de contraposição, tal como sulear, pois opressão e lutas emancipatórias acontecem tanto lá como, cá.

dos diversos encontros, ora conduzindo debates em rodas de conversa e fóruns, ora levando a figura irônica e argumentadora do palhaço para os debates sobre Saúde, questionando as práticas e o sistema de saúde de locais onde o próprio palhaço atua.

Mostra-se, em muitos espaços de diálogo o importante papel político do palhaço que não se exclui ao seu papel de cuidador, sendo aquele, incondicionalmente, uma extensão deste.

O poder de alcançar e atingir as pessoas de todas as classes e condições socioculturais é uma importante ferramenta da qual o Palhaço Cuidador lança mão para vivenciar a Educação Popular fora dos limites da universidade, transformando, inclusive, o próprio conceito de extensão universitária.

A perspectiva do cuidado é o que guia o Palhaço Cuidador em qualquer cenário de atuação e fora dele. O arquétipo do palhaço, que remonta aos primórdios da história da humanidade, tem na sua constituição a capacidade de chamar atenção e “quebrar o gelo”, trazendo para si o foco dos erros e fracassos que normalmente nos fazem sentir a fragilidade da condição humana. Este palhaço consegue abordar todas as pessoas e conversar com elas, ouvi-las, brincar e fazê-las rir. Ao fazer isso, ele está cuidando de cada uma delas. O palhaço consegue quebrar as barreiras do diálogo humano (por exemplo, ao conversar com pessoas que ele não conhece e vice-versa) e se propor levar o cuidado a todas as pessoas que encontra.

Essa prática, também para Paulo Freire, é movida por amor e respeito em que o encontro só é permitido por um verdadeiro diálogo, quando ele afirma que “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que

querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito”. (FREIRE, 2005, p. 91).

No encontro o palhaço é um ser integral que não esconde seus sentimentos e intenções, da mesma forma que acolhe o outro em sua legitimidade de ser.

A intervenção do Palhaço Cuidador em espaços de rodas de conversas e círculos de culturas tem demonstrado a capacidade importante de que esse protagonista tem em disparar os processos, fazendo com que a fala seja democratizada, que a palavra seja exercida por um maior número de pessoas e que as pessoas se sintam mais à vontade para se expressar pelo clima lúdico e descontraído que a ação do mesmo proporciona.

4.2.2.2 Amorosidade – A essência do Palhaço Cuidador

Das categorias apresentadas no documento é a menos detalhada e contextualizada. Vai dizer, porém, que essa está presente em quase toda obra de Paulo Freire, principalmente, quando “suas reflexões abordam a relação homem-mulher-mundo, em que o diálogo se apresenta permeado pela humildade e esperança”. (BRASIL, 2014, p.38).

Vai trazer a dimensão da alteridade do amor e colocar que a sua experiência “não traduz uma dimensão homogênea e universalizante do ser humano e do mundo, mas está histórica e socialmente contextualizada, culturalmente localizada e simbolicamente representada”, Brasil, 2014.

Patch Adams, que tem sido um ativista de referência para o PalhaSUS, destaca, em entrevista ao programa Roda Viva da TV Cultura em 2007, a sede de estudantes pelos trabalhos voltados à prática com referenciais humanizadores e desenvolvimento

do amor em ambientes hospitalares. A postura do “Patch” não constitui uma visão piegas desse sentimento tão importante, mas corresponde a uma crítica contundente ao modelo capitalista de produção em seu novo estágio de sustentação que é a globalização e propõe intervenções que busquem vínculos de amizade e atitudes fraternas como possibilidade de reação a esse sistema tão desagregante das relações humanas. (ADAMS, 2002).

Nesse sentido, observamos o crescente interesse dos estudantes em participarem das Oficinas do Riso na UFPB para a formação de Palhaços Cuidadores e atuarem no projeto de extensão denominado PalhaSUS.

A Educação Popular é concebida neste trabalho a partir do ideário freiriano que afirma a necessidade de tomada de consciência pelos homens da sua condição de opressão, reconhecendo-se como sujeito (FREIRE, 1987). Trata-se de um processo contínuo e permanente de formação, cuja intencionalidade é a transformação da realidade. Paulo Freire indica que “educador e educando (liderança e massas), co-intencionados à realidade, encontram-se numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas, também, no re-criar desse conhecimento”. (FREIRE, 1987 p.56).

A partir dos fundamentos das reflexões teóricas sistematizadas por Freire e diversos outros atores, a Educação Popular se constituiu ao longo dos anos como um pilar teórico-metodológico inspirador de práticas sociais comprometidas com o enfrentamento das condições concretas de opressão e exclusão, articulada à diversidade humana, num processo pedagógico que valoriza a cultura, os saberes diversos, uma ética humanística de aprender a ser e a viver junto. (WANDERLEY, 2010; GADOTTI, TORRES, 1994).

Nesse contexto, a Educação Popular vem tendo significado peculiar na formação universitária em saúde, uma vez que parte importante dos estudantes passa a se interessar em atuar em projetos de extensão ao se deparar com a realidade de exclusão e opressão de segmentos da população e diante de uma opção de intervir sobre essa realidade. (VASCONCELOS, 2006). A contradição entre a realidade encontrada e vivida pelo estudante e o processo educativo formal distanciando desta realidade, preso a teorias e pouco prático, propositivo e reflexivo, gerando angústia relacionada à dificuldade de se sentir útil, importante e construindo vínculos significativos, indica uma explicação para essa procura.

Na perspectiva freireana, educar-se é impregnar de sentido cada ato cotidiano. (FREIRE, 1987). No caso de projetos de extensão em Educação Popular, busca-se dar sentido ao ato do estudante e ele se sente um sujeito do processo educativo. Essa amorosidade a ser experimentada, exercitada e vivenciada é também uma práxis. O Palhaço Cuidador ao se deparar muitas vezes com pessoas desconhecidas e já estabelecer o exercício da amorosidade é aprendiz de mão cheia deste, pois, essa pessoa desconhecida na maioria das vezes é generosa na alegria e no doar gestos de amor.

E como o documento traz Paulo Freire vai dizer, e precisamos ficar atentos:

O ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa da libertação. Mas este compromisso, porque amoroso é dialógico[...]. Como ato de valentia, não pode ser piegas, como ato de liberdade não pode ser pretexto de manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor. Somente com a supressão da situação opressora é pos-

sível restaurar o amor que nela está proibido. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens/mulheres, não me é possível o diálogo. (Freire, 2002, p. 80 apud BRASIL p. 39).

4.2.2.3 Conscientização – A busca do Palhaço Cuidador

Para o marco de referência, a conscientização consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência, pressupondo a necessidade de suplantarmos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para alcançarmos a uma esfera crítica tendo assim a realidade como objeto cognoscível e na qual o homem passará a ter uma posição epistemológica, (BRASIL, 2014). A consciência atinge maior nível mediante a maior capacidade de “desvelamento” da realidade, esse grau maior é conquistado mediante uma ação e reflexão constante sobre a realidade e nessa práxis possibilitando a construção do conhecimento.

Apresentando as diferenças refletidas por Freire na obra “Educação e mudança” entre consciência ingênua e consciência crítica, vai dizer que essa última anseia pela profundidade de situações-limites, reconhecendo que a mudança é possível e necessária.

Sobre o maior nível de conscientização que o sujeito tiver o marco vai apontar:

Quanto o maior o nível de conscientização dos (as) educandos e educandas, de educadores (as), mais capacitados estarão para serem anunciadores (as) e denunciadores (as) das situações-limites e desumanizantes, graças

ao compromisso de transformação assumido.
(BRASIL, 2014, p. 41).

Nesse sentido, além do serviço prestado junto à comunidade, o PalhaSUS reincide nos preceitos abordados por Paulo Freire, de autonomia e libertação do indivíduo, enquanto estudantes e profissionais de saúde, frente ao regime bancário e opressor vigente dentro e fora da universidade, oferecendo práticas e reflexões de autocuidado que estimulam o cuidado também do cuidador.

Ao contemplar o aspecto estrutural do problema da educação, vários autores (ADAMS, 2002; ROMAÑA, 2012) apresentam o foco no capitalismo e sua evolução, o qual estabelece o padrão de organização das práticas sociais e das relações humanas na sociedade atual, incluindo o fenômeno educativo.

Porém, é necessário reconhecer que ao tempo em que criticamos o sistema imperante, também estamos impregnados de sua ideologia, suas práticas e seus vícios. Na educação, como em outras áreas sob a influência do ideário hegemônico, o foco está centrado no racional e no mundo das ideias, desta maneira a maioria das práticas educativas atuais se mantém na superficialidade e negligência à realidade existente, sobretudo, os aspectos da subjetividade, do corpo e das relações. (ROMAÑA, 2012).

Apesar de diversas tentativas em propor uma educação problematizadora, voltada às necessidades da população brasileira, a partir de reformas curriculares, ainda prevalece, na formação profissional, uma educação bancária. (FLEURI, 2006). No intuito de superar essa realidade da graduação, diversos projetos de extensão se estruturam no sentido de inserir os estudantes em meios populares, através de metodologias e

práticas embasadas pela Educação Popular. (VASCONCELOS, CRUZ, 2011).

Esse enfrentamento ao modelo hegemônico e o exercício de uma prática embasada na conscientização permeada pelo refletir criticamente a realidade e o agir nessa realidade, ler o mundo para mudá-lo, como propõe Freire, tem no terreno da extensão popular um espaço privilegiado.

4.2.2.4 Transformação da realidade e do mundo – A ação do Palhaço Cuidador

Partindo do pressuposto de que se o processo educativo for dialógico e conscientizador ele procurará sempre ser transformador da realidade e do mundo. Como explicita o marco de referência “buscará construir novas relações econômicas, sociais, culturais, ambientais, baseadas na igualdade, na fraternidade, na justiça” e, além disso, “mudam as relações, as pessoas, e as relações entre as pessoas, não deixando prevalecer o egoísmo, o individualismo, o sexismo, os preconceitos e a discriminação”. (BRASIL, 2014, p. 41, 42). O participante desse processo é um protagonista dessas mudanças.

Essa prática, também para Paulo Freire, é movida por amor e respeito em que o encontro só é permitido por um verdadeiro diálogo, quando ele afirma que “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito”. (FREIRE, 2005, p. 91).

Dentro do contexto do projeto, cujo espaço de ação são territórios que as pessoas estão retiradas do convívio familiar e

social, esse processo educativo, esse processo transformador tem características próprias, cujo embasamento ou intencionalidade de ação estão expostos nos referenciais da Educação Popular.

Para nossa intervenção no mundo e nesse contexto, a transformação é observada em pequenos atos e pequenas consequências, como a atitude do palhaço em relação ao paciente em enxergá-lo para além do espaço do cuidado, do internamento.

Eu acho que quanto transformação, eu acho que tem haver na perspectiva da inclusão da pessoa mesmo, traz aquela pessoa para aquele processo de cuidado de uma maneira diferenciada de que ele vai de fato se sentir incluído naquilo, né? Tipo de uma maneira diferente. Às vezes, sei lá, tem uma acompanhante que não está sabendo de nada da situação da pessoa, aí você: “mas quais são as coisas que essa pessoa faz lá fora? ”, vamos ver outras coisas, vamos buscar ver não só o contexto do hospital, mas fica vendo outras coisas. (P6, GF § 355).

A ética da alegria, a promoção do riso do diálogo, como transformador no sentido que insere e permite aos pacientes se colocarem na sua situação de vida, mesmo que muito difícil como uma doença incurável e a brevidade da vida.

Eu acho que rir, eu acho que também tá num diálogo, e esse diálogo ampliado, de tá vendo as potencialidades da pessoa, de não tá olhando só a doença, de tá buscando isso, tá fazendo que aquela pessoa seja inclusa naquele cuidado de fato, que não sabe nem o que o tem, nem como tem, nem como vai ficar boa. As vezes não vai ficar boa, talvez as vezes é uma doença muito

grave, e a pessoa não sabe, mas está buscando para essa inclusão, e essa mudança também com diz... da ética da alegria, dessa transformação social, de que as vezes as pessoas não têm costume de dá bom dia, acaba a começar a dar “bom dia”, e fica naquele costume, de estar lembrando aqueles pequenos valores que a gente tem, aquelas coisas que você passa e ver um palhaço conversando com uma pessoa olhando, olho no olho. As vezes a pessoa reflete; “será que eu estou conversando com a pessoa olhando no olho dela? ”, “Será que eu estou parando mesmo para ficar de fato naquele momento?”. (P6, GF § 356).

Transforma na relação, de estar presente nos encontros, de realmente olhar no olho do outro. O palhaço com espelho que a sua vida, a sua prática possa ser refletida e possa gerar mudanças se assim houver desejo.

Eu acho que a transformação social vem disso, de ver aquele espelho, daquele palhaço, e também dar essa oportunidade nesse dialogo está incluindo aquela pessoa naquele processo. Aquela pessoa não ser só uma pessoa que vai receber uma coisa, mas uma pessoa que está dentro do processo, ela está podendo falar do seu processo. Que o processo é altamente doloroso: “para mim é superchato, a minha esposa poderia ficar em casa, mas ela está comigo, deixou a minha filha em casa”. Então ela está se sentindo, eu acho, em minha opinião inclusa naquele processo que dela dizer o que ela sente. Que ela as vezes não pode dizer em outro momento e tal. E no sentido de sair daquele espaço e poder ir para outros lugares, é esse

sentido do espelho mesmo. Está vendo aquelas atitudes e que talvez achar bacana e talvez querer reproduzir. (P6, § 357).

É transformador porque não é asséptico de amor, traz o amor para o espaço do cuidado, busca uma concepção holística e rompe com o modelo hegemônico biomédico.

E o PalhaSUS faz totalmente isso. A gente traz, a gente quebra uma lógica hegemônica, e médica do processo saúde doença biomédica, a gente traz o cuidado holístico, o cuidado amoroso, um cuidado diferenciado. O palhaço cuidador traz uma transformação social na saúde, um ator social dentro da saúde, para mim é muito claro é muito evidente. Não tem como discutir, porque a gente está ali como processo de cuidado, que é desvalorizado por nossos professores todos. O amor é terapêutico, sem dúvida. O amor para mim é terapêutico sim. E o processo saúde doença se dá por questão de tristeza, de desgosto, e tudo isso também. Uma pessoa doente é uma pessoa que teve alteração no seu sistema límbico também, que enfraquece o seu sistema imunológico, enfim. (P3, § 359).

Transforma porque enxerga que padrões de tristeza e desgostos são doentios e precisam ser contraposto com a ética da alegria. Não se nega o medicamento, procedimentos ou manobras, mas amplia para que as relações empáticas, as emoções trabalhadas no seu reconhecimento, processamento e atitudes de respostas adequadas às necessidades promovam a ampliação da qualidade de vida.

Então a alegria, o conforto, a leveza, o abraço, tudo isso é terapêutico, causando reações e estímulos naquela pessoa para melhorar aquele processo de cura. Então a gente está quebrando esse paradigma de achar que só medicamento, procedimento e manobra vai curar. Então a gente causa uma evolução e a gente causa uma transformação social. E nessa questão de deixar livres, as pessoas livres para se colocarem, para serem quem elas são, o PalhaSUS prega muito do lado do ridículo. (P3, GF § 360).

Então a gente faz a revolução, deixando que as pessoas sejam o que elas são. Se o PalhaSUS tem também diminuído o pensamento das pessoas em relação ao pré-conceito então também está causando transformação social, também está debatendo...está também abrindo caminho para as pessoas ver além das opressões. E se a gente vive num mundo onde tudo é muito tão seco e não amoroso, e nós vimos com nosso carro chefe que é o amor, que o amor é terapêutico, então a gente está fazendo a transformação social, para além da saúde. (P3, GF § 361).

A extensão com o palhaço fazendo a ponte da universidade com o seu saber científico e em encontro com as pessoas e seus saberes, esse diálogo é transformador; a transformação social também partindo da transformação individual, pois ambos se transformam em relação, indivíduo e sociedade, e o palhaço como protagonista da sua transformação.

Eu queria só trazer que antes de tudo o palhaço cuidador, desculpa de novo aí, o palhaço cuidador é um projeto universitário, e projeto é de

extensão, então eu acho que não tem como não considerar um transformador social, partindo do princípio de que o palhaço cuidador vai fazer parte essa ponte entre a universidade e a sociedade. Que eu acho que é na universidade que você está formando mais ainda os cidadãos, formando assim, digamos uma formação mais profunda esses cidadãos, então está levando essas discussões do que está mais atual, do que está sendo bastante importante na sociedade, que a gente ver aqui dentro da universidade para sociedade, não tem como você não considerar isso, e dizer que não há transformação social. (P12, GF § 366).

Então eu acredito que há transformação e essa transformação começa individualmente, a partir do momento que você se inscreve no projeto e tem todo aquele processo. Agora esse ano a gente teve o curso de autocuidado, você já começa a quebrar seus próprios paradigmas. Porque você só pode quebrar os paradigmas dos outros, cuidar dos outros, se você tiver cuidado de si antes, é assim que eu penso. Então... é isso. (P11, GF § 367).

Esse cuidado do palhaço tem propósito, a sua ação tem propósito e é um cuidado não para alienar ou anestesiar, mas para que o outro e o próprio palhaço se coloque ativo e transformador de sua realidade e do mundo.

Então é uma coisa... e eu recebo muitos convites para o PalhaSUS participar de eventos. Só que o PalhaSUS traz com ele uma mensagem, acerca da educação popular, acerca da huma-

nização, seja desse cuidado através do palhaço, desse amor, enfim. E sempre que a pessoa me faz um convite eu digo “qual o objetivo desse convite? ”, “Qual o propósito? ” Porque a gente não vai estar em espaços que a gente não acredite, a gente está lá para defender também. Quando convida o PalhaSUS para participar de um movimento da luta antimanicomial, é muitas vezes a gente vai e muitas vezes a gente se organiza para ir, porque a gente acredita nisso e a gente também compartilha desse pensamento, desse cuidado para além dos muros do manicômio, por exemplo, né? Dessas formas diferentes de cuidar. (P4, GF § 363).

Então com certeza, transforma a gente enquanto estudante, enquanto pessoa, enquanto trabalhador. Transforma o outro que encontra a gente, e a gente dissemina isso que a gente vai aprendendo aqui no projeto. (P4, GF § 364).

O palhaço é uma eterna mudança de paradigma, pois ele se reinventa e busca transformar a conserva cultural todas as vezes que essa já não se coloca a serviço da saúde das relações humanas, sociais e do mundo.

Eu acho que com o argumento dela (se referindo a **P6**), mas não com o pensamento de inclusão social, mas no PalhaSUS, no palhaço, eu vejo sim que causa transformação social. Porque o que entendo como transformação social? É uma quebra de paradigma né? É uma revolução, é a mudança daquilo que está imposto pela sociedade. (P3, GF § 358).

Ainda na perspectiva da transformação social o Palhaço Cuidador é instrumento de inclusão social, pois permite que pessoas que estão em situações de exclusão e miséria acessem a alegria.

Teve uma atuação que foi a primeira que eu tive como palhaço cuidador, que foi num acampamento de sem-terra, dos sem-terra que estavam aqui perto de Recife, perto de Goiana, foi a minha primeira atuação, lá eu nunca vou esquecer uma foto que foi tirada, daquele contraste entre o palhaço cuidador todo colorido e aquelas casinhas de lona assim, com aquela assim, falta de estrutura mesmo, horrível o local que eles estavam e o palhaço cuidador estava lá como uma forma de inclusão social, e em todos esses campos de atuação, o palhaço cuidador está como uma forma de inclusão social, é isso. (P11, GF § 279).

É eu queria falar. Assim, eu acho que eu tive o privilégio assim, de atuar em vários lugares, em vários hospitais, em vários espaços, como **(P11)** falou acampamento de sem-terra, em eventos, enfim, muitas coisas. E antes de entrar no PalhaSUS quando “A” fez um vídeo, eu disse que queria entrar no PalhaSUS para levar transformação para outros lugares. E eu acho que a importância para comunidade, é exatamente essa, se fosse para resumir, eu resumiria em duas palavras: liberdade e transformação. (P6, GF § 280).

O projeto e o Palhaço Cuidador, desta maneira, colaboram em processos de transformação e promoção de liberdade.

CAPÍTULO 5

ARMANDO O CIRCO EM DIVERSAS COMUNIDADES

A extensão como um dos pilares indissociáveis do que compõe as ações, produções das atividades acadêmicas da universidade tem um percurso histórico importante e que ao longo do tempo foi formando tipos de extensão.

Não é propósito desse trabalho se debruçar aprofundando sobre a extensão universitária. No entanto, para fins de indicar o propósito do projeto enquanto uma extensão universitária gostaríamos de delinear em qual concepção de extensão nos identificamos e procuramos ser.

Para tanto, talvez melhor começarmos dizendo o que não somos, ou buscamos não ser. Não somos uma extensão assistencialista, cujas assessorias, instrumentalização técnica a partir da transmissão de conhecimento pretende cumprir a missão social.

Não realizamos uma extensão mercantilista que se forma ao longo das mudanças ocorridas na estrutura da relação capital-trabalho e se efetiva como vendas de serviços.

Acho que temos muito de uma extensão acadêmica, que possui a dimensão filosófico-científica, compreendida como elo de integração entre universidade e sociedade, ensino e pesquisa e componente inerente ao processo de mudança social e de difusão cultural.

E pretendemos ser e atingir uma extensão popular:

Como um trabalho social útil, cuja intencionalidade adquire um duplo viés: incrementar a indissociabilidade ensino e pesquisa e anunciar mudanças que venham combater a alienação. Dessa forma a extensão constitui-se como um traço universal de todo movimento, em que a sociedade, ao mesmo tempo que produz o homem, é produzida por ele. (Melo Neto – 2012 p. 96).

Para refletirmos sobre essas concepções e a nossa prática, trago alguns contextos abordados no grupo focal. Com esse propósito trabalhamos com as categorias: cenários e comunidades que atuamos e suas especificidades, que podem ser fase no ciclo de vida ou características das pessoas ou dos locais. Essa análise sendo realizado tanto em relação às pessoas na condição de pacientes, usuários, ou como gosto de me referir: pessoas que necessitam do cuidado, como dos profissionais, trabalhadores.

5.1 E O PALHAÇO VAI AO ENCONTRO

O Palhaço Cuidador estabelece sua importância a depender do que o encontro possibilita. Às vezes é o conforto é a leveza, é o despertar no paciente o autocuidado, demonstrar que o palhaço é um “lascado” e alivia a sua condição de sofrimento, outras vezes, pode ser uma tentativa de promover algo diferente mais não é exitoso:

[...] porque para o palhaço cuidador, eu posso ser o conforto, eu posso ser a alegria, e posso ser o amigo, então depende do encontro daquela pessoa, depende de como é o encontro e do que vive aquele momento. Então a importância pode ser minha e pode ser ímpar, naquele dia que vai fa-

zer toda diferença e que vai dar toda uma melhora para aquele paciente que está internado, mas para outra pessoa e em um outro momento, eu posso ser mais um que foi lá e tentou brincar, ou que ouvi história. Então eu entendo que isso é a importância do palhaço que vai depender de cada encontro. (P3, GF § 270).

Então eu na minha prática o que eu vejo, ... eu vejo que o palhaço cuidador é importante para ser conforto, né, ser conforto e ser despertar para o seu autocuidado. Ser sim, essa leveza, porque nesse momento do processo de internação a gente está lá e: ai meu Deus vem mais uma injeção; ai meu Deus vem mais um medicamento; ai meu Deus saiu o resultado de exame, vem a visita médica, vem aquilo” e de repente você ver o palhaço, que está caracterizado de palhaço, que é aquele papel que normalmente você vai tirar onda, você vai ser tão lascado como eu que estou lá internado, entendeu. Então ele dá leveza naquela internação, isso a do palhaço. (P3, GF § - 271).

O palhaço em sua rotina e sua manutenção no espaço, mesmo que em momentos, uns deixem de atuar e novos cheguem, mas essa linguagem, essa ética do encontro, do riso e do cuidado, gera uma cultura do palhaço no ambiente de sua atuação.

E as vezes até, que é também a importância do projeto e do palhaço cuidador também, da presença a cada semana as vezes transforma realmente a pessoa, tenha ela a idade que ela tiver; então isso é notório assim. Aquela pessoa que na primeira semana não queria conversa ne-

nhuma, mas você vai na segunda vez, você vai na terceira, e quando aquela pessoa percebe a sua presença a certeza da sua presença. Porque convenhamos, é ... nos cenários, por exemplo no HU que é um cenário que passam muitos estudantes todo dia, tem muita rotatividade né? Uma hora tem esse grupo de medicina e roda, depois tem esse grupo de enfermagem e roda, então, e os pacientes não sabem e as vezes até a gente esquece de avisar a ele que vai rodar. Então ele as vezes quando menos espera no dia anterior era esse que estava evoluindo e no outro já é outra pessoa diferente. Então quando ele está se adaptando a gente aí a gente roda. Então as vezes ele fica meio sem esse Norte. (P1, GF § 287).

E o PalhaSUS lá todos os sábados dando aquela certeza de continuidade, as vezes é ele se apega a isso, ele assume isso para rotina. Tem até no HU aqueles casos da criança que passou a semana inteira esperando a gente, o adulto que no sábado de manhã acordou cedo, tomou aquele banho se arrumou e tal para ver os palhaços, coloca aquilo como uma rotina, como a nossa presença lá confirmada. (P1, GF § 288).

5.2 O PALHAÇO CUIDADOR VAI ATÉ AS CRIANÇAS

A comunidade de cuidado à criança é proporcionado um ambiente mais próximo à vida, onde se pode brincar, o colorido dos palhaços faz um contraste com a neutralidade e o peso do ambiente. O palhaço estimula uma vitalidade na criança, no

ato de brincar, que o ambiente do hospital muitas vezes não favorece essa vitalidade.

Quando a gente estava no HU, na época que eu estava no HU, eu acho que para criança é fica aquela sensação de uma diversão que mundo externo tem, mas que o hospital não tem. Então para criança o que a gente acrescenta para elas a diversão, é o riso, o trazer o colorido que o hospital não tem tanto. É ter alguém para brincar com ela, que as vezes ela só está com um acompanhante e que no caso não dá para brincar com ela o tempo inteiro. A gente faz até o papel de um palhaço normal, além do palhaço cuidador, de brincadeira, de ser engraçado. Quando, e assim, eu acho a gente (...), no futuro talvez a gente tire daquela criança a visão pesada que ela tem do hospital. (P2, GF § 260).

Então é assim, lá na pediatria tem crianças que realmente não tem tanta doença assim, mas por estar confinada no hospital, na sua, no leito, não interage muito, não quer brincar e tal. Mas tem outras que, eu no caso que passava lá como estudante durante a semana, que o cara sabe que a criança está com aquela doença, que a criança está com um transtorno de coagulação, que com qualquer quedinha, vai ter um sangramento, tal, e você ver pulando para cima, gritando, pulando, se jogando e você fica: “meu Deus, que é isso?”, e a mãe fica: “para menino, para”. (P1, § 283).

O papel do palhaço facilita o acesso às crianças, que estão acostumadas a serem abordadas por profissionais de saúde, e

surpreendem-se em encontrar com um palhaço no hospital. Desta forma, os abraços, conversas, carinhos fazem parte da atuação.

Às vezes aquelas crianças que passam muito tempo internada, passam muito tempo em uma instituição assim como essa, tratando de uma doença, por ser o HU um hospital que interna crianças que ficam muito tempo, são doenças mais complicada e ela leva da infância a imagem de um hospital triste, ruim, de branco, que levava injeção, tomava remédio, que ela estava doente, ela não podia brincar e talvez a nossa visita, e como a gente sabe de outros palhaços, que não é só a gente que atua ali, traga uma visão mais colorida. Eu lembro até que quando a gente estava, não sei mais qual foi a oficina, a oficina de “L”, “L” né? Que eu lembro quando do depoimento de “L”, que quando ela era..., que o que fez ela ter vontade de entrar na oficina do riso, foi porque quando ela era criança, ela tinha tido uma doença que ela precisou ficar muito tempo em um hospital, e que as melhores lembranças que ela tem do hospital naquela época era de palhaços que iam lá brincar com ela. Que ela teve que passar, ela tinha que ficar aniversário, natal no hospital e era muito triste para ela, então as lembranças boas que ela tinha era dos palhaços que iam lá brincar com ela. E eu acho que é isso que a gente consegue levar para essas crianças do hospital. (P2, § 261).

As crianças são estimuladas a saírem da rotina da hospitalização e a fazerem o que gostam. A visita do Palhaço Cuidador é opcional, ou seja, a criança tem o direito de escolha se será visitada ou não.

5.3 ADULTO DOENTE? E ESSE VAI BRINCAR?

Para o adulto a escuta do palhaço e a presença alegre faz a diferença. Apesar de uma crença inicial de que não haverá uma entrega ao lúdico e a brincadeira, mas somos surpreendidos com a entrega que é feita ao mundo mágico do palhaço.

Outra questão também, aí pronto esses dois cenários que eu posso falar com mais propriedade porque eu passei um tempo considerável lá. Mas tem cenários esporádicos que eu fui uma vez, por exemplo no HU, eu fui uma vez. É, eu não gosto muito de hospital, mas eu pude perceber que na ala de adultos é o papel do palhaço é trazer um pouco da alegria, escutar também, assim como na Vila Vicentina. (P11, GF §278).

Tem adultos que a cada semana se mostra de uma maneira diferente e tem uns que, por mais que a gente pense que a figura do palhaço não vá agradar, o adulto não vai cair nessa questão do lúdico, da história, mas a gente se surpreende muito com muitos adultos que a gente encontra lá. De entrar mesmo em nossas brincadeiras, de contar histórias também junto com a gente, de entrar nesse mundo mágico mesmo assim. (P1, GF § 285).

5.4. O PICADEIRO NO MANICÔMIO

As verdades das pessoas em tratamento psiquiátrico são mais passíveis de contestação, pelo preconceito sobre a loucura. O palhaço está disponível a ouvir a pessoa em sofrimento psíquico com menos julgamento e aceitando as suas verdades. O mundo

dos loucos é muito próximo ao mundo dos palhaços, pois a lógica não é o mais importante e não convencional é mais aceito.

Eu acho que é isso o que a gente leva, é eu tento levar quando eu vou para o cenário e que as pessoas, elas têm verdades e que as vezes aquelas verdades não são as mais gostosas de se viver, mas que elas são necessárias. Então está ajudando a elas nesse processo e estar trazendo essas verdades à tona e as vezes servem inicialmente, quando é uma ..., digamos uma longa visita, um longo processo de acompanhamento daqueles pacientes, como é o caso do Juliano e Vila Vicentina, é, inicialmente a gente pode servir só de válvula de escape, porque aquelas pessoas não querem pensar mais em nada, só querem botar aquilo para fora. Então a gente tem, quando a gente vai para lá que a gente chega, a gente só faz receber, a gente querendo ou não, o que elas demanda, é isso de a gente receber. (P12, GF § 267).

Muitos estão com seu lado da alegria, do riso sucumbidos e o palhaço restaura essa energia, o riso, a alegria é um sinal de melhora.

Mas eu acho que esse processo de a gente acolher esse recebimento, vai está ajudando a pessoa, em outras visitas, ou talvez até na mesma visita, isso varia de pessoa para pessoa, de já estar passando a modificar algumas visões dela, como é essa questão da saúde, que ela não atrelada a saúde de ela só está ali naquele momento ruim, de, de ligado a doença, que ela precisa se recuperar justamente essa alegria, que ela pode ter mesmo num momento ruim.

Mesmo que ela esteja naquele processo de doença, ela saber que existem pessoas, não só da saúde, mas de outras pessoas que estão ali para, tipo assim, se preocupar também com o bem-estar dela também. Vai um pouco além do ela imaginava do que talvez ela fosse encontrar por lá. (P12, § 268).

“Das pessoas estarem no Juliano Moreira e tentarem querer gritar assim o que eles estão sentindo e de nenhuma maneira eles conseguirem e quando estão com a gente começar a pular, gritar e berrar”. (P6, GF § 281).

Diante de um modelo ainda manicomial o palhaço vai com sua irreverência e amorosidade demonstrar aos profissionais que o cuidado pode ser diferente. Que pode haver abraço, que as falas que não parece ter sentido, o palhaço tem a capacidade de ouvir; juntar o quebra cabeça e ver realidade no delírio. Ninguém permite que eles gritem, pulem e berrem, pois isso é a manifestação da loucura, mas na presença do palhaço é uma manifestação humana.

5.5 O IDOSO E O PALHAÇO – QUANTA VIDA! QUANTO O QUE FAZER!

O palhaço e o projeto exercem no idoso um papel de possibilitar uma escuta. Essa escuta promove uma valorização em função da visibilidade e importância que é dada a sua história de vida.

Já para os idosos, da Vila Vicentina, já que a experiência que eu tive com idoso foi na vila vicentina, é quer dizer no Padre Zé também

né? Bastante idoso. É a experiência, não é mais aquela, tanto de diversão. É de diversão também, mas eu acho que a do idoso é mais a da escuta, a que alguém escute ele. Se com o idoso você não brincar, não fazer palhaçada, você não fizer nada, você ficar lá sentado de lado dele e escutar as histórias que ele tem, para contar da vida dele, é ótimo. Então eu acho que para o idoso o papel da gente é de alguém que escute, é de alguém que valorize ele, e eu acho que é para o idoso fica, é a questão da valorização da importância dele, que talvez por ele está mais velhinho, por ele está doente, está num lugar que não tem muita gente para conversar com ele, as vezes só outros idosos que também são doentes. Então a gente chegar lá e escutar eles, eles se sentem valorizados, e eu acho que é isso a nossa maior influência para o idoso. Uma palavra é valorização, ele consegue se sentir melhor com isso, porque tem alguém que valoriza as histórias dele e que viaja com ele, as histórias dele, como a gente faz. (P2, GF § 262).

O projeto preenche a lacuna da ausência de familiares e do afeto desses, a sensação de sentir em um depósito de humanos é transformado em um espaço que tem a presença da alegria do palhaço.

Então o palhaço cuidador, eu lembro que eu escutei uma frase, que a gente ficou uns dois domingos sem ir, aí um senhor que está lá, que mora lá, então ele disse assim: “que era importante a gente ir porque as pessoas pensam que um lar de idosos é só um depósito justamente, mas não, aqui também tem alegria, tem palhaço”, ele falou assim. Então é assim essa ques-

tão de escutar, quando você chega lá o idoso quer que você escute ele. Ele começa a falar, e você escuta e conversa com ele, leva o afeto, que muitos não veem a família a muito tempo, que estão abandonados lá e que não tem contato com a família e o palhaço está lá todo fim de semana, como se fosse uma família para ele, quando a gente não vai eles sentem falta, perguntam o que aconteceu, como quando a gente volta, enfim. (P11, GF § 274).

Possibilita que os limites impostos pela idade ou por doenças possam ser suplantados no relacionasse com o palhaço.

É eu acredito que o PalhaSUS, o palhaço cuidador, ele leva para todos os lugares que a ele vai, eu acho, o se importar. O lugar que eu tenho mais propriedade para falar é a Vila. Lá sim eles precisam da escuta, mas tem os que nem precisam da escuta. Ele precisa perceber que alguém está ali para se importar com ele, para se importar com o que ele quer fazer. Tem uns que se você sentar de lado dele para escutar, tem uns que se você tocar na mão dele para andar e você passar a manhã todinha andando, para ele isso foi a melhor coisa que você fez. Então o que eu acredito que o PalhaSUS leva é o se importar, e o se importar é cuidar, daquela pessoa, é trazer uma melhor qualidade de vida até porque tem uns que ninguém se importa ali, os profissionais que estão ali dentro, porque alguns são abandonados, outros nunca recebem visitas. E se recebem, são aquelas pessoas que nunca viram na vida, e normalmente nunca mais vão ver, porque são pessoas que estão ali

de passagem e eles nem vão lembrar que existem. (P10, GF § 295).

Fica a dúvida se realmente há uma importância do trabalho em relação ao idoso, principalmente, quando de uma atuação a outra o idoso vem a falecer, mas ao memorar o passado e refletir os encontros surge uma certeza que a presença do palhaço fez a diferença na vida daquele idoso.

Um exemplo, você está na Vila, você gosta muito de um idoso, você faz tudo que pode por ele, aí tem um domingo que você chega e você recebe a notícia que ele faleceu. E tipo, ele era o idoso que perguntava por você, que cobrava por você, e você fica “Uau, ele não está mais aqui”. Ai mais você volta, na mente e você ver que você fez o máximo que você pode. E que talvez sim, talvez sim fez alguma diferença para ele um dia. E quando ele, o PalhaSUS, ele atua, em cima, pelo menos em mim, eu, ele atua muito na minha mudança de visão. (P10, GF § 297).

Ele pode se sentir importante, pois alguém está ali se importando com ele e disponível para coisas aparentemente simples, mas tão significantes para eles, como ter alguém para falar sua coisa e ter uma pessoa para caminhar, literalmente, juntas por um tempo.

5.6 PROFISSIONAIS E ESTUDANTES – APRENDENDO E ENSINANDO COM OS PALHAÇOS CUIDADORES

Dialeticamente, em função do encontro promovido por essa experiência de extensão, profissionais que já atuam nos diversos cenários, encontram-se com os estudantes que futuramente poderão ocupar esses espaços ou espaços como esses.

Tendo o propósito de repensar práticas e essas mais humanizadas, esse encontro promove estranhamentos de mão dupla. Tanto por parte do Palhaço Cuidador quando se depara com ações e atitudes por parte do profissional questionável, como dos profissionais quando enxergam atitudes, que talvez na “alienação” do processo de trabalho do cotidiano, não parassem para pensar.

Alguns profissionais já reconhecem essa importância e estimulam a presença dos palhaços no serviço, talvez até por reconhecer que na relação com eles algo possa ser transformado. Até porque às vezes eles estão até estressados, mal-humorados. Mas o palhaço brinca com essa situação e, muitas vezes, reverte o clima.

Eu sei que um profissional que valoriza muito o PalhaSUS e que todo sábado é “E”, né? Do Padre Zé. E para “E”, a gente ver como ele valoriza, para ele parece ser muito importante, e eu acredito que realmente seja. E o fato de a gente levar tudo na brincadeira. Quando a gente de palhaço o profissional pode está vindo bem emburrado, de saco cheio, e a gente ao invés de ficar com raiva porque está com raiva, ter dado um fora na gente, a gente pode tirar uma brincadeira do fora dele, e levar o fora dele na brincadeira e as vezes isso até cativa. Às vezes eu digo que eu acho que aprendi com o PalhaSUS, não sei, se eu já era antes assim, quanto mais chata a pessoa vai ser comigo, mais legal eu vou ser com ela. Eu acho que aprendi no PalhaSUS, as vezes a pessoa bem chato assim, as vezes é bem legal, só falta me mata

com o olhar e aí chego perto dou um sorriso e dou um abraço (risos). Acho que isso abre porta, abre portas. (P12, GF § 325).

O funcionário passa a ver o ambiente de trabalho com outros olhos, e acreditamos que até os defeitos que existem no serviço são enfrentados para tentar uma superação.

E isso vai abrindo portas, as vezes aquele funcionário acha aquele dia, aquele trabalho tão pesado, começa a levar as coisas mais na brincadeira, e não prestar atenção só no defeito que tem no serviço e ajudar as outras pessoas a superar os defeitos que existem no serviço e fazer o serviço dele do jeito que dar, procurar resolutividade porque ver que a gente também tá superando dificuldade para tá ali naquele dia. A gente consegue chegar junto mesmo quando a criança estando chorando, auxilia o serviço dele. Então, tem funcionários que acham ruim, que acham que a gente só faz barulho, mas tem profissional que é cativado pelo PalhaSUS. (P2, GF § 327).

O fato de estar de palhaço também colabora uma maior aproximação com o profissional, e essa possibilita vínculos até em outros momentos quando não estamos de palhaço.

É e depois quando encontra com os estudantes que reconhece que o cara é Palhaço durante a semana, reconhece que o cara está lá, a relação já fica melhor, já fica mais fácil também, as vezes eu na minha rotina de estudo, eu vendo meu paciente, eu dificilmente iria para aquele profissional que já trabalhava lá a muito tempo e aí: “oi como você vai, tal?” E pergunta por

mais alguém e tal e tal. Mas a partir do momento que ele me reconheceu como palhaço tal, a relação já ficou diferente, a pessoa já chega, eu passo por aquele profissional, aperto a mão dele, já sei o nome dele, a gente já se conhece, a gente conversa e tal, muda né? Muda. Muda o modo, o ambiente, muda tudo. (P1, GF § 328).

Os próprios profissionais a partir de uma ambiência e uma relação mais aproximada com esse arquétipo que pode escutar, abrem-se no sentido de falar das suas dificuldades. Alguns que têm uma postura mais rígida, com o passar do tempo vão quebrando mais a rigidez e agem de forma mais descontraída e até a brincadeira vem da iniciativa do profissional.

Eu creio, com certeza como eu falei antes sobre a transformação do ambiente, com certeza até os profissionais mesmos tem a possibilidade de desabafar mais, algumas coisas que estão sentindo, as dificuldades que eles estão enfrentando, compartilhar com a gente e a partir do momento que ele compartilha com a gente, que ele compartilha ele demonstra ser uma pessoa melhor, né? Como foi dito as vezes pessoas que são extremamente rígidas no começo, no final, com algumas atuações depois são pessoas que vem atrás da gente, para ficar querendo brincar mais ainda. É e a gente dá apelido como a gente chamava algumas pessoas, no Padre Zé a gente chamava Professor Girafáles, ele vivia bem sério e depois ele vivia atrás da gente, ele vivia aplicando injeção e vivia querendo brincar com a gente, dizendo que queria aplicar injeção na gente também e tal. (P6, GF § 331).

Aos poucos, essa interação vai permitindo uma circularização nas relações entre palhaços, profissionais, acompanhantes e pacientes.

Nesse sentido querendo transformar a maneira que a pessoa está, mas é bem isso. Eu acho que modifica tanto...até as conversas mesmo, chega lá no São Vicente agora um monte de mulher grávida, aí eu “menino a cegonha bateu aqui e ficou, vocês vão tudo tirar licença, um monte de enfermeira embora e vão ficar só os pacientes”. E elas gostando de estar conversando de outras coisas, né? Para um minutinho daquilo aí, daquele ambiente de trabalho, e eu vejo que é bem isso mesmo. De está vendo essa junção as vezes dos profissionais com os acompanhantes e com os usuários mesmo dos serviços, fazendo com que o processo seja mais leve. (P6, GF §334).

O profissional mais invisível dos espaços de trabalho, que são os funcionários da limpeza, passam a serem vistos pelos palhaços e isso é transformador na inserção desses no conjunto da equipe.

É e como **(P1)** falou e como eu me lembrei, um profissional que fica sempre bem perto de mim, que eu observo nos hospitais são as pessoas da limpeza, é que muitas vezes são quase aquelas pessoas mais excluídas que de fato, convivi com o lixo do hospital, estão ali naquele processo, e eu acho que nesta estadia lá minimiza muito esse processo, está conversando muito com eles, está dando muito valor a eles, maior que eles vão passando e que as vezes nem são notados assim. Em muitos lugares que estão só retirando a sujeira do hospital. (P6, GF § 335).

É... eu também dou destaque o pessoal da limpeza. Eu assim como estudante vi os profissionais ali no atual sétimo andar, que quando eu ia de palhaços eles são outras pessoas tão divertidas, enfermeiro que tiram brincadeiras, pessoal de limpeza, eles que deviam ser o PalhaSUS, do modo que eles se comportam com a gente, né? Que no ambiente de trabalho ele tem que está com aquela seriedade e quando ele encontra o palhaço, ele já é outra pessoa, e divertem. (P5, GF § 336).

Em alguns lugares existem uma resistência maior na interação. O que se observa é que isso está mais presente onde o trabalho é mais estressante e desgastante, como no manicômio, ou em função de sobrecarga de jornada de trabalho ou problemas familiares que os profissionais estão passando. Quando o palhaço faz a aproximação com estes, também se torna uma relação de cuidado, pois o palhaço fica disponível a compreender a realidade e não julgar tanto os deslizes como se fosse uma questão de maldade ou mau-caratismo.

E lá no Juliano, acho que também é uma construção, assim como é com os pacientes é também para os profissionais. É uma construção, porque a primeira vez que eu fui ao Juliano, antes, digamos de estar fixo lá, eu já notava isso, tem, tem profissional lá que ele não gosta. Ele fica calado, ele fica com a cara fechada, mesmo na dele, e as vezes a gente está brincando com o paciente, “e aí fulaninho não sei o que”, e aí pede para tirar uma brincadeira com profissional e aí ele fica sério mesmo. É, e as vezes eles riem, mas é engraçado, é tipo, a gente está conversando, ai de repente algum indivíduo grita e sai correndo, e aí

alguém se assusta, aí eles começam a ri, rindo da desgraça da gente mesmo. Tem um, tem um pouco disso, mas eu falo que é uma construção porque eu já pude perceber ao longo do período que eu estive por lá fixo, que muitos estão mudando essa visão. Então já chegam e já dão uma boa tarde, já rirem, as vezes quando algum paciente quer chegar mais próximo da gente, e tipo assim, sabe que aquele paciente passou uma semana mais alterado, eles chegam mais perto da gente, tendo um cuidado a mais ali, já fica com o olho em cima. (P12, GF § 339).

O palhaço, muitas vezes, faz o profissional ser enxergado, quando tenta compreender o que está passando com ele, e sem julgá-lo procura dialogar. Da mesma forma quando deixa de tratá-lo como uma função ou um profissional e o chama pelo nome.

E se você conversar com eles, e principalmente com esses mais chatos, geralmente eu acho que é muito do cansaço, do supersaturado de..., eu acho que palhaço tem que ser terapeuta também para ele, para esses profissionais, é terapêutico para o paciente, é terapêutico para ele também, e pode ser para o profissional. Eu chegava perto dela e ela começava a me contar, e eu sabia que ela não tinha mais ninguém para contar. Ela estava ali todo dia, e ela não conversava com mais ninguém. Para mim ela começou a contar isso, e eu senti que sempre que eu chegava naquela área que é mais restrita, ela era mais desarmada, comigo ela era bem mais desarmada. Sorria conversava, e dizia: “tudo bom?” “É porque vocês não vieram?” (P9, GF § 343).

Uma outra coisa do lado profissional, que é bem rico, que as vezes umas colegas minhas olhavam o nome que tinha o profissional no jaleco delas, chamava a pessoa pelo nome dela. E muitas vezes a sobrecarga vem disso, não conhece mais aquela pessoa pelo nome dela. É: “Doutora por favor venha aqui”, “Doutora por favor venha aqui”, “por favor doutora vem aqui, - doutora vem aqui. (P6, GF § 350).

Esse vínculo com o trabalhador vai ampliando com o tempo que ele próprio vai reconhecendo o nosso papel e passa a requisitar o trabalho do palhaço inclusive indicando situações e pessoas que estão precisando da visita do palhaço.

É, eu acredito que o PalhaSUS consegue de fato sensibilizar o profissional né? Para uma outra forma de cuidado, que é esse cuidado que o palhaço cuidador trás. Porque depois de um tempo de atuação em alguns lugares, por exemplo no Vila, no HU, aí a equipe falava com a gente, quando a gente estava chegando: “olha vai no quarto da pessoa, tal pessoa, que ele está precisando”, né? Então essa compreensão, sensibilizar o trabalhador para essa compreensão de que, é... a arte que o PalhaSUS traz, a alegria, a escuta são também é uma forma de cuidado e é terapêutica também. (P4, GF § 352).

Transforma também o futuro dos profissionais do local de atuação. O palhaço ao demonstrar que se importa com as pessoas faz com que os profissionais também se importem, e o estudante levará essa diferença de atuar para sua vida profissional.

E o PalhaSUS ele atua assim também acredito que agem em algo no futuro daquelas pessoas ou novas pessoas que vão para aquela instituição. Por que? Porque eles agem em nós estudantes, futuros profissionais. É, primeiro por que? Porque ele faz com que a gente se importe, e esse se importar é que você vai fazer o melhor do que você pode. Só que você percebe que o melhor que você pode fazer, não vai salvar aquela pessoa. (P10, GF § 296).

Então eu acho que o PalhaSUS também trabalha a longo prazo, aquela questão de formar profissionais diferentes que amanhã pode e vão estar naquelas instituições, naquela comunidade que está e sim fazer a diferença, ser o diferencial. (P10, GF § 299).

O ambiente de hospital e o regime de trabalho em plantões são muito desgastantes para o trabalhador; nesse contexto o palhaço chega para uma conversa, uma brincadeira, até mesmo diante da realização de um procedimento mais tenso e isso é visto positivamente e é acolhido pelos trabalhadores.

Mas eu acho que nos que se deixam influenciar, o resultado é muito bom, porque os trabalhos dos profissionais são muito pesados, no final de semana de plantão, quando passa de plantão assim. Deve ser horrível a pessoa ficar o final de semana no hospital, né? É horrível. E (risos) eu acho que a gente do mesmo jeito que a gente leva para criança essa leveza, essa alegria, a gente leva para eles também, para facilitar, e as vezes até a gente facilita o trabalho dele. Alguns pensam que a gente só faz bagunça, mas

outros acham que a gente ajuda. As vezes eles estão tentando fazer um procedimento em uma criança, e que não está conseguindo, e até num adulto, e quando a gente chega e conversa, eles conseguem, ou até eles param para brincar com a gente. (P2, GF § 324).

Alguns profissionais até mudam suas escalas para trabalharem em dias que tem palhaços atuando. Os profissionais, às vezes, estão sem cabeça para cuidar do outro em seus plantões, pois estão com situações pessoais familiares muito difíceis e o palhaço presta-se para realizar uma escuta que promove alívio nesse profissional.

Relato também verídico (risos), é relato verídico de pessoas que, enfermeira e tal que chegaram a mudar o dia de plantão para poder ficar o dia no sábado de plantão lá, né? Para poder ficar com a gente quando a gente passa lá. Então assim, coisas desse tipo também acontece, e aí vale para todos médicos, enfermeiros, para o pessoal da limpeza que a gente sempre faz aquela, aquele, a gente vai de quarto em quarto e eles vão atrás limpando. Sempre quando a gente está no quarto lá, e a gente demora um pouquinho eles chegam em nosso quarto e aí a gente interage, eles também por estarem sempre limpando os quartos dos pacientes, eles sempre interagem muito com a gente, então...é, e como todo mundo né? Com os recepcionistas, tal, é para todo mundo. É uma presença muito importante, uma coisa muito boa para eles e construtiva, tanto na pediatria, como na clínica médica, todo canto. (P1, GF § 329).

E uma vez, eu não sei se lembro o nome dela, pelo menos quando eu vou lá ela não está, uma enfermeira que falou que a gente que faz a diferença, que a gente para eles...que anima não só eles, mas que anima os profissionais também, que se diverte com a gente, que é meio que um modo, que os poucos já disseram, de amenizar todo trabalho, pessoas que tem estão ali de plantão. Então eu acho que também, a gente influencia bastante, não vou dizer que influencia para aqueles que são pessoas mal-amadas, mas se a pessoa não dá um bom dia é porque a coisa é séria. (P5, GF § 337).

E ela disse que ela tinha que, se é que eu não me engano, ela tinha que dá plantão lá um dia, e passava um ou era dois dias em casa. Só que ela tinha uma filha doente, ela tinha um marido doente, então ela tinha que sustentar duas filhas e um marido, uma filha mais velha doente, tinha o marido doente, então ela tinha que sustentar duas filhas e um marido, ela não tinha, não tinha...e ela não parava, sempre ela lá no plantão. E aí eu comecei a conversar com ela, e aí eu senti que a partir daquele momento ela desarmou. E aí ela começou a contar, a contar das dificuldades, de que algumas noites eram supercomplicadas para eles, entendeu? E aí, eu, eu ficava pensando, tipo, justamente aquilo que eu falei no começo, a gente tem que parar e olhar para eles também. O que é que eles passam? Sabe? E eu comecei a criar disso uma prática. Eu sempre que eu chegava lá, tinha uma menina que eu era muito apegada a ela, sempre estava com ela, mas eu sempre procurava conversar com os profissionais. (P9, GF § 342).

No Complexo Psiquiátrico Juliano Moreira, as relações são mais conflituosas, pois os estresses são maiores, e lidar com o paciente em sofrimento mental deve acarretar situações de espelho, e medo. Mas em alguns momentos de tanto observar e até ver situações que há certa ameaça o palhaço, os profissionais até menos empáticos conseguem exercer um papel de cuidado para com o palhaço de proteção. Já de outras vezes se divertem pelo fato do palhaço estar na fogueira.

E eu acho que o pessoal do Juliano, alguns são realmente mais armados, assim como tem no Padre Zé tem uma galera de enfermagem que não quer interagir com a gente mesmo, que adora pegar o paciente na hora que eu estou atuando, eu estou conversando com o paciente aí ele vai furar o menino. É sempre acontece isso e aí a gente como palhaço tem a liberdade de perguntar “dá para ser depois? Está tranquilo? Pode ser outra hora?” Ai ele: “não, não pode”, então beleza eu vou ficar aqui mesmo, e aí a gente vai se encaixando mais fácil, e eu sendo legal, as vezes respeitando, e as vezes impondo também que aquele paciente estava progredindo comigo. “Que eu tava num momento de cuidado legal”. (P13, § 346).

E os profissionais depois daquilo, eu lembro como... que era na ala mais restrita feminina que é só um corredor, e eu lembro o quanto as profissionais, a moça que me “enforcou”, ficou no corredor, na entrada, tem uma entradinha e ela ficou em pé, o corredor inteiro e ela ficou ali, toda as vezes que eu passava ela ficou ali, “vai passar de novo?” E eu vou o quanto as meninas ficaram muito atentas a

isso. Então o cuidado que eles têm com a gente, e foi uma coisa que não acontece a toda hora. Assim a gente não espera, que acontece o tempo inteiro. Mas como eles tiveram cuidado e quando a gente saiu, eles “foi tudo tranquilo? Foi tudo bem?” “Tudo bem, tudo bem”. Então e sai e eu acho que explica o quanto o Juliano é estigmatizado não só pelos internos, mas pelos profissionais que trabalham ali. (P13, § 348).

O Palhaço vai permitindo aflorar no extensionista ferramentas para lidar com essas relações conflituosas no trabalho, onde, como dito por alguns, “os mal-amados” acabam nessa relação de receber afeto e abraços por parte do palhaço a mudarem seu comportamento e tornando-se mais receptivo ao encontro, já demonstrando um riso, um gesto de cordialidade.

Tem uma funcionária lá na pediatria, que ela é tão difícil e as meninas mangam de mim, porque todo dia quando eu chegava aí eu dizia Dona “R” quem são os médicos que estão aqui hoje, e aí ela dizia, “quando tirar a cadeira do consultório, coloque a cadeira de volta no consultório, não sei o que, não sei o que, não sei o que”, me dava a maior bronca, antes de eu fazer nada com ela. Aí eu comecei a tratar “Boaaa taaarde Dona “R” !!!” Aí eu disse as meninas, “um dia eu vou chegar e eu vou dar um abraço nela”. E isso eu não estava vestido de palhaço, mas isso é uma coisa que a gente faz quando está vestido de palhaço, mas eu acho que eu aprendi um pouco, eu acho que eu não era assim muito antes, não (risos). (P2, § 326).

E isso vai abrindo portas, as vezes aquele funcionário acha aquele dia, aquele trabalho tão pesado,

começa a levar as coisas mais na brincadeira, e não prestar atenção só no defeito que tem no serviço e ajudar as outras pessoas a superar os defeitos que existem no serviço e fazer o serviço dele do jeito que dar, procurar resolutividade porque ver que a gente também tá superando dificuldade para tá ali naquele dia. A gente consegue chegar junto mesmo quando a criança estando chorando, auxilia o serviço dele. Então, tem funcionários que acham ruim, que acham que a gente só faz barulho, mas tem profissional que é cativado pelo PalhaSUS. - Como está a relação com “Dona R” hoje? (alguém pergunta) – “Dona R” me abraça (risos). Quando eu chego. “Dona R” e dou um abraço e ela me abraça também. Ela já sabe que eu sempre coloco as cadeiras de volta no consultório (risos) acho que talvez por isso. (P2, § 327).

5.7. A PALHAÇARIA CABE EM QUALQUER LUGAR

O PalhaSUS quando atua em eventos e atuam em outros espaços que não os cenários, divulga as suas ações e maneira de atuar e desperta interesse na perspectiva de que outras iniciativas como a do projeto possa ser experimentada em outros lugares e realidades. O projeto vai apresentar conhecimentos, valores e visão de mundo, às vezes, diferente das pessoas onde atuamos. É necessário que o projeto esteja sempre refletindo como promover esse diálogo, pois isso implica em um processo de construção e desconstrução de paradigmas.

E a outra experiência que eu tive, assim fora dos campos de atuações que eram direto, foi quando a gente foi para o congresso de DST-AIDS, né? Que foi em São Paulo, que foi eu, “J” e “M”, então a gente, eu ainda me lembro do que ficou do PalhaSUS

para aquelas pessoas, que tinha gente do Brasil todo, principalmente na Tenda Paulo Freire, mas à tenda visita o congresso e inteiro quando começa. E a gente conheceu muita gente naquela época, pois eu acho que para outras pessoas é ..., as atuações do PalhaSUS servem como exemplo. Naquela época muita gente vinha conversar com a gente e perguntar se era muito difícil, como era que a gente organizava, como era o projeto, como era que a gente atuava. (P2, § 263).

[...] eu me lembro bem que em um encontro que a gente foi da rede escola, o que a mulher falou foi isso para a gente: “você trazem revolução para os lugares”; “você fazem uma militância assim, mesmo que alguém não se denomine militante, tal, mas você trazem essa militância de está transformando os espaços, de estar fazendo com que os espaços, até fazer com que eles repensem a maneira como que eles estão cuidando, nesse cuidado”. Acho que para mim a importância se resumem as essas duas palavras por esses motivos. (P6, GF § 282).

O Palhaço Cuidador em sua presença, disponível no aqui agora, aproxima-se das pessoas em encontros, cabíveis em diversos cenários. Ele é um atrativo para o encontro, em sua bagagem, carrega certezas e dúvidas, disposto ao entendimento com o outro, ou simplesmente compreender ou ser compreendido pelo outro.

CAPÍTULO 6

ANTES QUE A LONA FURE OU QUE O CIRCO PEGUE FOGO

Ao sistematizar a experiência do PalhaSUS que possibilita um olhar crítico e contínuo ao longo da linha do tempo, observo que o projeto passa por um movimento cíclico como o movimento das marés. Períodos de maior e de menor intensidade em suas ações, realizações, participações, crises, avanços e retrocessos. Mas, um fato que me marcou nessa observação, ao realizar a pesquisa documental nos registros do projeto é que, muitas vezes, as histórias, ou pelo menos, os tópicos dos assuntos estão reaparecendo de forma recorrente. Alguns temas e situações recorrem de uma maneira em que se observam mudanças, evolução, outras parecem estagnadas, ou até mesmo, ressurgem como se fossem inéditas, como se nunca tivéssemos nos debruçado sobre elas. O projeto tem um bom sistema de registro que, ao longo do tempo, vem se aperfeiçoando. Todas as reuniões são registradas, algumas com melhor qualidade outra com menos.

Seria importante, talvez, que a cada ciclo que o projeto se reinicia que os integrantes promovessem uma espécie de revisão do passado. Claro que ideias antigas podem ser operacionalizadas para situações antigas e novas, mas ter claro o que já aconteceu, o que não aconteceu e refletir o porquê uma coisa ou outra, é de fundamental importância.

Esse produto da sistematização do PalhaSUS também cumpre esse papel. Um projeto de extensão universitária cujos protagonistas principais são os estudantes, sempre contará com

a renovação de participantes, a história nunca será a mesma, mas as situações poderão ser consideradas assemelhadas de uma realidade para outra. A paciência com uma evolução mais cíclica de idas e vindas, inclusive, por essa renovação inerente à extensão universitária é necessária, e vejo como um processo por si só de aprendizagem. A aprendizagem no fazer. Às vezes, não é suficiente que eu saiba que alguém já fez de uma forma e experimentar essa forma de fazer, sendo mais importante o meu “quebrar cabeça” e fazer do jeito que naquele momento eu consigo enxergar e fazer mesmo que recorra na falha, e até na falha já vivida. Porém, o trabalho sistematizado é fonte de pesquisa para se pensar de onde eu começo ou recomeço minhas ações.

A partir dessa análise feita a partir da pesquisa documental, fiz uma análise de um questionamento proposto no grupo focal, de uma pergunta que não estava prevista no roteiro original, mas que em função de que na maioria dos diálogos ocorrido mediante o roteiro de questão não apareceram fortes críticas ao projeto, ou avaliações negativas de nossa ação enquanto Palhaço Cuidador, que foi? Quais são as contradições que o projeto vive? As contradições que o projeto vive ou viveu nas suas diversas fases?

Fazendo a análise desse momento de diálogo e debate do grupo focal, faço a apresentação mediante as seguintes categorias temáticas: o acesso ao projeto; maneiras de atuar no projeto; e, crescimento do projeto.

6.1 QUEM FAZ PARTE DO CIRCO

O processo seletivo atual teria uma complexidade maior, uma exigência maior, e que depois as pessoas não se mantêm no projeto.

Então assim é isso que eu acho contraditório. Porque assim, justamente nas outras seleções não havia toda essa preparação para os palhaços cuidadores, mas aqueles que se formavam palhaços tinham um compromisso com o projeto maior, tinha uma vontade de ficar no projeto maior e não a obrigação. E de agora não, os de agora é um processo de seleção muito maior, muito mais complexo, muito mais extenso, mas que ao meu ver não consegue sustentar as pessoas, não é. Acabam sustentando essas que a gente obriga, que tenha o certificado e que ainda se elas ficam com a obrigação de depois pegar certificado, partir, né?. Então são esse tipo de nuance que eu quis colocar aqui como contradição. Mas é claro que esse é assunto que é para a gente discutir, eu graças Deus estou no PalhaSUS ainda e a gente ainda vai ter muitas reuniões para discutir tal, tal, tal e vamos trabalhar para melhorar isso, com certeza. (P1, GF § 439).

É contradição que eu consegui encontrar do projeto foi que tem muita gente, não só eu, que já saiu do projeto, que está distante do PalhaSUS, mas que queria voltar, que sente falta, mas não consegue, não dá. (P8, GF § 448).

O processo seletivo teve diversas fases e formas de ser realizado; observou-se que mais recentemente o processo tem se tornado mais complexo, e mais demorado e que traz consequências preocupantes, pois viria desestimulando a participação, burocratizando o processo de escolha; O processo seletivo para oficina, mais demorado e com muitas atividades estaria desestimulando e diminuindo a sede, o desejo de participação, ao

concluir o processo é como se os participantes já não estivessem tão estimulados.

Então, ou seja, a gente está fazendo um processo de seleção tão complexo, tão extenso, para formar aqueles palhaços que não estão ficando nem um ano. Então a gente está usando disso, do certificado, por causa do certificado: “você não vai ganhar o seu certificado”, para fazer o pessoal ficar até o ano que vem pelo menos, porque o ano que vem a gente faz uma outra seleção, e porque aí o ano que vem vai ser a mesma coisa, vão entrar novos palhaços e a gente vai ter que sustentar de novo os novos palhaços pensando na oficina do outro ano. É o grupo não consegue respirar, os palhaços que vão se formando se vão. (P1, GF § 390).

Espero que não esteja me estendendo com relação a isso. Por exemplo, eu vou falar da medicina que é o meu curso, não é querendo vender meu peixe, mas realmente é que eu só posso falar sobre a carga horária do meu curso. Então se uma pessoa da medicina hoje quiser entrar no PalhaSUS hoje, se eu hoje quisesse entrar no PalhaSUS, eu digo com toda certeza eu não conseguiria. Porque para ficar na medicina até mesmo nos primeiros períodos, ter a sexta disponível para a reunião do colegiado gestor, ter um turno a noite para o curso de autocuidado, ter isso, ter aquilo e ter o fim de semana para colaboração, para ficar como colaborador, tantos meses e tal, é para a gente as vezes é complicado. Então acaba muitas vezes excluindo um pouco as pessoas por esse tipo de seleção, então são coisa contra-

ditória que as vezes eu observo do projeto, mas são passíveis de ser melhoradas, mas são passíveis de mudar também, é basicamente isso. (P1, GF § 392).

Esse negócio de...da diferença da seleção, né? Eu participei da segunda ou da terceira, da terceira oficina, não sei, -da terceira oficina (alguém afirma), que era seminário e entrevista e atuação para quem passou. Eu conversando um dia desse eu não sei, eu não lembro com quem foi, eu conversando com algumas pessoas do PalhaSUS: “Ah! Porque eles têm muitas faltas, aí ele vem e faltam” e algumas pessoas ainda tem a capacidade de me reconhecer. Ai: “por que tu eras do PalhaSUS? ” “É PalhaSUS”. E agora está muito diferente, porque existe discussão dos textos, porque me lembro que na primeira reunião tem as discussões dos textos. É falou que tinham pessoas agora que nem atuavam, que também... eu não me estendi muito na conversa. Mas eu comecei a perceber na conversa com as pessoas, a diferença mesmo, do quanto a gente chegava cheio de energia enlouquecido, querendo brincar, brincar e fazendo realmente com essa visão, com realmente eu vou fazer por amor, porque eu gosto, contando com o certificado ou não contando com o certificado, e a diferença de você entrar num processo extenso de seleção que cobra muitos horários, que a vida acadêmica realmente não te dá espaço para isso, independentemente de ser um acadêmico de medicina, de TO, do que for, você não tem esse espaço, você precisa estudar, algumas pessoas precisam trabalhar também e você não tem isso. (P13, GF § 393).

Segundo alguns, quando a seleção se dava próximo à oficina, logo depois as pessoas estavam muito aquecidas de atuarem tendo gente com disponibilidade de se dedicar até mais de um turno e um cenário de atuação; nas primeiras oficinas, os egressos conseguiam ter um tempo maior de dedicação ao projeto, atuando alguns anos e um número expressivo, hoje são poucos que atuam por mais tempo.

É e se você pega por exemplo o pessoal da segunda oficina, os que ficaram realmente efetivos ficaram uns dois, três anos. Terceira oficina a mesma coisa, dois, três anos, quarta oficina idem. Só se você pega, por exemplo o pessoal da quinta, que foi para mim o mais gritante realmente. Eu também vi relato de pessoas verídico de pessoas chegando para mim e perguntando o seguinte: “me diz uma coisa se eu juntar a carga horária que eu fiquei como colaborador e aí eu preciso atua mais quanto tempo para eu fechar um certificado? Porque eu quero fechar esse certificado e ir embora”. Então ou seja é... nessa oficina de agora a gente já teve uma pessoa que saiu, salvo engano, por motivos dele, não vou questionar os motivos dele. Mas, ou seja, aquela outra fala que você falou também, que de certa forma as pessoas para entrarem no PalhaSUS elas têm que estar ciente disso, tal, tal, tal, e entrarem de certa forma nesse estilo. Tudo bem eu concordo com isso, mas porque o que eu não entendo é isso, como é que a pessoa passa um ano inteiro no processo de seleção que a gente faz, que está fazendo atualmente melhor dizendo, e ainda assim quando sai disso, é... ou seja se ela teve o ano inteiro para conhecer o PalhaSUS como colaborador para entender essa questão de ir atuar pela vontade de ir, de

estar nas reuniões do colegiado gestor, de discutir assuntos de humanização, assunto disso e daquilo, se ela está nos EDPC aprendendo tudo, se ela participou da oficina, fez toda aquela questão daquele vínculo tal, tal, tal, se ela teve tudo isso para se engajar em favor no projeto. Porque meses depois da oficina ela sai? Por que ela fica tão preocupada de fechar o certificado sair e não conseguiu se manter por um ano? (P1, GF § 438).

O palhaço dela.... “B” falou, essa questão de paradigma, de pensar tanto, porque quando a gente vê aquela propaganda do projeto eu queria tanto ser palhaço, e aí essa galera que está entrando agora ela chegar e ficavam seis meses só lendo texto, lendo texto, é uma coisa que elas já fazem na vida, no curso em si, ler texto, ler texto. E o que ela estava ali buscando, tipo demorou tanto chegar, que quando chega é como se a sede tivesse diminuído, “Ah! Tá então agora era só isso”. É como se fosse aquela coisa, acalma os ânimos durante muito tempo e eu acho que a coisa era legal que a gente chegava, a gente queria tanto. Eu lembro que em minha oficina as pessoas queriam ficar em dois cenários de atuação: “posso ficar no sábado no São Vicente e no domingo na Vila Vicentina” aí eu ficava: “caramba, dois dias”, era uma coisa bem assim (várias falas). Era uma sede, talvez seja uma ideia boa do equilibrado. Não esperar a sede diminuir, entendeu? Deixar as pessoas viverem aquele momento. E sobre esse momento eu acho de muita nostalgia, lembrança e de muita saudade, sabe? (P9, GF § 447).

As diferenças de acesso às oficinas, as que passaram ter um período prévio de atuação, com estudos, leitura de textos, etc., viriam sufocando o extensionista que já é muito exigido pelas atividades da graduação.

6.2 QUE PALHAÇO CUIDADOR SOU EU, E O QUE O PROJETO QUER DE MIM? – VOLUNTÁRIO POR AMOR; VOLUNTÁRIO POR CERTIFICADO; OU, BOLSISTA

Projeto de extensão com suas obrigаторiedades ou ações com mais flexibilidade aos participantes com menos exigência. Os participantes passam a dar um peso maior a certificação de participação do que propriamente o desenvolvimento das ações.

É eu acho que uma dificuldade que eu tive aqui, que é bem contradição é ter o PalhaSUS como projeto de extensão. Então, tem uma coisa que era para ser, quando você quisesse, e quem quisesse, na hora que quisesse, e ao mesmo tempo você ter a responsabilidade de ter sempre. Não dá para você fazer de qualquer forma, você tem que fazer direito. E aí a partir do momento que a gente regulamenta o PalhaSUS como projeto de extensão, POBREX, FLUJEX, sei lá, eu não entendo dessas coisas, mas a gente tem que ter certificado, e aí o pessoal tem que cumprir carga horária. E aí tem gente que fica pensando “quantas faltas eu tenho?”, “será que eu vou conseguir o certificado? ”, ou “eu posso faltar esse final de semana, porque eu já fui vários finais de semana, e eu não vai ter problema no meu certificado”. “Quantas reuniões de desenvolvimento do palhaço cuidador eu posso faltar?” (P2, GF § 369).

Mas as vezes o certificado pesava muito e o projeto pesava pouco. E essa contradição para gente ficava muito esquisita. Do que era para você fazer à vontade, terminava que algumas pessoas acabavam fazendo por obrigação e algumas pessoas não faziam e ganhavam e iam ganhar o certificado. Então eu não vou dizer quem não vai se vai ganhar o certificado se você não tiver a presença. Aí você tem que ganhar a presença de uma manhã de PalhaSUS aí era muito chato, mas enfim. (P2, GF § 370).

As decisões que foram determinadas pelo grupo, mediante o que a coordenação foi apresentando de possibilidades, levaram a mudanças, tais como se oficializar como projeto e, isso, traz riscos e benefícios. Fica a questão do certificado como algo almejado e a atuação mais pelo sentido de ação amorosa. A contradição de atuar como voluntário independente do certificado, ou o certificado ser uma consequência era algo que poderia relativizar essa situação.

Eu acho que, trazendo um pouco dessa lógica das meninas também, é uma contradição, mas que pode se falar que foi pensada. O grupo escolheu, não foi Aldenildo que escolheu, virar extensão. E acho que essa regulamentação exigiu...foi um custo benefício de certa forma. Mas acho para quem está agora, não é tanto diferente, é mais diferente, porque quando a gente entrou, entrou com esse pensamento: “é um projeto que vou fazer por amor, sem...”. É tanto assim que eu também tinha esse pensamento, de não contar faltas inclusive acha que o PalhaSUS não ia servir nada para mim, assim de ser de muita coisa para mim, a não ser para os cré-

ditos flexíveis que a gente utiliza para extensão, não vai servir, porque eu não consigo cumprir a carga horária que se exige para dar conta da graduação do meu curso, fico tranquilo em relação a isso. (P3, GF §379).

Algumas reflexões trouxeram a contradição de que o projeto se apresenta como um espaço de diminuir tensões, estresse, mas na prática ser mais um espaço de fortes cobranças. Que os projetos de extensão popular (dos que os extensionistas conhecem) e seus coordenadores fazem críticas à pressão de compromisso e carga horária que o estudante é submetido, mas acabam reproduzindo e o PalhaSUS em alguns momentos não tem sido diferente.

Então eu acho, que essa relação... e tem uma contradição, uma contradição não só do PalhaSUS, mas de toda extensão popular que eu vejo na UFPB, tipo, são os primeiros professores que vejo falar que: “as cargas horárias do curso de saúde são muito pesada”, mas são os mesmos professores que sugam os únicos tempos que resta dos alunos na extensão. É muito contraditório, isso não é só no PalhaSUS, muito mesmo. Tipo dos projetos do NEPOPS inclusive, todos na verdade, pelo que... todos não, porque eu não conheço todos, mas boa parte, né? E aí, é uma contradição, não é? Porque: “eu luto tanto para diminuir a minha carga horária, mas eu exijo tanto dele”. (P3, GF § 381).

A exigência elevada de participação, às vezes, dificulta a permanência de extensionistas acarretando desistências, existe a dificuldade de formar palhaços e depois não se consegue mantê-los no grupo. E como estratégia de solucionar tem tido

uma preocupação com a sustentação dos participantes mediante a cobrança da frequência.

Assim, a primeira contradição que eu vejo no PalhaSUS é quanto a respeito da atuação voluntária. Porque assim, o PalhaSUS ele como projeto de extensão ele existe praticamente desde do seu início. Porque o primeiro ano 2010 foi um ano realmente experimental, foi o ano da primeira oficina, mas desde de 2011 com a segunda oficina que foi quando ele virou realmente um projeto de extensão e foi quando o grupo realmente se definiu. Então, ou seja, a gente também não pode dizer, que essa coisa, os certificados, é coisa de agora. (P1, GF § 383).

Então é meio que uma contradição. Porque assim é difícil formar palhaços, dos que se formam muitos se vão, é muito difícil sustentar o grupo, é aqueles que querem estar no HU, aqueles que querem, não perdão, aqueles que querem atuar, que querem estar como voluntários as vezes por uma questão dessa de não poder está na sexta feira por exemplo no colegiado gestor exclui essa pessoa disso, não dá a pessoa esse direito de estar lá como voluntário. (P1, GF § 388).

E também assim, estendendo um pouco mais essa questão da presença, não é? É realmente uma coisa que me preocupa muito porque, em uma dessas reuniões de bolsistas que eu estava presente é... o comentário que surgiu é isso assim “a gente tem que sustentar essa questão da

presença, tal, tal, para sustentar esse pessoal de agora, que é o pessoal que saíram da sexta oficina, para sustentar esse pessoal até o ano que vem, porque na oficina do ano que vem a gente renova". (P1, GF § 389).

O compromisso, às vezes, não é garantido pela exigência que se é feita, ao lembrar uma maior flexibilidade do projeto e uma participação satisfatória, e que os integrantes compareciam.

Bom quanto ao debate eu acho que a palavra é compromisso, né? Na minha época não..., mas na terceira oficina a gente só tinha atuações e reuniões, que eram oficinas de artes, de músicas. E eu lembro muito bem, que dava muita gente e a gente só tinha que assinar a lista nas atuações e nas reuniões a gente não assinava, e a gente ficava à vontade e dava muita gente e era. Não sei se houve mudança depois nas outras oficinas, se diminuía, mas claro também chegou a época que davam poucas pessoas, e eu lembro a seguinte quantidade não é qualidade. Então é melhor eu ter dez que tão ali fazendo, do que eu ter cinquenta, dez tomando a frente e quarenta correndo atrás: "estou com fome"; "já deu a hora", porque a gente vivenciava isso. Então eu prefiro dez, só dentro da enfermaria do HU do que cem espalhado em João Pessoa, mas que produto, resultado que é bom não está tendo. (P5, GF § 433).

Atuação como algo amoroso, de fazer por amor em contrapartida de fazer por obrigação.

Mas também até que ponto eu preciso, a gente tem que estar nessa metodologia de fato das

coisas. Eu saí, quando eu saí do PalhaSUS eu estava nessa crise de metodologia, de como a gente sistematizar as coisas, tal e tal, eu não sei bem como está. Mas era difícil para a gente poder sair do lado amoroso, harmônico e começar a perceber que tinha um lado concreto, que é importante também. Mas acho assim, quando tudo evolui mais, como deve estar agora, eu acho que é mais fácil para se inserir do que foi quando era minha fase, que foi uma contradição. “Meu Deus eu preciso, ir por amor, mas eu tenho que pensar nas minhas faltas”. Então é como isso se dá. (P3, GF § 382).

Há uma ressalva se oito horas realmente é uma exigência grande, já que teriam outros projetos que cobram mais; ir por amor, por uma ação amorosa em contraposição a ausências é complicado, pois como ser amoroso ausente. É observado que as pessoas que iam só para os cenários e não participavam das reuniões do projeto quer seja, o colegiado gestor, quer o EDPC, não tinham uma visão mais aprofundada do projeto e de sua ação.

Eu acho que a gente ainda tinha que realmente como Al está fazendo agora, buscar sistematizar essas questões e mesmo que as pessoas estejam assim, ah e também não acho que seja uma carga horária grande, que a gente as vezes cobra no máximo oito horas. Que tem projeto que diz que são oito horas e na prática acaba sendo muita mais do que isso. Né, e eu falo isso como bolsista que tenho muito mais do que oito horas que tenho que cumpro, mas eu acho que é a importância mesmo dessa formação, porque eu sei que é: “ah, eu vou para o hospi-

tal por amor, eu vou para o hospital por amor”, mas se.... eu acabo também: “ah, hoje eu não porque estou altamente cansado”, aí semana que vem “ah, eu não vou não porque não sei o que”, você acaba desejando aquilo assim, eu acho você acaba se desligando daquilo. (P6, GF § 400).

Mas eu rebato uma fala de vocês com relação ao amor e do tempo do projeto. O projeto está querendo crescer, está querendo ter visão, então existem bônus e existem ônus. Eles precisavam da participação das pessoas, essa atitude de querer começar a cobrar a presença começou a surgir a partir do momento em que as pessoas estavam se sentido acostumadas de se sentir, de ir para atuação uma vez por mês, tipo: “hoje me acorde estou disposto a ir e eu preciso ir, então eu vou”, aí passa o próximo final de semana: “a minha avó adoeceu”, no próximo final de semana minha avó adoeceu de novo aí não vou, no próximo final de semana agora foi minha tia. E ficava nessa questão e tava sumindo, então a gente: “não gente, vamos até para gente falar uma linguagem só”. Até porque você pegava uma pessoa que ia todas as vezes para o cenário, falava que o projeto era lindo, falava cada ideologia, cada coisa massa, uau! Batia palma. Você pegava uma pessoa que ia uma vez quando estava disposta: “ah é bonitinho, a gente vai lá, a gente toca eles, a gente” [...] (P12, GF § 405).

Era um discurso totalmente diferente do PalhaSUS e nem parecia do projeto. Por isso que a

gente começou a querer cobrar essa coisa, e eu acho que a crítica era com relação a isso. Porque as vezes fica dizendo que a gente tem muito amor, amor pelo que faz. Mas se a gente tem tanto amor porque a gente não consegue arranjar tempo? Entendeu? (P12, GF § 406).

Alguns acreditam que a questão tem a ver com o perfil de determinadas pessoas, que independente das exigências acabam não tendo essa consciência da participação rotineira.

Eu acho que sou da terceira oficina e eu tenho muitos amigos assim, pessoas que estavam comigo na terceira oficina eu tenho contato com elas até hoje. E quem era da primeira e da segunda oficina eu tenho contato, ficou amigo, até hoje. E essa história de ir por amor, e quem faltava no final de semana porque alguém estava doente, e o seu cachorro quem está doente, não é a pessoa que tem amor e provavelmente essa pessoa não está nem aqui, e nem se você chamar essa pessoa hoje em dia para fazer uma atuação ela vai querer. (P13, GF § 411).

É só com relação..., que eu levantei a mão. Só com relação a pessoas que não amaram o projeto e tal eu concordo com pessoas que inventam desculpas e todo mundo adoeceu no projeto. Mas, e concordo que existem pessoas que vão ainda por amor. Eu quis dizer mais que com relação a você dizer que você vai por amor e com relação a você não está lá presente, infelizmente o projeto é feito por atuações, por mais que você diga “eu amo” mas se você não tiver lá

presente o projeto não vai para a frente, o projeto não vai andar. (P12, GF § 422).

Como o projeto se oficializou como extensão o certificado de participação passou a ser importante. A questão é quando o certificado é a comprovação de algo que é desenvolvido de forma prazerosa, voluntária, e que se tem uma consciência do seu sentido e quando o certificado é uma meta para comprovação de participação de extensão enquanto necessidade curricular.

Então eu lembro que teve uma época que eu fiquei responsável pelas presenças no Padre Zé. Eu achava um saco esse tipo de pergunta “que horas? ”, a gente tinha que entender que tinha muitas pessoas preocupadas com certificados. Nós tínhamos que entender, que é importante né? Qualquer um dos estudantes precisam de certificados para conseguir outras coisas no futuro, e está cumprindo aquela carga horária ele merece certificado. Mas as vezes o certificado pesava muito e o projeto pesava pouco. E essa contradição para gente ficava muito esquisita. Do que era para você fazer à vontade, terminava que algumas pessoas acabavam fazendo por obrigação e algumas pessoas não faziam e ganhavam e iam ganhar o certificado. Então eu não vou dizer quem não vai se vai ganhar o certificado se você não tiver a presença. Aí você tem que ganhar a presença de uma manhã de PalhaSUS aí era muito chato, mas enfim. (P2, GF § 370).

Acho que é uma coisa que as pessoas têm que ir amadurecendo e cada um ir tomando conta de suas responsabilidades, para entender que é

um projeto de extensão, mas também que você tem que ir de boa vontade de participar e quando você tiver vontade de participar. (P2, GF § 371).

De ser projeto de extensão e ser as presenças do Padre Zé eram discutidas as vezes, que eram as intenções do projeto eu acho, eu não sei com o prazer, você vai porque quer, você vai porque acredita que pode mudar a manhã de alguém, que você pode mudar positivamente o dia daquela pessoa, e tinham algumas pessoas que iam mesmo por obrigação, porque tinha que receber certificado, porque você não pode ter falta, porque você tem que assinar o seu nome na fichinha. E isso realmente era uma coisa que pesava, porque sempre existiu isso, de quantas vezes eu posso faltar, quantas vezes eu não posso faltar. E eu levo, eu levei o PalhaSUS como um projeto de extensão, mas eu nunca contei as minhas faltas, e se eu estivesse mal eu não iria, e aí você avisa o seu amigo antes e eu não vou, de verdade não dá para rolar, porque não dá mesmo. (P13, GF § 376).

É importante que os participantes tenham uma reflexão de sua participação, inclusive percebendo os limites de estar bem ou não para atuar e buscar apoio por parte da coordenação para tratar dessa dificuldade.

E eu acho que isso deveria ser bem pensado para as pessoas que fazem parte do projeto, você não está bem no dia, independentemente de você ter cinquenta faltas, ou não, veja porque você faltou também. Se você tem a respon-

sabilidade com o projeto você tem que cumprir aquilo. Mas se você acha que não pode cumprir, senta com Aldenildo, senta com Janine e conversa, porque não adianta levar um projeto como obrigação. (P13, GF § 377).

Existem pessoas mesmo que não tivessem como atingir as metas de atuação para cumprir carga horária, mas atuavam dentro dos princípios e necessidades do projeto. Algumas pessoas que já passaram pelo projeto, formaram-se, e que gostariam de continuaria atuando, mas que diante da realidade das exigências formais acabam não mais participando do projeto.

Não, ele já existia desde de antes. Mas o que eu observo é que naquela época, na época da segunda oficina em diante, existia quem estava no projeto, ou seja quem iria atuar e ganhar aquele certificado, mas corria paralelo a isso aquelas pessoas que estavam lá como voluntário, como trabalho voluntário, ou seja, que não iam ganhar o certificado por aquilo (algumas falas), não iam ganhar porque por exemplo, não iam alcançar o que hoje é setenta e cinco por cento de presença no projeto, naquela época nem era muito contado isso, mas que ainda assim queria atuar, e que estava sempre que possível nas atuações e nos EDPC. (P1, GF § 384).

E o que eu vejo hoje em dia é, que as pessoas já formadas palhaços que querem atuar como voluntário, ou seja aqueles que não tem como fazer parte do PalhaSUS como projeto, ainda assim para atuarem como voluntários no projeto elas precisam ter setenta e cinco por cento de presença. ” (P1, GF § 385).

Para os voluntários vincular um percentual de participação para profissionais ex-integrantes do projeto inviabiliza a participação da maioria, já que nem todos terão condições de participar todos os fins de semana e nem das reuniões da sexta-feira.

Pro cenário de prática eu concordo, mas eu não concordo que esse voluntário também tenha que está na reunião do colegiado gestor na sexta-feira. Então é, porque é que eu não concordo: primeiro porque para quem tá querendo atuar como voluntário que está fazendo parte do projeto inscrito, para ganhar certificado em cima disso, não faz sentido de estar no colégio gestor e segundo porque eventualmente a pessoa que quer está querendo ficar no PalhaSUS como voluntário as vezes ela tem um turno no fim de semana livre, porque pra gente é mais fácil ter um turno livre no fim de semana, sábado de manhã, de tarde ou no domingo, às vezes essa pessoa pode não ter a sexta-feira. (P1, GF § 386).

Apesar de existir esse discurso de que os certificados não foram entregues ou não estão disponíveis, mas isso na prática não é uma verdade, pois todos que precisavam e tinham direito podem solicitar e receber o seu certificado. Houve uma crítica de condicionar a entrega do certificado de extensão de um período, mediante o compromisso de atuar por um ano após a oficina, que isso seria um tipo de imposição por parte da coordenação e que não deveria existir; seria necessário haver um equilíbrio de percepção entre o que é necessário cumprir enquanto participação, o que é necessário comprovar dessa participação e o quanto reconhecer essa certificação e valorizar.

E não que o certificado fosse muito importante para aquela pessoa, que fosse a coisa mais importante da vida dela, que ela tivesse só no PalhaSUS só pelo certificado. Eu aumentei dez anos, ninguém passou dez anos eu sei, do projeto em si. Participei do projeto e nunca tive um certificado. E as vezes o que vale em si não é o certificado si, que aquela pessoa ficou no projeto apenas pelo certificado, mas que felizmente ou infelizmente o que rege nos em nossas vidas são papéis sejam eles de cédulas ou de moedas para a gente comprar coisas para viver para sobreviver, ou seja eles certificados, que tem que ter um diploma para dizer, “eu sou médico”, “eu sou terapeuta ocupacional”, é aquele papel que está comprovando que eu sou aquilo, muitas vezes. Mas assim eu acho que a contradição foi o cuidado que faltou com a gente, com esse cuidado. (P6, GF § 397).

Eu sei que é difícil e é diferente, eu não estou falando dos casos e das pessoas que queriam continuar no projeto, que queriam continuar no projeto como (P1) está falando. Eu sei que é complicado, que é difícil. Mas eu estou falando quem está no momento. O projeto realmente precisa das pessoas, que precisam entender o que é o projeto primeiro, e que realmente queiram estar no projeto que entendem o que é o projeto em si. Por isso que assim eu discordo com isso, dessa questão que diz: “ah o projeto tem cobrança, e eu sou cobrado e eu não vou porque estou sendo cobrado”. Eu acho que entender como é o processo, entender de verdade como é o projeto, faz como a pessoa queira estar no projeto. (P6, GF § 401).

Com relação aos certificados que **(P1)** falou, eu também acho muito ruim que quando você fala essa energia que no início entravam no projeto por amor, por querer fazer, você atuar naquele final de semana por amor, dá uma pena, porque hoje em dia eu não sinto, eu não sinto muito isso e quando eu sinto é bem pontual, uma vez ou outra. Então é uma pena e eu acho que essa questão de certificados a gente querer manter as pessoas somente pelo certificado, realmente a gente tem muito a pensar. (P12, GF § 404).

Existe uma crítica ao compromisso firmado no edital da última oficina de que os participantes só teriam o certificado mediante a manutenção em atividade por um ano concluída a oficina muitos e vêm atuando por obrigação para dar conta do certificado.

Que agora na última oficina é os participantes que iam, eles foram meio que, foi imposta a eles, imposta a eles de certa forma que assinassem um papel se comprometendo a ficar até junho de 2016, até junho? (Alguém responde agosto), agosto de 2016. Então, aí Aldenildo, o coordenador do projeto disse “está no edital, está no edital”, antes de eu me tornar bolsista o edital tinha sido elaborado e eu não tinha visto essa questão, e eu não vi essa questão. Ah eu me desconcentrei (ri e risos) meu Deus, (ri bastante). (P11, GF § 418).

Já na situação de bolsista foi avaliada uma maior exigência do extensionista, pois são mais horas de dedicação. Alguns acreditam que pelas exigências que essa atribuição traz, não é fácil dar conta. Foi também referido que não haveria uma facilidade maior de criticar o projeto e a coordenação

nesse papel, dando a entender que o voluntário se sente mais à vontade ao criticar o projeto e a coordenação.

Mas assim foi complicado a gente tentar se encaixar, e o como a gente poderia fazer e ser o projeto, e ao mesmo tempo quando veio as bolsas e tal, eu sentia que..., eu tentei a primeira seleção de bolsa, eu tentei e não passei, e aí depois achei que eu não deveria ter passado, porque eu sentia que exigia muito do bolsista e eu não ia ter aquele tempo para dar. E se eu tivesse de ter aquele tempo para dar, eu não ia conseguir dar com prazer e aquele amor, que ia ter sem ser bolsista. Então eu sempre gostei muito de ser solto no PalhaSUS, entendeu? Porque a relação de falar coisa de tirar onda com o próprio Aldenildo mesmo, foi muito mais tranquilo para mim porque eu não tinha responsabilidade, eu não tinha obrigação de parecer que tinha concordado com tudo aquilo que ele falou, com que ele pensou, isso e aquilo. Então sempre eu falava o que eu pensava mesmo, porque ..., não que achasse que o bolsista tivesse o rabo preso ou que tem que entender o que Aldenildo fala tal. Mas eu me sentia muito mais leve, entende., do que os bolsistas de falar que eu quisesse daquilo, tipo: “ah não é assim Aldenildo...”; “não acho que Aldenildo está pegando pesado”; “ah veja só eu acho que Aldenildo está pegando mais os bolsistas, não sei o que”. (P3, GF § 380).

6.3 PROJETO PALHASUS CARREGANDO O MUNDO NAS COSTAS. ATÉ QUANDO? O MUNDO DIMINUI, OU AS COSTAS AUMENTAM.

O PalhaSUS quer se envolver com muitas atividades, não dando conta e perdendo oportunidade de reforçar a identidade do projeto, como é o caso da formação permanente do palhaço que é uma coisa importante.

Uma contradição que as vezes o PalhaSUS quer abraçar o universo com as mãos, e realmente não tem mãos para isso, a cada mesmo que seja concebido Al perguntando: “e aí, vocês acham que é bacana?”. Mas a gente não consegue abraçar mesmo as coisas. Às vezes, como um tempo desse a gente ficou sofrendo com crise de identidade porque eu acho que uma das contradições que são gritantes que são de muito tempo é a questão da formação, assim, da formação que eu acho que hoje em dia a gente está tentando buscar investir mais nisso, mas que ainda fica faltando. (P6, GF § 398).

O crescimento do projeto traz coisas ruins, mas essa busca de compreender mais as ações e pensar mais a identidade do projeto foram questões importantes.

É em relação ao o que você falou existem pessoas sim, ativas posterior a você que não recebeu devido à presença o certificado. É teve um momento também no PalhaSUS que estava nessa de a gente ir realmente por amor, só que chegou uma época que esse ir por amor pouquíssimas pessoas estavam mantendo o cenário. E estava ficando que o por amor não estava dando

de conta dos cenários e também ficou essa coisa de a gente não sabia defender o que a gente fazia, pelo menos eu não sabia. E depois que o PalhaSUS teve essa expansão de tentar estudar o que está fazendo, hoje em dia eu posso sentar com qualquer pessoa e conversar e defender o que eu estou fazendo. Então esse crescimento pode ter trazido alguns malefícios? Sim. Mas também trouxe grandes benefícios para o PalhaSUS. (P10, GF § 429).

O PalhaSUS se constituindo projeto foi agregando novas práticas, novos objetivos que para alguns não foram bem compreendidos, um exemplo é a junção com outros projetos de extensão à época do PROGEPS.

E outra coisa que para mim foi muito difícil, foi na época, que eu nem sei, mas como é hoje em dia, na época em que o PalhaSUS começou a se juntar com os outros projetos, como é? Com PVP, era no PROGEPS, foi na época do PROGEPS. Foi muito estranho para mim naquela época. Porque a gente tinha umas reuniões que eram com o pessoal do PROGEPS, e iam quem quisesse, eu não lembro como era, mas as reuniões para mim eram muito estranhas. (P2, GF §372).

Eu não conseguia, eu não conseguia (alguém fala não mudou não, aí ela diz não mudou não?) Eu não conseguia entender qual era a minha função naquela reunião e qual era a função de juntar todo projetos, o que era exatamente o que a gente tinha que fazer (risos). Ai, não, mas eu achava. Não, entenda, não que não ache os

outros projetos importantes, e não é que ache que os projetos não tenham nada a ver. Eu acho que todos os projetos têm relação entre si, e que todos os projetos eram importantes. Mas as reuniões eu realmente não entendia como era para funcionar, eu sei que eu não conseguia me situar ali, eu entrava e saía sem entender. (P2, GF § 373).

Traz a incoerência por parte dos coordenadores dos projetos que estiveram juntos administrando os recursos do PROEXT, em que essa integração é feita com muitos conflitos.

Com relação com a integração com outros projetos eu também sinto muito, essa questão, a fala de **(P13)** me contemplou muito então eu vou me restringir até porque o horário. Mas tipo, eu sinto muito essa incoerência, das ideologias. Muita coisa deu certo, mas eu diria que esse ano, esse ano para o próximo a gente está estava partindo recurso para três os projetos. Então quer dizer temos um avanço, existe uma relação entre os três, sim, que o recurso só veio para um projeto, mas que com um acordo foi dividido para os três. E, mas assim, é ... a gente nota que quando é para resolver coisas mais burocráticas e as vezes nas relações entre os próprios extensionista, nessas reuniões do NEPOPS essas evidências, não existe. E eu falo por experiência própria que eu tive esse ano, não existe. Então é uma coisa lamentável que não tenha avançado desde o início, mas enfim os anos vão vim quem sabe a gente possa evoluir. Existem pessoas que acreditam muito que tentam fazer o contrário, mas a maioria e as vezes até entre os coordenadores que foi uma coisa

como a gente viu recentemente a gente ver essa incoerência, ainda. (P12, GF § 403).

Compreende-se a necessidade desse processo de expansão e associação a outros projetos, construindo parcerias, mas, aponta-se as dificuldades e as incompreensões que esse processo gerou.

Parece que o que foi difícil do PalhaSUS para mim foi virar projeto, juntar com projeto, e que era coisa que Aldenildo, e assim eu tenho claro que tudo que ia ser feito, Aldenildo passava para gente antes, “a gente vai virar projeto, a gente vai assumir novas responsabilidades”, “a gente tá com pessoal do PROGEPS então a gente tem novas responsabilidades, e novas responsabilidades que a gente tem que assumir”, “se a gente não quiser assumir como grupo a gente não vai entrar nessa”, “mas se a gente quer mais recursos, quer ampliar o projeto a gente tem que assumir essas responsabilidades”. Eu estou dizendo que não era necessário, eu estou dizendo que foi difícil”. (P2, GF § 375).

Em contrapartida, avalia-se que é necessário que o PalhaSUS se constituí como grupo articulado, pois quando as pessoas ficavam, à parte, mais restrito à atuação no cenário sem se articular com o grupão, havia um vazio na identidade e da compreensão do projeto como todo

E as vezes eu acho que as pessoas, eu mesmo passei uma época no PalhaSUS que não tinha discordância nenhuma e eu ia sair do PalhaSUS porque eu não estava nem me sentindo mais, me sentido do PalhaSUS. Porque eu deixei de

vim para as reuniões de EDPC, então não me sentia parte do grupo, eu me sentia parte daquele grupinho que estava lá naquele hospital, eu não me sentia parte daquele grupão em si. E aí eu acho que essas reuniões tipo está junto no colegiado gestor, tomando uma decisão do projeto com todo mundo junto, está discutindo temas que as vezes é altamente, assim diferente, que as vezes nem é tão discutido em outros lugares na graduação, todo mundo junto, num espaço em que as pessoas podem ser ouvidas, e isso assim que é bem importante para o projeto. (P6, GF § 399).

Apesar das dificuldades que o crescimento do projeto acarreta, em contrapartida a participação de forma mais orgânica, inclusive vendo as ações mais macro do projeto em eventos importantes acaba despertando um sentido e uma compreensão maior dessa prática e do projeto.

Mais ou menos... ela nunca sai do projeto, na verdade eu tava querendo sair do projeto, chegou o tempo certo e aí eu estava querendo sair do projeto e aí aconteceu o evento da do pessoal da saúde da família (IV Mostra Nacional da Atenção Básica e Saúde da Família), e aí eu comecei a compreender o PalhaSUS de outra maneira. Quando eu passei aquele tempo inteiro com o pessoal da família, eu fiquei três, quatro dias juntos, e eu vi outras maneiras de atuar, eu vi várias outras coisas. Aí quando voltou e teve uma nova seleção para ser bolsista e aí por eu estar tão motivada por esse processo, aí eu voltei e fiz a prova para ser bolsista e voltei como bolsista. (P6, GF § 410).

Há uma crítica pelo projeto acabar exigindo a demonstração de esforço, havendo uma incoerência, já que a metodologia do projeto não prega a meritocracia. Ao mesmo tempo em que esse processo organizativo para dar conta de todas as atividades, ações para atingir os objetivos do projeto acarreta uma burocracia grande e tomada de tempo, dificultando também na participação do extensionista.

É eu queria falar ainda sobre essa incoerência que o projeto tem, de na prática mesmo, por exemplo, como algumas coisas que, acho que não chegam a ser meritocracia, mas você para galgar algumas coisas, mas para estar mais à frente em algumas coisas, você tem que ter mais esforço, demonstrar mais esforço, mas presença, que são coisas que fazem parte do processo normal do projeto de extensão. Sendo que eu acho que é incoerente se a gente vem quebrando alguns paradigmas, a nossa metodologia, a nossa filosofia é outra. Então eu penso que seja incoerente, mas como já está mudado talvez não, não dá para voltar atrás, já está muito... o PalhaSUS já assumiu muitas coisas, e está em outro patamar. (P3, GF § 424).

O que enxergo também, é esse processo burocrático está ficando muito maior, que foi uma das coisas que não me fez, que eu não consegui voltar ainda esse ano de 2015 que eu estava pretendendo voltar, minha atuação. Eu via tanta burocracia na atual estrutura que eu: “gente, eu não vou conseguir acompanhar, não vou conseguir acompanhar”. E foi tão burocrático, chamativo que as vezes eu tento, que tenho curiosida-

de de saber se o PalhaSUS como era é o mesmo como o PalhaSUS de hoje. (P3, GF § 425).

Tentando ver uma saída para esse quadro de dificuldade, de dedicação ao projeto, alguns propõem que o projeto pode flexibilizar mais a carga horária e que talvez os conteúdos teóricos pudessem ser compartilhados dentro dos espaços mensais do EDPC. O grupo é uma questão importante de tentar manter os seus encontros, pois possibilita tratar temas, assuntos que muitas vezes não são e nem serão tratados em outros espaços da formação, mas será que esse processo grupal não poderia ser construído de forma mais flexibilizada que exigisse até uma menor frequência de encontros, é um questionamento presente.

É, não que a gente não precise saber o que é o PalhaSUS, não precise refletir humanização, não precise ler Paulo Freire, não precise ter embasamento teórico, que talvez fosse pouco feito antes e talvez seja uma coisa que precisa. Mas talvez antes a gente tinha o Encontro de Desenvolvimento do Palhaço Cuidador uma vez por mês no sábado e a gente não lia nada, e se cada encontro ficasse um texto para ler par o próximo encontro e a gente discutisse uma coisa teórica além de fazer alguma oficina. Sei lá, dividiu melhor o tempo e tivesse as duas coisas, em menos tempo, sabe? Eu não tô dizendo que a gente não precise do que é feito hoje em dia, mas talvez precise voltar a ser mais simples e se a gente não tem gente suficiente para abarcar três cenários de prática, e ter que segurar o pessoal com presença, a gente fique só no HU de volta, e fica tranquilo. Será que não é isso? Porque é assim, cada vez que a gente ia para um

novo cenário Aldenildo se reunia com o grupo e pergunta “o grupo aguenta?” Então se o grupo não aguenta, o grupo diz que não aguenta, e dizer “não Al, eu não estou disposta de ficar indo todo fim de semana, então acho que não dá mais certo eu me comprometer com mais coisa. É a palavra inicial do PalhaSUS é simplicidade e talvez a gente esteja pensando tanto sobre o PalhaSUS que a gente está perdendo a essência. Não sei se é, eu estou dizendo que foi o que o grupo pareceu. (P2, GF § 444).

Com essas características de rotatividade de pessoas no projeto e expectativas novas, acontecendo mediante demandas que chegam, é importante ter a consciência da necessidade de estar sempre se avaliando, caracterizando acertos e dificuldades e planejando os novos passos com, talvez, a única certeza do desejo de construir um ambiente promotor de mais momentos de felicidades para todos.

CAPÍTULO 7

FECHAM-SE AS CORTINAS, MAS O ESPETÁCULO NÃO PODE PARAR

Quando um espetáculo é concluído e as cortinas se fecham é hora de se recolher, arrumar detalhes que ficaram por trás das cortinas, descansar, avaliar de forma reflexiva como foi a atuação e, mediante os resultados dessa avaliação, retomar os ensaios, os treinos, na perspectiva de melhorar o próximo número.

É esse sentimento que tenho agora, um recolhimento. Tenho também o sentimento de alegria, felicidade e satisfação, pelo caminho percorrido e pela sensação de ter, dentro das possibilidades históricas as quais estou vivendo, concluir mais uma etapa em minha vida acadêmica e na história do projeto PalhaSUS.

O trabalho científico aqui concluído constitui um recontar de uma trajetória importante de minha vida.

A extensão universitária, por duas vezes, trouxe-me grande sentindo em minha vida. A primeira, ainda quando acadêmico, proporcionando um espaço de prática e ação na realidade, motivou, inclusive, o meu retorno ao curso de medicina e sua conclusão, além de ter me possibilitado conhecer minha esposa e companheira de sonhos e intervenção no mundo.

A segunda oportunidade, agora, no papel de docente, abre-me um cenário propício para driblar um ambiente frio, pouco amoroso e de disputas doentias, as quais caracterizam, muitas vezes, a universidade.

Chegar à UFPB trazendo em minha bagagem o meu palhaço Al, e ser agraciado com a possibilidade de realizar a Oficina do Riso em João Pessoa, reacende um colorido e um processo contínuo de renovar as esperanças frente às adversidades.

O projeto PalhaSUS, como pude constatar nesse estudo, é uma realização de um grupo. Não de um grupo permanente, mas que está sempre se renovando, já que como se constitui um elemento da formação para os estudantes, sempre temos esse movimento de entrada e saída.

Mas, observei que apesar desse fluxo, o projeto mantém princípios e coerência histórica com o passar dos anos. Claro que, como observado no estudo, com vivências de momentos difíceis de esvaziamento, de crises, de recomeços.

No seu propósito de possibilitar ações de cuidado humanizado, a ética da alegria, encontros afetuosos que promovem potência terapêutica, observamos que o projeto contempla: ofertar para a comunidade assistida, como para os estudantes, futuros profissionais, que constroem novos conhecimentos, desenvolver habilidades e atitudes que, muitas vezes, não são ofertadas no espaço de ensino.

Ao contar a história pregressa do PalhaSUS, e sistematizar a sua experiência até o presente momento, junto com os seus participantes, sem me afastar do projeto e das ações, numa perspectiva de uma pesquisa-ação, foi possível compreender melhor essa formação, suas características, seu resultado e suas dificuldades. Além de ampliar a fundamentação da base teórico-metodológica da mesma.

Da mesma forma, ao olhar e procurar explicitar o conceito da oficina, o Palhaço Cuidador, em sua singularidade e especificidade, da matriz de identidade do PalhaSUS, fui enxergando nuances nesse palhaço. O que lhe dá sua identidade, qual o seu papel e, em que bases teóricas ele se fundamenta.

Nesse aprofundamento foi muito positivo perceber e compreender que esse Palhaço Cuidador pode ser estudado a partir de várias formulações teórico-científicas, como da neotenia, corrente da biologia, as formulações de Augusto Boal, com o teatro do oprimido e a técnica do Arco-íris do desejo.

Fica clara a necessidade de que os estudos se aprofundem para a compreensão desse Palhaço Cuidador, e da sua matriz de identidade que é o projeto, bem como de sua repercussão das suas relações com as pessoas e cenários em que está inserido. Nesse sentido, a formação desse Palhaço Cuidador, instiga aprofundar a investigação em conhecê-lo a partir de aprofundar velhas e responder a novas questões, tais como:

Quem é esse ser político que atua nos territórios e espaços do Sistema Único de Saúde?

Quem é esse ser pedagógico, nas dimensões da memória educativa, da vivência e da relação técnico-teoria?

Como se expressa a dimensão estética desse ser enquanto vivência e função?

Como aprofundar o conhecimento desse ser terapêutico, a partir do reconhecimento de si, reconhecimento do outro e a ética da relação?

Como perspectiva de futuro instiga a mim, como protagonista, juntamente com os parceiros e estudantes, buscar uma organização para uma investigação mais contínua, buscando aprofundamentos que apontem caminhos para essas respostas. Numa perspectiva mais ampliada, em produzir conhecimentos e saberes no campo da palhaçaria e das artes voltadas para o espaço de saúde e educação.

Outro desafio que se apresenta, é buscar preencher lacunas no próprio projeto no sentido de superar obstáculos e corrigir algumas falhas. Entre elas, um maior protagonismo estudantil na

condução do projeto, a recomposição do colegiado gestor, através de sua estrutura organizativa, operacionalizando o circulograma.

O trabalho também apontou para o desafio de manter algumas questões importantes e fundamentais, como os momentos do cuidado do grupo, as ações de autocuidado, a promoção da saúde mental e construção de relações saudáveis, aspectos que contribuíram para a realização da primeira oficina e que continuam conferindo vigor à experiência.

Por fim, sistematizar essa experiência cumpre uma etapa importante que é possibilitar compartilhá-la. Para que tantos outros grupos possam acessar esse conhecimento produzido, como tive oportunidade de aprender, com os ainda escassos trabalhos que tratam da palhaçaria nos espaços de cuidado e educacionais. Abrese, também, o desafio de pensar uma formação para facilitadores da oficina do riso, com a metodologia desenvolvida, para que possamos ampliar mais a presença e a inserção desse Palhaço Cuidador na sociedade.

REFERÊNCIAS

ADAMS, P. e MYLANDER M. **A terapia do amor**. Edição traduzida. Rio de Janeiro/RJ: Mondrian, 2002.

ASSMANN, Hugo; SUNG, Jung Mo. **Competência e Sensibilidade Solidária**: educar para a esperança. São Paulo: Editora Vozes, 2000. 331p.

ALMEIDA, Inês Maria Marques Zanforlin Pires de. O Ser infante e o Ser professor na memória educativa escolar. In: **COLOQUIO DO LEPSI IP/FE-USP**, 4, 2002. São Paulo. Anais eletrônicos. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=MSC0000000032002000400011&Ing=pt&nrm=abn>. Acesso em: 26 ago. 2016.

BEISIEGIEL, C.R. Ensino público e Educação Popular. In: PAIVA, V.P. (Org.). **Dilemas e Perspectivas da Educação Popular**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

BRASIL. Secretaria Geral da Presidência da República. Departamento de Educação Popular e Mobilização Cidadã. **Marco de Referência da Educação Popular para as Políticas Públicas**. Brasília/DF, 2014.

BOAL, A. **O arco-íris do desejo: Método Boal de teatro e terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo/SP: Cortez e Moraes, 1977.

CANDA, C. N. **Paulo Freire e Augusto Boal: diálogos entre educação e teatro**. Holos Ano 28, v.4, p.195-205, 2012.

COSTEIRA, A. A. M.F; NASCIMENTO, J.A.; MATIAS, J.A.G; CARVALHO, L.E. Projeto de Extensão PalhaSUS : O Palhaço Cuidador desenvolvendo a pratica da educação popular. In: **Anais do II**

Seminário Nacional de Pesquisa em Extensão Popular. Editora UFPB: João Pessoa, 2013. CD.

FÁVERO, O. Paulo Freire, Movimentos Sociais e Educação de Jovens e Adultos. In: STRECK, D. R. e ESTEBAN, M. T. (Orgs.). **Educação Popular: lugar de construção social coletiva.** Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FERRI, S.M.N. et al. **As tecnologias leves como geradoras de satisfação em usuários de uma unidade de saúde da família saúde.** Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.11, n.23, p.515-29, set/dez 2007.

FLEURI, R. M., COSTA, M. C. V. **Travessia:** questões e perspectivas emergentes na pesquisa em educação popular. 2. ed. rev. e amp. Ijuí: Unijuí, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M e TORRES, C. A. (Org.). **Educação Popular:** Utopia latino-americana, São Paulo: Cortez, 1994.

GASPAR, Lúcia. **Movimento de Cultura Popular.** Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 04 abr. 2016.

GOHN, M. G. Educação Popular e Movimentos Sociais. In: STRECK, D. R. e ESTEBAN, M. T. (Org.). **Educação Popular:** lugar de construção social coletiva. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; ALMEIDA, W. C. **Lições de Psicodrama:** introdução ao pensamento de J. L. Moreno. 7. ed. São Paulo: Ágora, 1988.

GONSALVES, E. P. **Da Ciência e de Outros Saberes:** Trilhas da Investigação Científica na Pós-Modernidade. 1. ed. Campinas/SP: Editora Alínea, 2004.

GUEVARA, N. Educação Popular no século XXI. In: UNESCO. **Educação Popular na América Latina**: diálogos e perspectivas. Brasília: UNESCO, CEAAL, MEC, 2005.

HOEBEL, E. A.; FROST, E. L. **Antropologia cultural e social**. 7ª edição. São Paulo/SP: Cultrix, 2005.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. 2. ed. Brasília: MMA, 2006.

LAURELL, A. C.; NORIEGA, M. **Processo de Produção e Saúde**: Trabalho e desgaste operário. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

MASETTI, M. **Boas Misturas**: a ética da alegria no contexto hospitalar. São Paulo: Palas Athena, 2003.

MATURANA, H. R. e VERDEN-ZOLLER, G. **Amar e Brincar**: Fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MEJIA, M.R. Aprofundar na Educação Popular para construir uma globalização desde o sul. In: UNESCO. **Educação Popular na América Latina**: diálogos e perspectivas. Brasília: UNESCO, CEAAL, MEC, 2005.

MELO NETO, José Francisco de. **Extensão Popular**. 1. ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2006. v. 1. 97p.

MELLO, D. F.; LIMA, R. A.G. **O cuidado de enfermagem e a abordagem winnicottiana**. Disponível em: < <http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/2979>> Acessado em: 30 abr. 2016.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**. 5. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

MORENO, J. L. **Psicodrama**, 10. ed. São Paulo/SP: CULTRIX, 2006.

_____. **Psicoterapia de Grupo**. 1. ed. São Paulo/SP: Editora Mestre Jou, 1974.

____ **O teatro da espontaneidade.** 1. ed. São Paulo/SP: Editora Ágora, 2012.

NAHMÍAS, M. T. Os desafios da Educação Popular frente à diversidade e à exclusão. In: **UNESCO.** Educação Popular na América Latina: diálogos e perspectivas. Brasília: UNESCO, CEAAL, MEC, 2005.

NARANJO, J. C. S. e col. **El humor como estrategia terapéutica en niños hospitalizados en unidades pediátricas en Pereira (Colombia) Reporte de una experiencia.** Rev. Colomb. Psiquiat., v. 38, n. 1, 2009.

OSHO (compilado por WADUD, S. D.) **Meditação:** A primeira e última liberdade. Santa Maria/RS: Shanti Editora, 1989.

PAIVA, V.P. Introdução. In: PAIVA, V.P. (Org.). **Dilemas e Perspectivas da Educação Popular.** Rio de Janeiro: Graal, 1986.

PALHASUS. **Projeto PalhaSUS.** Disponível em: <http://sigproj1.mec.gov.br/projetos/imprimir.php?modalidade=0&projeto_id=201593&local=home&modo=1&original=1> Acesso em: 20 maio 2016.

PUIGGRÓS, A. Historia y Prospectiva de la educación popular latino-americana. In: GADOTTI, M. e TORRES, C.A. **Educación Popular:** latino-americana. São Paulo: Cortez, 1994.

SILVA, E. **Circo-teatro:** Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil. São Paulo: Altana, 2007.

STRECK, D. Territórios de resistência e criatividade: reflexões sobre os lugares da Educação Popular. In: STRECK, D. R. e ESTEBAN, M. T. (Org.). **Educación Popular:** lugar de construção social coletiva. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

TORRES, A. A Educação Popular como prática política e pedagógica. In: STRECK, D. R. e ESTEBAN, M. T. (Org.). **Educación Popular:** lugar de construção social coletiva. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

UCHÔA, E.; VIDAL, J. M. **Antropologia Médica: Elementos Conceituais e Metodológicos para uma Abordagem da Saúde e da Doença**. Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 10 (4): 497-504, out/dez, 1994.

UNESCO. La educacion de personas jovens y adultas: prioridades de accion em el siglo 21. 2000.

VÁRIOS. Educación Popular em América Latina: crítica y perspectivas. In: GADOTTI, M. e TORRES, C.A. **Educação Popular; utopia latino-americana**. São Paulo: Cortez, 1994.

VASCONCELOS, E. M. e CRUZ, P. J. S. C. (Orgs). **Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência**, 1. ed. São Paulo/SP: Hucitec; João Pessoa/PB: Editora Universitária da UFPB, 2011.

WANDERLEY, L. E. W. **Educação popular**. São Paulo: Cotez, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE I - ROTEIRO PARA CONDUÇÃO DO GRUPO FOCAL

Como você contaria a história do PalhaSUS e do seu encontro com este projeto?

O que a Oficina do Riso lhe trouxe como experiência para sua vida e sua formação?

Como você percebe a dinâmica de funcionamento do projeto?

Qual o sentido do trabalho do palhaço cuidador no projeto PalhaSUS?

Que distinção você faz entre o palhaço cuidador e os outros palhaços?

Qual a importância do projeto PalhaSUS e do papel de palhaço cuidador para a sua vida e a sua formação profissional?

Qual a importância do projeto PalhaSUS para as comunidades onde ele atua ao longo desse tempo?

De que maneira o trabalho do palhaço cuidador interfere no cuidado (no sentido terapêutico) dos pacientes ou usuários?

De que maneira o trabalho do palhaço cuidador interfere/ influencia no trabalho dos profissionais dos cenários de prática da atuação do PalhaSUS?

De que maneira a ação do palhaço cuidador atua no sentido de proporcionar transformações sociais?

Aldenildo Araujo de Moraes Fernandes Costeira

Uma décima primeira questão foi acrescida ao roteiro por ocasião do segundo encontro do grupo focal, ao término, que foi:

Quais são as contradições que o projeto vive ou viveu nas suas diversas fases?

AGRADECIMENTOS

Agradeço,

A Deus, Pai todo amoroso, que mesmo em momentos de ausência me orientou com seu silêncio.

Aos meus pais, Manoel Costeira (*in memoriam*) e Geny Costeira, que me ensinaram os significados importantes na vida e que em seu propósito de me possibilita a melhor herança, me educaram.

A todos os meus antepassados que, sem os quais, em tempos remotos e lugares que nem imagino tenham andado, não haveria a minha existência biológica.

A Janine, minha esposa, cocriadora e realizadora de muitos sonhos, cujo amor incessante por muitas vezes fez-me erguer e continuar acreditando na vida.

As minhas filhas, Jessica e Jade, que representam o maravilhoso presente de Deus em minha vida, e que me fazem refletir como posso ser uma pessoa sempre melhor.

Aos meus irmãos, tias, tios, primos, primas, e toda família extensiva, que sempre são referências de apoio e acolhida.

A Vera Dantas e Hélio Junior, amigos que possibilitaram o encontro com o teatro de rua.

A Luiz Odorico Monteiro de Andrade e a Ivana Cristina Barreto, meus padrinhos, amigos, que possibilitaram a realizações de muitos sonhos.

Aos arte-educadores Gaudêncio Siqueira, Zeca Gonçalves, Martônio Holanda, Willian Rodrigues, Elir Duarte, Emanuel Cruz, e a todos meninos e meninas do Circo Saúde

Alegria de Sobral, companheiros de caminhada em projetos nos campos da arte e da saúde.

A Antônio Honorato Filho, Fátima, sua esposa, que possibilitaram o sonho e construção da oficina do riso.

Aos professores Eymard de Vasconcelos, Severino Lima, Pedro Cruz, e Wladimir Nunes, através dos quais agradeço a todos os professores da UFPB que diretamente e indiretamente colaboram comigo e com o projeto PalhaSUS.

A professora Elisa Pereira Gonsalves, amiga de juventude no momento estudantil, com quem tive o prazer do reencontro, a qual me deu total confiança e apoio, como minha orientadora dessa obra.

A todos os Palhaços Cuidadores egressos de todas as oficinas do riso, com quem muito aprendi.

E a todos os colegas de mestrado com quem pude conviver e aprender muito.



COLEÇÃO VEPOP-SUS

Livros publicados ou republicados com apoio do Projeto de Pesquisa e Extensão VEPOP-SUS

(Livros a serem publicados podem sofrer alterações)

A prática da meditação integrativa na terceira idade: um estudo sobre educação popular em saúde e espiritualidade. Adilson Marques. Círculo de São Francisco, 2017.

Caderno de Extensão Popular: textos de referência para a extensão universitária. Projeto de Pesquisa e Extensão VEPOP-SUS. Editora do CCTA, 2017.

Caminhos da aprendizagem na Extensão Universitária: reflexões com base em experiência na Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP). Pedro José Santos Carneiro Cruz, Eymard Mourão Vasconcelos. HUCITEC Editora, 2017.

Comunidade: experiências extensionista. Anna Carolina Martins Silva, Ana Cristina Passarella Brêtas, Carmem Lúcia Albuquerque de Santana (organizadoras). Páginas & Letras Editora e Gráfica, 2014.

Conversidade: diálogo entre universidade e movimentos sociais. Reinaldo Matias Fleuri. Editora do CCTA, 2018.

Educação ambiental dialógica as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina. João B. A. Figueiredo. Editora da UFC, 2017.

Educação Intercultural e Movimentos Sociais - Trajetória de pesquisas da Rede Mover. Reinaldo Matias Fleuri. Editora do CCTA, 2017.

Educação intercultural e formação de educadores. Reinaldo Matias Fleuri. Editora do CCTA, 2018.

Educação popular e atenção à saúde da família, 6ª edição. Eymard Mourão Vasconcelos. HUCITEC Editora, 2015.

Educação popular em economia solidária. José Francisco de Melo Neto e Maurício Sardá (organizadores). Editora CCTA. 2016.

Educação Popular em Saúde: desafios atuais. Grupo Temático de Educação Popular em Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO). HUCITEC Editora, 2018.

Educação Popular e Práticas Sociais: ação, processo formativo e construção do conhecimento. Renan Soares de Araújo, Pedro José Santos Carneiro Cruz (organizadores). Editora CCTA, 2018.

Educação popular e nutrição social: reflexões e vivências com base em uma experiência. Pedro José Santos Carneiro Cruz, Ana Claudia Cavalcanti Peixoto de Vasconcelos, Luciana Maria Pereira de Sousa, Adriana Maria Macedo de Almeida Tófoli, Daniela Gomes de Brito Carneiro, Islany Costa Alencar (Organizadores). Editora da UFPB, 2014.

Educação popular e formação em saúde na perspectiva do palhaço cuidador: estudo com base em um projeto de extensão. Aldenildo A. de Moraes Fernandes Costeira. Editora CCTA, 2018.

Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência. Eymard Mourão Vasconcelos, Pedro José Santos Carneiro Cruz (Organizadores). HUCITEC Editora, Editora da UFPB, 2011.

Educação popular na universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP). Pedro José Santos Carneiro Cruz, Marcos Oliveira Dias Vasconcelos, Fernanda Isabela Gondim Sarmento,

Murilo Leandro Marcos, Eymard Mourão Vasconcelos (Organizadores). HUCITEC Editora, Editora da UFPB, 2013.

Educação Popular na universidade: reflexões e vivências da Articulação Nacional de Extensão Popular (ANEPOP), volume 2. Luciana Maria Pereira de Sousa, Islany Costa Alencar, Lucas Emmanuel de Carvalho, Pedro José Santos Carneiro Cruz (Organizadores). Editora do CCTA, 2017.

Educação Popular no Sistema Único de Saúde. Projeto de Pesquisa e Extensão VEPOP-SUS. HUCITEC Editora, 2018.

Espiritualidade no trabalho em saúde, 2ª edição. Eymard Mourão Vasconcelos (Organizador). HUCITEC Editora, 2015.

Extensão popular, 2ª edição. José Francisco de Melo Neto. Editora da UFPB, 2014.

Extensão popular: caminhos para emancipação. Emmanuel Fernandes Falcão. Editora do CCTA, 2018.

Extensão popular: caminhos em construção. Pedro José Santos Carneiro Cruz, Daniela Gomes de Brito Carneiro, Adriana Maria Macedo de Almeida Tófoli, Ana Paula Espíndola Rodrigues, Islany Costa Alencar (Organizadores). Editora do CCTA, 2017.

Extensão Popular: caminhos em construção – volume 2. Renan Soares de Araújo, Bruno Oliveira de Botelho (organizadores). Editora do CCTA, 2018.

Extensão popular: educação e pesquisa. José Francisco de Melo Neto, Pedro José Santos Carneiro Cruz (Organizadores). Editora do CCTA, 2017.

Extensão, saúde e formação médica. Pedro José Santos Carneiro Cruz e Mário César Soares Xavier Filho (Organizadores). Editora do CCTA, 2017.

Formação em educação popular para trabalhadores da saúde. Vera Joana Bornstein, Ângela Alencar, Bianca Borges da Silva Leandro, Etel

Matielo, Grasielle Nespoli, Irene Leonore Goldschmidt, José Mauro da Conceição Pinto, Julio Alberto Wong Un, Marcelo Princeswal, Marcio Sacramento de Oliveira, Osvaldo Peralta Bonetti, Ronaldo Travassos, Tereza Cristina Ramos Paiva, Thayna Trindade (Organizadores). EPSJV, 2017.

PalhaSUS: luta que se faz com cuidado e amorosidade. Aldenildo A. de Moraes Fernandes Costeira, Benedito Clarete de Vasconcelos, Janine Azevedo do Nascimento. Editora CCTA, 2018.

Perplexidade na universidade: vivências nos cursos saúde, 2ª edição. Eymard Mourão Vasconcelos, Lia Haikal Frota, Eduardo Simon (Organizadores). HUCITEC Editora, 2015.

Saúde nas Palavras e nos gestos, 2ª edição. Eymard Mourão Vasconcelos, Ernande Valentin do Prado (Organizadores). HUCITEC Editora, 2017.

Universidade popular – extensão, ensino e pesquisa. José Francisco de Melo Neto. Editora do CCTA, 2017.

Vivências de Extensão em Educação Popular no Brasil. Volume 1 - Extensão e formação universitária: caminhos, desafios e aprendizagens. Projeto de Pesquisa e Extensão VEPOP-SUS. Editora do CCTA, 2018.

Vivências de Extensão em Educação Popular no Brasil. Volume 2 - Extensão e Educação Popular na reorientação da formação em saúde. Projeto de Pesquisa e Extensão VEPOP-SUS. Editora do CCTA, 2018.

Vivências de Extensão em Educação Popular no Brasil. Volume 3 - Extensão e Educação Popular na reorientação de práticas, políticas e serviços de saúde. Projeto de Pesquisa e Extensão VEPOP-SUS. Editora do CCTA, 2018.

Vivência em comunidade: outra forma de ensino, 2ª edição. Emmanuel Fernandes Falcão. Editora da UFPB, 2014.